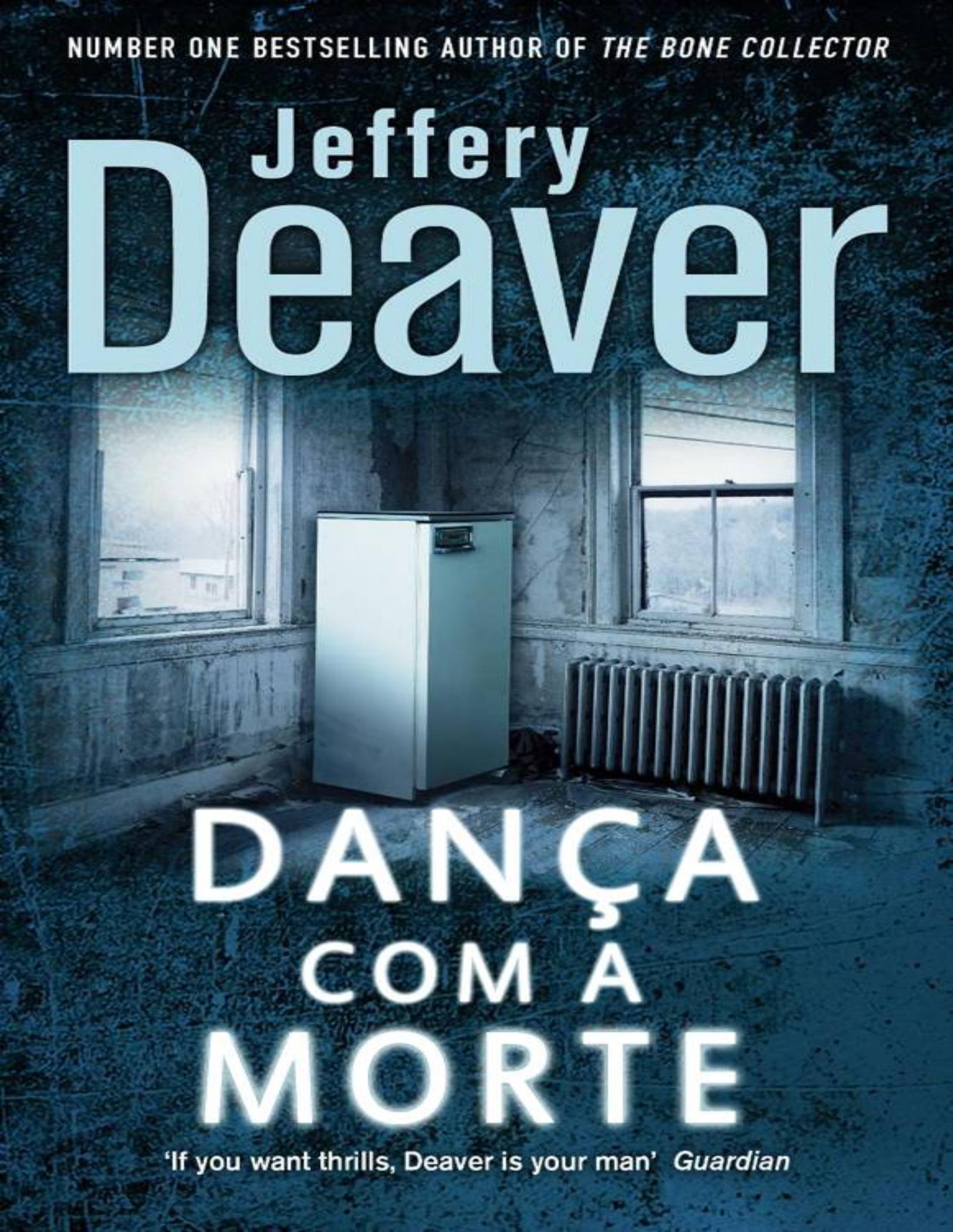


NUMBER ONE BESTSELLING AUTHOR OF *THE BONE COLLECTOR*

# Jeffery Deaver

A photograph of a room with a metal cabinet and a radiator. The room has two windows, one on the left and one on the right. The walls are peeling and the floor is concrete. The lighting is dim and blue-tinted.

## DANÇA COM A MORTE

'If you want thrills, Deaver is your man' *Guardian*

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

***JEFFERY DEEVER***

***Dança com a***  
***MORTE***

Formatação ePub de LeYtor

**READER DIGEST**

2000

O experiente criminalista Lincoln Rhyme sabe como antever os passos de um louco brilhante: sentir o que ele sente, andar como ele anda, pensar como ele.

Desta vez, porém, a coisa é diferente.

# CAPÍTULO UM

**Q**UANDO Edward Carney despediu-se de sua esposa Percey, não imaginou que a estivesse vendo pela última vez.

Entrou em seu carro, estacionado numa preciosa vaga na rua 81 Leste, e logo estava penetrando no trânsito cerrado de Manhattan. Observador, notou a van preta parada a alguma distância de sua casa. Uma van de vidros espelhados, salpicados de lama. Ao passar pelo veículo de aparência maltratada, reconheceu a placa de West Virgínia e percebeu que era a mesma que vira passando pela rua nos últimos dias. Mas conforme o fluxo dos carros foi se normalizando, Carney pisou no acelerador para aproveitar os últimos segundos de um sinal amarelo e esqueceu-se completamente da van. Pouco depois já percorria a rodovia rumo ao norte.

Vinte minutos mais tarde, pegou o telefone no painel do carro e ligou para casa. Começou a ficar preocupado quando Percey não atendeu. Ela fora escalada para fazer aquele voo ao lado dele. Na noite anterior, tinham tirado cara ou coroa para decidir quem pilotaria, e ela tinha ganhado, dando-lhe um daqueles sorrisos de triunfo que eram sua marca registrada. Às 3:00h da manhã, todavia, ela acordou com uma enxaqueca terrível, a única doença capaz de deixá-la de cama. Tiveram de ligar para um co-piloto para substituí-la, e voltaram a dormir.

Aos 45 anos, Edward Carney era um sujeito esguio, que ainda usava o cabelo aparado ao estilo militar. Com a cabeça inclinada, ficou escutando o telefone chamar insistentemente, a quilômetros de

distância, Quando a secretária eletrônica começou a responder, ele pousou o fone, um tanto preocupado.

Ao chegar às instalações da Hudson Air, no Aeroporto de Mamaroneck, em Westchester, encontrou um bolo pronto para comemorar o novo contrato assinado pela companhia. Fatias foram distribuídas entre os 10 ou 12 funcionários presentes, e Carney comeu distraidamente a sua enquanto conversava sobre o voo com Ron Talbot, cuja barriga proeminente sugeria um gosto especial por doces, embora sua dieta básica consistisse em café e cigarros. Talbot, que acumulava as funções de gerente de operações e gerente comercial da empresa, estava preocupado com o possível atraso da carga, e se perguntava se teria cobrado o preço mais acertado. Carney estendeu-lhe o resto de sua fatia de bolo e recomendou que relaxasse.

Voltou a pensar em Percey e dirigiu-se ao escritório, onde pegou o telefone. Nada de resposta, mais uma vez. A preocupação começou a se transformar em alarma. Pessoas que trabalham por conta própria nunca deixam de atender o telefone. Ele pousou o aparelho e considerou a possibilidade de ligar para algum vizinho para verificar se estava tudo em ordem. Mas nesse instante um enorme caminhão branco parou diante do hangar, em frente à janela do escritório, e dele desceu Tim Randolph, o co-piloto. Eram 6:00h da manhã, hora de pôr mãos à obra.

Lauren, a assistente de Talbot, aproximou-se de Carney usando um vestido azul que combinava com o logotipo da Hudson — a silhueta de um falcão sobrevoando um globo terrestre estilizado. A morena alta encostou-se em Carney e murmurou:

— Vai estar tudo bem, não vai?

— Sim, fique tranquila — disse ele.

Os dois se abraçaram por um momento. Ela lhe ofereceu um pedaço de bolo para comer durante o voo, mas ele recusou. Queria sair dali. Queria afastar-se daquela comemoração, daquele clima emotivo. Queria levantar voo e deixar tudo para trás.

E logo ele estava no ar, a cinco mil metros de altura, pilotando um Lear 35A, o melhor jato particular já fabricado: prateado, reluzente, esguio como uma lança. Seguia em direção ao nascente, onde um enorme disco alaranjado se elevava por entre enormes nuvens turbulentas, vermelhas e cor-de-rosa, onde se derramavam nêgas douradas de luz.

Os 1.100km até o aeroporto de O'Hare foram vencidos em menos de duas horas. O aeroporto de O'Hare é o mais movimentado do mundo, e a torre de controle colocou o Lear numa trajetória estática a oito mil pés de altitude, sobrevoando os subúrbios do lado oeste de Chicago.

Dez minutos depois, enquanto contemplava os pontos cintilantes das estrelas no céu metálico, Carney refletia: Veja, Percey, são todas as estrelas da noite... Nesse instante, teve o que foi provavelmente o único impulso antiprofissional de toda a sua carreira. Sua preocupação com Percey aumentou como uma febre repentina. Precisava desesperadamente falar com ela.

— Pegue os comandos — disse ele a Tim.

— Positivo — respondeu o co-piloto, assumindo o manche.

Do rádio da cabine emergiu a voz do operador de tráfego aéreo:

— Nono Charlie Juliet, descer a quatro mil pés. Manter direção.

— Positivo, Chicago — disse Tim. — Descendo de oito para quatro. Carney mudou a frequência do seu rádio para fazer uma chamada direta para o escritório da empresa. Quando conseguiu Ron Talbot do outro lado da linha, pediu para transferir a ligação para sua casa. Enquanto esperavam, ele e Tim repetiram a checagem rotineira de descida, verificando a velocidade e os flaps. Tim ergueu o microfone e falou:

— Chicago, aqui Nono Charlie Juliet, passando de cinco para quatro. Carney escutou, em sua própria linha, o ruído do telefone começando a tocar em sua casa, a centenas de quilômetros de distância.

"Vamos, Percey, atenda. Onde está você? Por favor..." O controlador de tráfego voltou a falar.

— Nono Charlie Juliet, reduzir velocidade para um-oito-zero. Contactar a torre. Boa noite.

— Positivo, Chicago. Um-oito-zero nós. Boa noite.

O telefone tocou pela terceira vez. "Onde está ela? O que há de errado?"

O nó que ele sentia na boca do estômago tornou-se mais apertado.

Os turboventiladores começaram a emitir um ruído áspero. As engrenagens hidráulicas puseram-se em movimento com um

gemido. Após alguns segundos de estática, Carney escutou um clique do outro lado da linha.

Era a voz de sua mulher:

— Alô?...

Ele soltou uma risada de alívio. Começou a falar, mas nesse instante o avião sofreu um abalo violento, tão forte que numa fração de segundo os fones de ouvido foram arrancados de sua cabeça. Fagulhas e estilhaços de metal tomaram a cabine.

Aturdido, Carney agarrou instintivamente o manche descontrolado, usando a mão esquerda: sua mão direita havia desaparecido. Virou-se para Tim a tempo de vê-lo sumir através do rombo aberto na fuselagem.

— Oh, não, por favor, não...

Nesse instante a cabine inteira foi arrancada da fuselagem destrocada do avião, deixando as asas e os motores para trás, envoltos numa bola de fogo.

— Oh, Percey... — murmurou Carney, mas não havia mais nenhum microfone para captar suas últimas palavras.

ERAM DO TAMANHO de asteróides, e da tonalidade amarelada de ossos humanos.

Os grãos de areia cintilavam na tela do monitor. O homem sentado ao computador estava inclinado para a frente, com o pescoço dolorido, os olhos semicerrados de concentração.

À distância, ouviram-se trovões. O céu da manhã estava tingido por matizes de amarelo e de verde; uma tempestade estava se aproximando. Aquela era a primavera mais úmida de que se tinha notícia.

Grãos de areia...

— Ampliar — disse ele, e obedientemente a imagem no monitor duplicou de tamanho.

"Coisa estranha", pensou ele.

— Descer cursor. Pare.

Voltando a inclinar-se para a frente, ele estudou a imagem com interesse.

"A areia é um paraíso para o criminologista", refletiu Lincoln Rhyme. Formada de minúsculos fragmentos de rocha, tem a abençoada tendência de aderir às roupas do suspeito como tinta pegajosa, estabelecendo uma ligação inquestionável entre criminoso e vítima. Ela também fornece inúmeras pistas sobre os lugares por onde o suspeito andou. Areia opaca indica que ele esteve no deserto. Areia clara significa praia. Obsidiana, Havaí. Quartzo, Nova Inglaterra.

Mas Rhyme não tinha a menor idéia de onde teria vindo este tipo específico de areia. A maior parte das areias da área de Nova York era de quartzo e feldspato. Rochosa no estreito de Long Island, poeirenta no Atlântico. Mas esta era uma areia de grãos brancos, reluzentes, irregulares, misturada a minúsculas esferas vermelhas e anéis brancos que se assemelhavam a rodela de lula. Aquele quebra-cabeça mantivera Rhyme acordado até as 4:00h da manhã.

Ele tinha acabado de enviar uma amostra para um colega que trabalhava no laboratório criminal do FBI, em Washington.

Um movimento na janela atraiu seu olhar. Seus vizinhos — dois falcões peregrinos pequenos e parrudos — preparavam-se para ir caçar no Central Park. "Os pombos que se cuidem", pensou Rhyme, mas logo um ruído o fez virar a cabeça.

Passos subiam apressadamente a escada. Thom tinha permitido a entrada de visitantes, e Rhyme não gostava de visitas. Olhou aborrecido na direção do saguão. Dos vultos se aproximavam — um deles era corpulento, o outro não.

Uma batida rápida na porta entreaberta, e os dois entraram. Lon Sellitto era um detetive de primeiro escalão na polícia de Nova York. Ao lado dele vinha seu parceiro, o pequenino Jerry Banks, vestido com apuro num terno em xadrez cinza, estilo escocês, e com o topete louro empapado de fixador.

O homem mais volumoso relanceou os olhos em torno do quarto que Rhyme ocupava no segundo andar.

— Há qualquer coisa diferente aqui, Linc — disse ele. — O que é?

— Nada — respondeu Rhyme.

— Espere aí, já sei — disse Banks. — O lugar está limpo.

— Claro que está limpo — disse Thom, entrando no quarto por trás deles. Vestia calças marrom-claras imaculadamente passadas, camisa branca, e uma gravata colorida que Rhyme considerava muito espalhafatosa, embora ele próprio a tivesse comprado pelo

correio. O ajudante estava a serviço de Rhyme há vários anos; mesmo tendo sido despedido duas vezes e pedido demissão uma vez, sempre fora recontratado pelo criminalista. Thom entendia de quadriplegia tanto quanto um médico. Rhyme costumava chamá-lo, dependendo do seu estado de espírito, de "minha mãe" ou "meu castigo".

Thom circundou os dois visitantes e prosseguiu:

— Ele não gostou muito, mas chamei as moças da Molly Maids para fazer uma faxina geral. Passou um dia sem falar comigo.

— O lugar não precisava de limpeza — disse Rhyme. — E agora não consigo encontrar mais nada.

— Mas ele não precisa encontrar nada — retomou Thom. — É para isso que estou aqui.

Não havia clima para prosseguir na discussão, e Rhyme voltou o seu rosto de traços regulares na direção de Sellitto.

— Muito bem — disse. — Do que se trata?

— Pegamos um caso. Talvez você possa ajudar.

— Estou muito ocupado.

— O que é aquilo? — perguntou Banks com um gesto, indicando o novo computador ao lado da cama de Rhyme.

— Ah... — disse Thom, com um entusiasmo cheio de ironia. — Ele agora está utilizando tecnologia de ponta. Mostre a eles, Lincoln.

— Eu não quero mostrar coisa nenhuma.

— Mostre como funciona — insistiu Thom.

— Não quero — retrucou Rhyme em tom brusco.

— Ele está encabulado — disse o jovem ajudante. — Não sei por que está agindo desse modo. Ainda ontem parecia muito orgulhoso do equipamento.

— Não é nada disso.

Naquele instante, a única coisa que interessava a Lincoln Rhyme eram os anéis microscópicos de lula e a areia a que estavam misturados. Thom prosseguiu:

— Há um microfone embutido no computador. O computador obedece às ordens dele.

Na verdade, Rhyme estava mais do que orgulhoso com o computador, que tinha um processador velocíssimo e um software capaz de reconhecer e entender suas ordens verbais. Bastava-lhe falar em voz alta para manobrar o cursor na tela com a mesma mobilidade de alguém usando um mouse ou um teclado. Através do mesmo sistema, Rhyme podia aumentar ou diminuir o aquecimento do quarto, ligar e desligar as luzes, controlar a TV e o aparelho de som e fazer chamadas telefônicas.

— Pode até escrever música — disse Thom aos visitantes.

— Oh, isso sim é algo muito útil — comentou Rhyme com sarcasmo. — Escrever música!

Para um tetraplégico tipo C-4 — a lesão de Rhyme tinha sido na quarta vértebra cervical — era fácil assentir com um gesto da cabeça. Ele conseguia também encolher os ombros, embora sem dar a esse movimento toda a carga de desdém que gostaria. A sua

terceira acrobacia circense consistia em mover o anular da mão esquerda alguns milímetros em qualquer direção.

— Também serve para games — disse Thom.

— Não gosto de games. Nunca jogo.

Sellitto, cuja aparência lembrava a Rhyme uma enorme cama desarrumada, olhou para o computador e não pareceu muito impressionado.

— Estamos com um caso problemático, Lincoln — disse ele. — Formamos uma força-tarefa com os federais para dar conta dele.

— E estamos num beco sem saída — acrescentou Banks.

— E achamos que você ia querer nos ajudar — completou Sellitto.

— Estou envolvido noutra trabalho — Rhyme replicou. — Na verdade, é um trabalho para Fred Dellray.

O agente especial Fred Dellray, um veterano do FBI, era uma espécie de coordenador da maior parte dos agentes secretos do escritório do FBI em Manhattan. Ele próprio tinha sido um dos principais agentes secretos do departamento, e recebera menções de louvor por investigações que realizara infiltrando-se em grupos que iam desde os traficantes de drogas do Harlem até as organizações de militantes negros.

— Um dos agentes de Dellray desapareceu — completou Rhyme.

— Ele nos disse — falou Banks. — Um caso bem esquisito.

Rhyme revirou os olhos diante da expressão usada pelo outro, mas achou melhor não questioná-la. Há poucos dias o agente secreto Tony Panelli desaparecera de seu carro, perto do edifício Federal, na parte baixa de Manhattan, por volta das 9:00h da noite. O carro fora encontrado com o motor ligado e as portas abertas. Nenhuma mancha de sangue, nenhum indício de tiros disparados, nenhuma testemunha. Danado de esquisito, sem dúvida.

Dellray tinha à sua disposição os melhores departamentos criminais, entre eles o PERT, a Equipe de Investigação de Evidências Físicas. Mas o PERT fora criado por Rhyme, e era a ele que Dellray recorrera para trabalhar naquele caso. O investigador que trabalhara na cena do desaparecimento estava agindo em conjunto com Rhyme. Passara um pente fino no carro de Panelli, sem encontrar nenhuma impressão digital identificável. Recolhera dez sacos plásticos com resíduos; o único indício eram uns poucos grãos daquela estranha areia, os quais reluziam agora na tela do computador.

Lon Sellitto continuou.

— Vão designar outras pessoas para o caso Panelli, Lincoln. De qualquer modo, acho que você vai querer trabalhar neste.

O mesmo verbo, outra vez: querer. Rhyme percebeu que Sellitto estava hesitando.

— Tudo bem, Lon. De que se trata, afinal?

Sellitto fez um gesto com a cabeça na direção de Banks.

— Philip Hansen — disse o jovem detetive, num tom de quem explicava tudo com uma só dica.

Rhyme conhecia o nome, se bem que apenas através dos jornais. Hansen — um homem de negócios corpulento e atarefado — era dono de uma empresa de comércio por atacado de Armonk, em Nova York, a qual o tornara multimilionário. Mas o governo federal e o estado de Nova York estavam empenhados em fechar a empresa e colocar seu presidente na cadeia, porque a PH Distributors não vendia veículos militares de segunda mão, como apregoava, mas armamentos roubados de bases militares ou importados clandestinamente. No início do ano, dois soldados do exército tinham sido assassinados durante o roubo de um caminhão carregado de armas leves, na ponte George Washington, no caminho de Nova Jersey. Hansen estava por trás do caso — um fato que o procurador-geral de justiça sabia, mas não podia provar.

— Estamos levantando indícios para este caso — disse Sellitto —, mas está sendo difícil.

Banks completou:

— Na semana passada, no entanto, surgiu uma luz no fim do túnel. Hansen pilota aviões. Sua companhia tem armazéns de carga no aeroporto de Mamaroneck, aquele perto de White Plains. Examinamos os armazéns e não achamos nada. Mas na semana passada, com o aeroporto já fechado, havia três pessoas trabalhando lá, por volta da meia-noite. Essas três testemunhas viram um sujeito que corresponde à descrição de Hansen entrar no avião particular dele, com uma porção de sacos de lona de bom tamanho, e decolar. Sem autorização, sem plano de voo, nada. Voltou quarenta minutos depois, pousou, entrou no carro e saiu cantando pneus. Nada de sacos de lona.

— Quer dizer então que ele sabia que vocês estavam chegando perto e queria se livrar de algo que pudesse ligar a pessoa dele aos assassinatos — disse Rhyme. — Estava começando a perceber por que os agentes queriam sua ajuda. — O controle de tráfego aéreo tem alguma pista?

— La Guardiã o acompanhou por algum tempo, ao longo do estreito de Long Island. Numa certa altura ele desceu abaixo da linha do radar por mais de dez minutos.

— E vocês traçaram uma linha para ver a que distância ele poderia ter voado além do estreito. Têm mergulhadores trabalhando?

— Sim. Mas veja bem: nós sabíamos que assim que Hansen soubesse que tínhamos três testemunhas ia tentar sumir. Então demos um jeito de segurá-lo até segunda-feira. Mandado federal de prisão.

Rhyme soltou uma gargalhada.

— E o que o Sr. Hansen disse sobre isto?

— Nem uma palavra. Ele conhece as regras do jogo. O advogado nega tudo e está preparando uma ação por detenção ilegal, blá, blá, blá. Se encontrarmos os sacos, vamos ao grande júri na segunda-feira e bang, Hansen está fora de combate.

— Desde que haja alguma coisa nos sacos que o incrimine.

— Ah, é claro que existe alguma coisa.

— Como sabe?

— Porque Hansen está assustado. Ele contratou alguém para matar as testemunhas. Já conseguiu eliminar uma delas. Explodiu o avião do cara ontem à noite, sobre os subúrbios de Chicago.

"E agora", pensou Rhyme, "querem que eu encontre os tais sacos de lona."

— Vou precisar de mapas do estreito — começou. — E as plantas do avião.

— Bem, Lincoln, não foi para isto que viemos aqui — disse Sellitto.

— A questão não é encontrar os sacos — completou Banks.

— Não? Então qual é? — disse Rhyme, afastando uma mecha de seus cabelos negros da testa e encarando o jovem detetive com a testa franzida.

— Queremos que nos ajude a encontrar o assassino. O tal matador contratado por Hansen. Temos de detê-lo antes que ele encontre as outras duas testemunhas.

— E...?

Sellitto ainda guardava uma carta na manga. Enquanto olhava distraidamente pela janela do quarto, ele disse:

— Parece que é o Dançarino, Lincoln.

— O Dançarino da Morte? Tem certeza?

Sellitto assentiu com um gesto.

— Ficamos sabendo que ele executou um serviço em Washington algumas semanas atrás. Eliminou um assessor

parlamentar que estava envolvido na questão do tráfico de armas. Localizamos telefonemas dados de um telefone público perto da casa de Hansen para o hotel onde o Dançarino estava hospedado. Tem de ser ele, Lincoln.

Na tela do monitor os grãos de areia, grandes como asteróides, lisos como os ombros de uma mulher, já não despertavam o interesse de Rhyme.

— Muito bem — murmurou ele. — Acho que temos um problema.

## CAPÍTULO DOIS

**E** LA LEMBRAVA muito bem da noite anterior, o chamado estridente do telefone mesclando-se ao ruído da , chuva que ela via cair pela janela do quarto. Olhou o aparelho com irritação, como se a empresa Bell Atlantic fosse responsável pela dor cruciante em sua cabeça. Por fim, rolou de lado e ergueu o receptor, logo após o quarto toque.

— Alô?

Do outro lado, escutou apenas o vazio cheio de ecos de uma ligação via rádio. Então uma voz, talvez uma risada.

Uma espécie de estrondo. Um clique. Silêncio. Nenhum sinal de linha, apenas o receptor mudo de encontro à sua orelha, envolto pelo eco distante que lembrava a rebentação das ondas numa praia.

— Alô?... Alô?...

Ela pousou o fone e adormeceu de novo. Meia hora depois, o aparelho voltou a tocar, com a notícia de que o Lear 9-CJ caíra pouco antes do pouso, arrastando para a morte seu marido e o jovem Tim Randolph.

Agora, naquela manha cinzenta, Percey Rachael Clay sabia que o misterioso chamado telefônico tinha sido de seu marido. Ron Talbot explicou-lhe que ele próprio fizera a conexão a partir do chamado do rádio do avião.

Percey desenvolveu o pequeno frasco metálico e tomou um gole. Havia lágrimas em seus olhos.

— Espere um pouco, Percey, devagar com isto, está bem? — disse

O homem sentado no sofá da sala, apontando para o frasco. — Por favor.

— Oh, tudo bem — respondeu ela, com voz áspera, tomando outro gole. — Não se preocupe. Mas por que diabos ele iria me ligar justo durante os procedimentos de pouso?

— Talvez estivesse preocupado com sua dor de cabeça — disse Brit Hale.

Tanto quanto Percey, Hale não dormira na noite anterior. Talbot também ligara para ele imediatamente após o acidente, e ele tinha vindo de Bronxville até ali para ficar com ela pelo resto da noite, ajudando-a a dar os telefonemas urgentes. Os dois se conheciam há muitos anos.

Hale tinha sido um dos primeiros pilotos da Hudson, trabalhando de graça durante meses até que a empresa começou a dar lucros. Sua aparência lembrava a de um professor magro, severo, mas na verdade eia um indivíduo brincalhão e descontraído — um perfeito contraste com Percey. Talvez fosse o co-piloto preferido dela.

— Ah, Brit... — disse ela, deixando-se cair no sofá ao lado dele. Hale envolveu-a com seu braço musculoso, enquanto ela apoiava a cabeça em seus ombros.

— Fique firme, garota — disse ele. — Promete?

— Preciso ligar para Talbot — disse ela. — Temos de fazer alguma coisa. A empresa...

A morte de Ed produzira um abalo violento em muitas vidas, e também na empresa aérea; um abalo que, neste último caso, bem podia ser fatal.

Tantas coisas para fazer... mas ela estava ali no sofá, paralisada. "Que coisa estranha", pensou, como se estivesse numa outra dimensão. "Não posso nem me mover. Oh, Ed..."

— Você precisa de café — anunciou Hale, erguendo-se e indo na direção da cozinha.

Isso significava: tem de parar de beber. Percey entendeu o recado. Arrolhou o frasco e o deixou cair sobre a mesa com um barulho metálico.

— Tudo bem, tudo bem — disse.

Ergueu-se e começou a caminhar pela sala. Olhou sua imagem no espelho. O rosto pequeno, com nariz arrebitado, lembrando um buldogue. Cabelos negros enroscando-se teimosamente em caracóis. Uma silhueta esguia e olhos negros que sua mãe afirmava repetidamente serem a sua parte mais bonita. Ou seja, a única.

Olhou pela janela para a rua, as árvores. Teve um vislumbre do tráfego, e alguma coisa brotou em sua mente.

Algo inquietante. O que era mesmo? O quê?

A campainha da porta soou, fazendo com que aquela sensação desaparecesse. Percey abriu a porta e deparou-se com dois volumosos policiais.

— Polícia de Nova York — disse um deles, enquanto ambos erguiam as credenciais. — Estamos aqui para cuidar da senhora até esclarecermos o que aconteceu com seu marido.

— Entrem — disse Percey. — Brit Hale está aqui.

Nesse instante ela olhou para a rua, por sobre os ombros dos policiais, e a sensação voltou à sua mente, agora com mais clareza.

— Há uma coisa que talvez vocês precisem saber — disse, e um dos policiais sacou rapidamente uma caderneta. — Havia uma van, uma van preta.

— ESPERE — disse Rhyme.

Lon Sellitto fez uma pausa em sua narração.

Rhyme estava ouvindo passos que se aproximavam. Ele os conhecia: nem muito pesados, nem muito leves. Não se tratava de uma dedução: ele já escutara muitas vezes o padrão sonoro daqueles passos.

O belo rosto de Amelia Sachs, rodeado de cabelos ruivos, surgiu no topo da escada, e Rhyme ficou observando-a enquanto ela entrava no quarto. Usava um uniforme azul-marinho, menos o boné e a gravata, e carregava uma sacola.

Jerry Banks dirigiu-lhe um sorriso. A atração que sentia por ela era visível e apenas um pouco inconveniente — não eram muitos os oficiais da polícia que, como a alta e esguia Amelia Sachs, já tinham sido modelos na avenida Madison. Mas o olhar de Banks passou tão em branco quanto sua atitude.

— Olá, Jerry — disse ela. E para Sellitto: — Olá, senhor.

— Você parece cansada — comentou Sellitto.

— Estou sem dormir — ela respondeu. Abriu a sacola e tirou dela uma dúzia de pequenos sacos plásticos. — Andei recolhendo amostras de areia.

— Muito bem — disse Rhyme. — Mas temos outra missão agora. Alguém está na cidade e temos de apanhá-lo.

— Um assassino — acrescentou Sellitto.

— Profissional? — perguntou Sachs. — Crime organizado?

— Profissional, sim — disse Rhyme. — Nenhuma conexão com o crime organizado, que a gente saiba. — O crime organizado era o maior mercado de trabalho para matadores de aluguel em todo o país. -Trabalha por conta própria. Nós o chamamos de Dançarino da Morte.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Por quê?

— Apenas uma de suas vítimas chegou perto dele e viveu o bastante para nos dar detalhes. Um homem branco, na casa dos trinta. Tem uma tatuagem na parte superior do braço: a Morte dançando com uma mulher em cima de um caixão.

— Investigaram a tatuagem? — perguntou ela.

— Claro — disse Rhyme. — Até os confins da Terra. Thom surgiu à porta.

— Com licença, dama e cavalheiros — disse. — Tenho um pequeno trabalho a fazer.

A conversação cessou enquanto o rapaz executava todas as manobras necessárias para mudar a posição de Rhyme, a fim de desobstruir seus pulmões. Com o tempo, os tetraplégicos acabam personificando as várias partes do corpo e desenvolvendo relações muito especiais com elas. Depois de ter a espinha partida durante uma investigação, anos atrás, os braços e as pernas de Rhyme tinham-se transformado em seus piores inimigos, e ele consumira uma enorme energia num esforço desesperado para obrigá-los a obedecer suas ordens. Mas eles acabaram ganhando e continuaram imóveis como toras de madeira. Depois dessa derrota, ele se concentrou nos pulmões e, após um ano de exercícios de reabilitação, conseguiu dispensar o respirador artificial e respirar por conta própria. Aquela havia sido sua única vitória sobre o próprio corpo, e ele mantinha em segredo um temor supersticioso de que os pulmões estavam apenas aguardando uma oportunidade para se vingar. Achava que morreria de enfisema ou de pneumonia em um ou dois anos.

Lincoln Rhyme não se preocupava, necessariamente, com a idéia de vir a morrer. Mas a morte podia chegar de numerosas maneiras, e ele estava decidido a não morrer de um modo desagradável.

Sachs perguntou:

— Alguma pista? Último endereço?

— O último endereço conhecido foi na área do Distrito de Columbia — disse Sellitto, em seu sotaque do Brooklyn. — Só isso. Nada mais. Ouvimos falar dele de vez em quando, e Dellray mais do que nós. O Dançarino pode se parecer com dez pessoas diferentes.

Plástica, implantes faciais, silicone. Põe cicatrizes, remove cicatrizes. Ganha peso, perde peso. Planeja tudo. Prepara uma manobra para desviar as atenções e, então, ataca. Muito competente.

Sellitto parecia estranhamente pouco à vontade para um homem cujo trabalho diário era caçar criminosos.

Com os olhos fitando o espaço através da janela, Rhyme continuou.

— O trabalho mais recente do Dançarino em Nova York foi há cinco anos, em Wall Street. Fez um serviço rápido e limpo. Minha equipe de perícia técnica chegou à cena do crime e um dos rapazes levantou um papel amassado que havia numa lata de lixo. Detonou uma carga de explosivo plástico que matou os dois e destruiu todas as pistas.

— Sinto muito — disse Sachs.

Houve um silêncio desconfortável no grupo. Sachs fora aprendiz e assistente de Rhyme durante mais de um ano e tinha-se tornado também sua amiga. Algumas vezes chegara a passar a noite ali, dormindo no sofá, ou na enorme cama Clinitron de Rhyme, casta como uma irmã. Mas só falavam sobre investigações. Mantinham-se afastados de assuntos pessoais. O máximo que ela se permitiu em termos de comentários foi:

— Deve ter sido duro.

Rhyme esquivou-se da sua compaixão com um gesto de cabeça. Ficou olhando para a parede, enquanto dentro de si acumulava-se um vácuo de desespero ao recordar a cena horrível após a explosão.

Sachs perguntou:

— O sujeito que o contratou deu alguma pista sobre o Dançarino?

— Ele estava disposto a dar, mas não tinha muita coisa para dizer — respondeu Rhyme, respirando fundo. — Deixou o dinheiro e as instruções por escrito numa caixa de correspondência. Nunca se encontraram pessoalmente. O pior de tudo é que o contratante acabou mudando de idéia, mas isso não fez diferença. O Dançarino lhe disse: "Voltar atrás não é uma opção."

Sellitto passou para Sachs todas as informações sobre o caso Phillip Hansen: o voo clandestino com testemunhas e a bomba no avião.

— Quem são as outras testemunhas? — perguntou ela.

— Percey Clay, a mulher do piloto que morreu ontem. Ela é a presidente da empresa deles, a Hudson Air. O marido era vice-presidente. O outro vice é Britton Hale, um dos pilotos. Mandei guarda-costas para fazer companhia aos dois. Fred Dellray está providenciando um alojamento do Departamento de Justiça para escondê-los durante um tempo.

Lincoln Rhyme tinha deixado de prestar atenção ao que o detetive dizia. Sua mente ainda estava ocupada pelas lembranças da bomba deixada pelo Dançarino cinco anos atrás. A lata de lixo, com as bordas esgarçadas como as pétalas de uma flor. O cheiro sufocante de preparado químico. Os corpos dilacerados dos técnicos.

O zumbido do fax o arrancou de seu devaneio. Jerry Banks esperou alguns instantes e retirou a primeira página da mensagem.

— Relatório técnico sobre a queda do avião — anunciou.

A cabeça de Rhyme virou-se imediatamente na direção da máquina.

— Muito bem, meninos e meninas — disse ele. — Ao trabalho.

"LAVE. Lave tudo."

"Soldado! Essas mãos estão limpas?"

"Senhor! Estão quase, senhor!"

O homem, de compleição sólida, na casa dos trinta, estava parado no toailete de um café na avenida Lexington, mergulhado em sua tarefa.

Esfregando, esfregando, esfregando... Stephen Kall examinou as cutículas e os enormes nós dos dedos. Pareciam limpos. Nada de vermes. Nem um só.

Sentia-se bem depois de recolher a van preta e estacioná-la numa garagem subterrânea. Tinha retirado do veículo os instrumentos de que iria precisar e subido a rampa, misturando-se à multidão que passava pela avenida. Já tinha trabalhado antes em Nova York, mas nunca se acostumara com tanta gente.

"Eles me deixam arrepiado. Como se eu estivesse coberto de vermes."

E assim tivera de parar ali um instante, para se lavar.

"Soldado! Ainda não acabou com isso? Temos mais dois alvos para abater."

"Senhor! Quase, senhor! Preciso remover qualquer vestígio de prova antes de prosseguir na operação, senhor!"

A água quente jorrava sobre suas mãos. Ele esfregou-as com a esponja que sempre levava na bolsa. Espremeu o líquido cor-de-rosa do sabão pendurado sobre a pia e esfregou mais.

Stephen usava um uniforme de camuflagem, embora não fosse um uniforme militar. Vestia jeans, uma camiseta comum, de trabalho, e um casaco cinza salpicado de tinta. Presos ao cinto, tinha um telefone celular e uma trena. Parecia-se com qualquer outro operário urbano de Manhattan; ninguém pensaria em olhar duas vezes para um indivíduo vestido daquela forma, e usando luvas, numa manhã de primavera.

Saiu. A rua ainda cheia de gente. Mas agora suas mãos estavam limpas; não mais se sentia intimidado.

Parou na esquina e olhou através da rua para a casa onde o Marido e a Esposa tinham morado; agora, a casa era apenas da Esposa, porque o Marido tinha se transformado em um milhão de pedacinhos espalhados sobre a terra natal de Lincoln.

Duas testemunhas ainda estavam vivas; ambas tinham de morrer antes que o grande júri se reunisse na segunda-feira. Ele olhou seu enorme relógio de pulso. Eram 9:30h da manhã de sábado.

"Soldado! Há tempo bastante para alcançar os dois?"

"Senhor! Talvez eu não consiga agora, mas ainda tenho quase 48 horas, senhor! Mais do que suficiente para localizar e neutralizar ambos os alvos, senhor!"

Havia um carro da polícia diante da casa, algo com que ele já contava. Começou a descer a rua, caminhando ao longo da calçada, sentindo um formigamento nas mãos recém-lavadas. A mochila às suas costas pesava 30kg, mas ele mal notava a sua presença. Ao caminhar, tentou imaginar-se como um nova-iorquino comum, e não como Stephen Kall, ou qualquer outra das identidades que assumira nos últimos anos.

Virou-se de repente e parou diante da entrada de um prédio, na calçada oposta e exatamente em frente à casa da Esposa. Empurrou a porta do edifício, enquanto olhava na direção da larga janela fronteira da casa. Colocou um par de óculos de lentes amareladas, e o brilho na vidraça desapareceu: ele pôde ver as figuras que se moviam lá dentro.

Stephen curvou-se e abriu o zíper da mochila.

Um policial... não, dois policiais. Um homem com as costas voltadas para a janela. Talvez o Amigo, a outra testemunha que ele tinha sido contratado para eliminar. E, sim... lá estava a Esposa. Pequena. Feia. Jeito meio masculino. Estava usando uma blusa branca. Daria um bom alvo.

UMA TRANSFERÊNCIA trabalhosa para a cadeira de rodas Storm Arrow.

Ali, Rhyme assumiu o controle, colhendo com a boca o canudo plástico do comando de soprar e sugar. Fez a cadeira rumar na direção do elevador, para o lugar antes ocupado por um closet. O

elevador levou-o para baixo, o andar térreo de sua casa, onde Thom e Amelia Sachs o esperavam.

Na década de 1890, quando a casa fora construída, o aposento que ele agora percorria tinha sido uma sala de estar, junto à sala de jantar, com cornijas em forma de flor-de-lis e assoalho de tábuas de carvalho. Agora as duas salas estavam transformadas num único espaço cheio de tubos de ensaio, um espectrômetro para analisar gases por cromatografia, e um caríssimo microscópio eletrônico acoplado a uma unidade de raios X. Também ali estavam os instrumentos mais comuns do ofício de criminalista: óculos protetores, luvas de borracha resistentes a cortes, béqueres, pinças, bisturis, frascos, sacos plásticos, bandejas. E 12 pares de pauzinhos: Rhyme aconselhava aos seus assistentes que manipulassem as provas como se estivessem comendo num restaurante oriental.

Rhyme manobrou até junto da mesa a cadeira de rodas, cujo brilho metálico tinha tonalidade cor de maçã. Thom afixou o apoio do microfone em torno de sua cabeça e ligou o computador.

Um instante depois, Sellitto e Banks apareceram na porta, juntamente com Fred Dellray, que tinha acabado de chegar. Era um homem alto e ossudo, com a pele escura como pneu de automóvel. Vestia um terno verde e uma camisa amarela de tonalidade estranha.

— Olá, Fred.

— Lincoln, Amelia...

— Olá — disse Sachs, entrando na sala.

Dellray atravessou o aposento a passos largos, postou-se junto à janela e cruzou os braços magros. Ninguém, nem mesmo Rhyme, era capaz de definir com exatidão a personalidade do agente federal. Ele vivia sozinho num pequeno apartamento, gostava de ler literatura e filosofia, e gostava ainda mais de jogar sinuca em bares de terceira categoria. Já pertencera à nata dos agentes secretos do FBI e tinha mais de mil prisões a seu crédito. Era apenas uma questão de tempo até acabar sendo reconhecido e executado por algum traficante de drogas ou chefe de quadrilha. Assim, ele tinha aceito com relutância a tarefa de coordenar os agentes secretos e informantes confidenciais.

— Bem, a rapaziada me disse que é o Dançarino da Morte que está na parada — comentou ele, no seu estilo característico. — O Dançarino... manda lá. Vamos ver se a gente pega o canalha desta vez.

— Algum detalhe sobre a explosão de ontem? — perguntou Sachs. Sellitto folheou o maço de anotações e páginas de fax.

— Ed Carney decolou às 6:18h — disse. — A Hudson Air tinha acabado de fechar um novo contrato para... tomem nota disto... transportar para hospitais órgãos humanos para transplante em todo o Meio-Oeste. Ouvi dizer que é uma atividade muito competitiva atualmente.

— Cabeças rolam — confirmou Jerry Banks, sorrindo da própria piada. Sellitto prosseguiu:

— O cliente desta vez era a US Medical and Healthcare. Carney tinha um roteiro de voo apertado. Chicago, Saint Louis, Memphis,

Cleveland, pernoite em Erie e retorno esta manhã.

— Passageiros? — perguntou Rhyme.

— Somente a carga — resmungou Sellitto. — Todos os detalhes do voo são rotineiros. E aí, dez minutos antes de pousar em O'Hare, o avião explode.

— Algum relatório do Departamento de Segurança dos Transportes?— perguntou Rhyme.

— Não antes de dois ou três dias.

— Bem, não podemos esperar três dias! — exclamou Rhyme. A cicatriz rosada do respirador artificial continuava visível em sua garganta, mas Lincoln Rhyme ainda era capaz de gritar como um marinheiro.

— Vou chamar um colega em Chicago — disse Dellray. — Ele me deve um favor. Vou pedir para me mandar o que tiver sido levantado até agora.

Rhyme assentiu.

— Quero cada detalhe que eles tiverem. Precisamos disso.

— Bem, Linc — disse Sellitto —, o avião estava a 1,5km de altitude quando explodiu. Os destroços estão espalhados por uma área enorme.

— Não quero saber — retrucou Rhyme. — Continuam buscando? Dellray foi ao telefone e discou para o agente do FBI em Chicago.

— Diga a ele que precisamos de todos os pedaços do avião onde o teste de explosivos dê positivo — disse Rhyme. — Estou falando em nanogramas, certo? Preciso dessa bomba.

Dellray transmitiu o recado, depois ergueu os olhos e balançou a cabeça e disse:

— O local foi liberado.

— O quê? — exclamou Rhyme. — Depois de 12 horas somente? Não se faz uma coisa dessas.

— As ruas tinham de ser abertas ao tráfego. Ele disse que...

— Os carros de bombeiros! — exclamou Rhyme de repente.

— O quê?

— Cada carro de bombeiros, cada ambulância, cada carro da polícia que esteve no local. Quero que mandem raspar os pneus de todos eles e mandem o resultado para cá.

Dellray conseguiu extrair do agente de Chicago a promessa de que iriam raspar os pneus de todos os carros presentes à emergência.

— Nada de "ao máximo" nem de "os possíveis" — disse Rhyme. — Todos. Dellray revirou os olhos, transmitiu a correção e desligou.

De repente, Rhyme gritou:

— Thom! Thom, onde está você?

Um instante depois, o onipresente ajudante surgiu à porta.

— Estava na lavanderia — disse ele.

— Esqueça a lavanderia. Precisamos de um cronograma. Vá escrevendo no quadro-negro, ali; o grande. — Rhyme olhou para Sellitto. — Quando é que as testemunhas vão se apresentar ao grande júri?

— Às 9:00h da manhã da segunda-feira. A van vai pegá-los às 7:00h. Rhyme olhou para o relógio na parede. Eram 10:00h da manhã do sábado.

— Temos exatamente 45 horas. Thom, escreva: Hora 1, de 45. — Passou os olhos pelos outros na sala e viu como seus olhares vacilavam. — Acham que estou sendo melodramático? Ou agarramos o Dançarino até as 7:00h da manhã de segunda-feira, ou nossas duas testemunhas estarão mortas. Não há alternativa.

Após uma breve hesitação, Thom pegou um giz e se pôs a escrever. O silêncio no aposento foi rompido pelo toque do telefone celular de Banks. Ele atendeu a ligação e ergueu os olhos para os demais.

— Temos algo — anunciou.

— O quê? — perguntou Rhyme.

— Os guardas da polícia que estão protegendo a Sra. Clay e a outra testemunha, Britton Hale. Ao que parece, a Sra. Clay lhes contou que havia uma van preta, que ela nunca vira antes, estacionada perto de sua casa durante os últimos dias. Placa de outro estado.

— Ela anotou o número? Ou o estado?

— Não. Disse que a van desapareceu por algum tempo na noite anterior, depois que o marido foi para o aeroporto.

A cabeça de Rhyme inclinou-se para diante.

—E...?

— E estava de volta hoje cedinho. E agora sumiu de novo.

— Vão para a Central, à toda! — gritou o criminalista.

UM TÁXI PAROU diante da casa da Esposa. Uma mulher idosa saltou e caminhou para a porta com passos vacilantes.

"Soldado! É um tiro seguro?"

"Senhor, cada tiro requer o máximo de concentração e firmeza. Mas posso disparar este tiro e infligir ferimentos letais, senhor."

A mulher subiu os degraus que conduziam à porta e desapareceu no vestíbulo. Um instante depois, Stephen a viu entrando na sala de visitas da Esposa. Algo branco passou diante de seus olhos — a blusa da Esposa. As duas mulheres se abraçaram. Outra silhueta. Um policial? Não. O Amigo. Ambos os alvos a trinta metros de distância.

A arma predileta de Stephen, seu Model 40, estava na van. Mas ele não precisaria de uma arma de atiradores de elite para aquele tiro; a Beretta de cano longo bastaria. Avaliou o alvo, calculando o ângulo de incidência, e o potencial de distorção e deflexão da vidraça. A mulher mais velha estava parada diretamente à frente da janela. Ele atiraria, a mulher cairia no chão e a Esposa e

o Amigo instintivamente dariam alguns passos na direção dela, oferecendo alvos perfeitos.

Stephen puxou o cão da arma, engatilhando-a. Abriu a porta do edifício, bloqueou-a com o pé, enquanto olhava para a rua em ambas as direções. Ninguém.

"Respire, soldado. Respire... respire... respire..."

Segurou a arma, firme como uma rocha, em suas mãos elásticas. Começou a exercer uma pressão quase imperceptível sobre o gatilho, enquanto mirava o vulto da mulher.

"Respire... respire..."

# CAPÍTULO TRÊS

## Hora 1, de 46

**A** MULHER idosa enxugava as lágrimas, tendo a Esposa por trás dela.

Estavam mortas, estavam...

"Soldado!"

Stephen imobilizou-se e relaxou o dedo que pressionava o gatilho.

Luzes! Piscando em silêncio. As luzes vermelhas de um carro de polícia. Mais dois carros. Depois uma dúzia, e uma van da Unidade de Emergência. Todos convergindo de ambas as extremidades da rua.

"Trave sua arma, soldado."

Stephen abaixou a arma e recuou até o saguão imerso na penumbra.

Os policiais brotaram dos carros como água entornada de um vaso. Espalharam-se ao longo da calçada, olhando para os tetos das casas. Escancararam as portas da casa da Esposa, espatifando as vidraças. Cinco agentes da Operações Especiais, com uniforme completo, alinharam-se ao longo do meio-fio. A Esposa e o Amigo foram forçados a se deitar no chão. A senhora idosa também.

Mais carros. Stephen Kall sentiu-se intimidado. Coberto de vermes. O suor umedeceu-lhe as palmas das mãos e ele flexionou os pulsos, para que as luvas de pano o absorvessem.

"Bater em retirada, soldado."

Com uma chave de fenda, ele forçou a fechadura e empurrou para dentro a porta principal do prédio. Abaixou a cabeça e correu para a entrada de serviço, que dava para um pátio situado na parte posterior do edifício. Logo estava do lado de fora, descendo a avenida Lexington, caminhando na direção sul através da multidão, rumo à garagem subterrânea onde estacionara a van.

"Mais policiais. Senhor! Problema grave, senhor."

Tinham bloqueado a Lexington a cerca de três quarteirões ao sul, e estavam traçando um perímetro de segurança que tinha a casa da Esposa como centro. Detinham carros, examinavam pedestres, iam de porta em porta. Stephen viu dois policiais pedirem a um homem para descer do carro enquanto examinavam uma pilha de lençóis que ele trazia no banco traseiro. O que preocupou Stephen foi o fato de que o homem era de cor branca e tinha aproximadamente a sua idade.

Sua pele ficou arrepiada, percorrida por uma sensação úmida, como se vermes rastejassem por ela. Sentiu o suor brotar em sua testa e axilas. Estão em toda parte, pensou. Estavam à procura dele, no seu encalço. Surgiam dos carros, das ruas, das janelas.

A lembrança brotou novamente. O rosto na janela.

Respirou fundo.

Tinha acontecido há pouco tempo. Stephen fora contratado para matar um assessor do Congresso em Washington. Esperara durante quatro horas; quando a vítima chegou a sua casa em Alexandria, Virgínia, Stephen fez um único disparo. Um tiro certo, calculou ele, mas o homem tombou num pátio, num local onde não podia avistá-lo.

Stephen pulou o muro e foi até o corpo, certificando-se de que o tiro tinha sido fatal.

Mas então algo estranho aconteceu. Talvez fosse apenas um acaso, devido à queda do corpo, mas ele teve a impressão de que alguém tinha puxado a camisa para examinar o ferimento.

Stephen olhou ao redor, à procura de quem pudesse ter tocado no corpo. Do outro lado do pátio havia uma velha garagem, cujas janelas estavam sujas e cheias de manchas. Em uma delas viu, ou imaginou ver, um rosto que o fitava. Ele não pôde enxergar com clareza o homem ou a mulher, mas, fosse quem fosse, não parecia assustado. Não afastara o rosto, nem procurara esconder-se.

"Uma testemunha. Soldado, você deixou uma testemunha."

"Senhor, eliminarei imediatamente qualquer possibilidade de identificação."

Mas quando Stephen arrombou a porta com um pontapé, a garagem estava vazia. Ele entrou e ficou girando em círculos, devagar. Tinha sido apenas imaginação? Como seu padrasto, que costumava ver atiradores de tocaia nos ninhos de falcão das árvores de West Virginia?

Por fim, ele regressara ao seu hotel em Washington.

Stephen já tinha sido ferido a bala, espancado, esfaqueado. Nunca se deixara impressionar pela expressão no rosto de suas vítimas, antes ou depois de executá-las. Mas aquele rosto na janela era como um verme subindo-lhe pela perna.

Uma sensação de repulsa... Era exatamente o que voltava a sentir agora, observando as janelas escuras e lúgubres da rua por onde caminhava. Rezou para que não aparecesse um rosto numa delas.

O edifício onde guardara a van estava dentro do perímetro de buscas. Não poderia sair guiando sem ser detido pela batida policial. Caminhou depressa rumo à garagem e abriu a porta do veículo. Livrou-se da roupa de operário, vestiu uma calça jeans, uma camiseta preta, um casaco de náilon verde-escuro, botas e um boné de beisebol. A mochila continha seu laptop, alguns telefones celulares, suas armas menores, munição, binóculos, um gravador de fita, ferramentas e alguns pacotes de explosivos.

O fuzil Model 40 estava guardado no estojo de um baixo elétrico render. Ele o colocou no chão, ao lado da mochila, e pôs-se a pensar no que faria com a van. Era roubada; Stephen nunca a tocara sem estar usando luvas. Tinha removido o número do chassi; ele próprio falsificara as placas. Mesmo assim, decidiu abandoná-la. Deixou a garagem pelo elevador, levando seu equipamento. Ao sair do edifício, misturou-se à multidão, rumo à estação de metrô mais próxima.

PERCEY CLAY desvencilhou-se do detetive que procurava mantê-la deitada no chão. A mãe de Ed estava deitada a alguns metros de distância, o rosto imobilizado numa expressão de choque. Brit Hale tinha as costas coladas à parede e o corpo coberto pelos de dois enormes policiais.

— Sinto muito, Sra. Clay — disse um deles. — Nós...

— O que está acontecendo? — Percey parecia atônita.

— Recebemos um chamado urgente — explicou o detetive. — O comando acha que o homem que matou o Sr. Carney vai tentar matar vocês dois. O Sr. Rhyme acha que o assassino está na van preta que a senhora avistou.

— Mas já temos outros homens para cuidar de nós — retrucou ela, indicando com um gesto os dois policiais que haviam chegado antes.

Hale espiou pela janela e disse:

— Deve haver uns vinte guardas lá fora.

— Afaste-se da janela, por favor — disse o detetive, com firmeza. Percey passou o braço em volta da Sra. Carney.

— Está bem, mãe?...

— Mas o que está havendo? O que quer dizer tudo isto? — perguntou ela, ainda desnorreada.

— Eles dois podem estar em perigo — disse o detetive. — A Sra. Clay e o Sr. Hale. São testemunhas no caso Hansen. Temos ordens para levá-los até o comando.

Outro oficial apareceu no umbral.

— A rua está segura, senhor — disse.

— Podem nos acompanhar, por favor? Os dois.

— E a mãe de Ed? — perguntou Percey.

— A senhora mora aqui perto? — perguntou o detetive.

— Não. Estou na casa de minha irmã em Saddle River — disse ela.

— Vamos levá-la de volta. Um policial de Nova Jersey montará guarda na casa. Mas como a senhora não está envolvida no caso, não creio que haja motivo para se preocupar.

— Oh, Percey... — As duas mulheres se abraçaram.

— Vai dar tudo certo, mãe — disse Percey, esforçando-se para conter as lágrimas.

— Não, não vai — disse a mulher, com voz abatida. — Nunca vai dar certo.

Um policial a conduziu para o carro. Percey dirigiu-se ao detetive que estava ao seu lado:

— E nós, aonde vamos?

— Vamos encontrar Lincoln Rhyme. Vamos sair da casa andando; a senhora terá um policial de cada lado. Mantenha a cabeça abaixada. Vamos sair rapidamente e entrar naquela van ali adiante. Está vendo? Entre nela o mais depressa possível. Não olhe para fora e prenda o cinto de segurança. Vamos partir com velocidade. Alguma pergunta?

Percey desatarrachou a tampa do frasco e virou um gole de uísque.

— Sim. Quem diabos é Lincoln Rhyme?

THOM APARECEU na soleira da porta e fez um gesto, convidando alguém a entrar. Um homem bem vestido, cabelo com corte militar, cinquenta e poucos anos. O capitão Bo Haumann era o chefe das Unidades de Emergência da Polícia de Nova York — o equivalente, na polícia, a um grupo da SWAT. Grisalho e com tendões salientes no corpo magro, Haumann tinha exatamente a aparência do sargento implacável que tinha sido quando na ativa.

— É mesmo ele? — perguntou. — O Dançarino?

— É o que parece — disse Sellitto; Dellray confirmou com um aceno de cabeça.

Após uma pausa, Haumann prosseguiu:

— Estou com duas equipes 32-E, em regime de dedicação exclusiva. Os agentes 32-E eram em sua maioria ex-militares que haviam recebido treinamento exaustivo em táticas de busca e vigilância, além de procedimentos de cerco e assalto, tiro ao alvo e resgate de reféns. Um homem franzino, de calvície pronunciada e óculos antiquados entrou na sala. Mel Cooper era o melhor técnico de laboratório da Divisão de Recursos e Investigações do departamento que Rhyme chefiara anos antes. Cooper jamais pusera os pés na cena de um crime, nem prendera um único suspeito; provavelmente já tinha esquecido como se disparava a pequena pistola que trazia a contragosto presa ao cinto. Não se sentia bem

em lugar nenhum, a não ser sentado numa mesa de laboratório, com a cara metida num microscópio.

— Pensei que fosse examinar uma amostra de areia — disse ele. — Mas, pelo que estou vendo, trata-se do Dançarino.

"Existe apenas um lugar onde as notícias circulam mais depressa do que na rua", refletiu Rhyme, "e esse lugar é um departamento de polícia." Cooper prosseguiu:

— Desta vez vamos pegá-lo, Lincoln. Com certeza.

Enquanto Banks repassava com rapidez aos recém-chegados as informações sobre o caso, Rhyme percebeu por acaso uma mulher no vão da porta, cujos olhos escuros percorriam o aposento sem perder um só detalhe. Sem receio, sem desconforto.

— Sra. Clay? — perguntou ele, e ela assentiu com um gesto. Um homem magro apareceu no umbral. Rhyme presumiu que se tratava de Britton Hale e falou para ambos: — Entrem, por favor.

Ela encarou Rhyme e em seguida desviou os olhos para a parede coberta de instrumentos de pesquisa, onde Mel Cooper estava instalado.

— Pode me chamar de Percey — disse ela, voltando-se para Rhyme. — Você é Lincoln Rhyme?

— Isso. Sinto muito pelo seu marido.

Ela fez um gesto rápido com a cabeça, pouco à vontade com aquela manifestação de simpatia. Lincoln encarou o homem.

— É o Sr. Hale?

O piloto assentiu e deu um passo à frente, começando a estender a mão, mas só então percebeu que os braços flácidos do criminalista estavam presos por correias à cadeira de rodas. Ele emitiu um suspiro baixo e constrangido, enrubesceu e deu um passo para trás.

Rhyme apresentou os dois ao restante da equipe, exceto a Amelia Sachs, que por insistência sua tinha saído para trocar o uniforme por jeans e camiseta. Rhyme explicara que o Dançarino da Morte costumava matar policiais quando precisava desviar as atenções, e que por isso ela devia andar à paisana.

Privado de seu próprio corpo, Rhyme raramente prestava atenção às características físicas de outras pessoas. Mas Percey Clay era alguém difícil de ignorar. Tinha por volta de 1,60m de altura, mas parecia irradiar uma forma concentrada de energia. Seus olhos eram negros como a noite e muito atraentes. Só depois de desviar a atenção deles é que alguém prestava atenção ao seu rosto, que não era bonito — achatado, e um tanto masculino.

Ele percebeu que ela também o examinava à distância. Ao avistar Rhyme pela primeira vez, as pessoas geralmente ficavam vermelhas como um pimentão e obrigavam-se a fitar a sua testa, para que o olhar não deslizesse por distração até o seu corpo inválido. Mas Percey olhou uma vez para o rosto dele — que era bonito, com lábios e nariz delicados, e sem aparentar os quarenta e tantos anos que tinha — e logo em seguida para o torso e os membros imóveis, e depois para a reluzente cadeira de rodas Storm Arrow, o controle de soprar e sugar que a comandava, o jogo de fones de ouvido e microfone, o computador.

Thom entrou na sala e aproximou-se de Rhyme com os instrumentos para medir sua pressão.

— Agora não — disse o patrão.

— Agora sim — insistiu ele, e executou a tarefa. Depois aplicou o estetoscópio. — Não está mal, mas precisa de um pouco de descanso.

— Caia fora — resmungou Rhyme.

Virou-se para Percey Clay. Por ser um tetraplégico, um ser humano mutilado, a maioria dos visitantes lhe falava vagarosamente, ou até mesmo dirigia-se a ele através de Thom. Mas Percey falou-lhe num tom de voz normal.

— Acha que corremos perigo? — perguntou ela. — Brit e eu?

— Correm, sim. Um perigo muito grande.

Sachs entrou na sala e olhou para Percey e Hale. Rhyme fez as apresentações.

Hale falou para os policiais:

— Vocês vão ter alguém vigiando Percey, não é? O tempo todo?

— Pode apostar que sim — disse Dellray.

— Ótimo — disse Hale. — E acho que vocês deviam ter uma conversa muito séria com esse tal Philip Hansen.

— Uma conversa? — surpreendeu-se Sellitto. — Ele está incomunicável.

— Não pode ameaçá-lo, alguma coisa assim?

— Não faz diferença — disse Rhyme. — Ele não pode nos dizer nada que seja útil. O Dançarino nunca encontra seus clientes. E nunca diz a eles como pretende executar sua tarefa.

— O Dançarino? — perguntou Percey.

— É o nome pelo qual conhecemos esse assassino. O Dançarino da Morte.

— Um pouco sinistro — disse Hale, em tom de dúvida.

Percey olhou nos olhos de Rhyme, que eram quase tão escuros quanto os dela.

— O que aconteceu com você? Levou um tiro?

Sachs reagiu a essa pergunta imprevista, mas Rhyme respondeu com naturalidade.

— Eu estava examinando a cena de um crime, num edifício em construção. Uma viga caiu e quebrou meu pescoço.

— Parecido com o que houve com Christopher Reeve, aquele ator.

— Isso mesmo.

Hale comentou:

— Foi duro o que houve com ele. Mas, puxa vida, o sujeito é corajoso. Acho que eu me mataria se algo assim acontecesse comigo.

Rhyme olhou para Sachs, que retribuiu o olhar, e sua atenção voltou para Percey.

— Precisamos de sua ajuda. Temos de saber como ele conseguiu colocar aquela bomba no avião. Tem alguma idéia?

— Nenhuma — disse Percey, olhando para Hale, que também sacudiu a cabeça negativamente.

— Onde, exatamente, estava o avião antes de levantar voo?

— Em nosso hangar. Nós o estávamos preparando para os próximos voos.

— É fácil entrar nesse hangar? — perguntou Sellitto.

— Nos últimos dois dias temos equipes lá dentro 24 horas por dia.

— Conhece o pessoal dessas equipes? — perguntou Sellitto.

— São como uma família — disse Hale, defensivamente. Sellitto virou-se para Banks e disse:

— De qualquer modo, vamos anotar os nomes de todos, se não se incomodar. Banks, verifique todo mundo.

— Nosso gerente administrativo pode lhe fornecer uma relação de todo o pessoal.

— Vão ter de interditar o hangar — disse Rhyme. — Manter todo mundo fora dele. Todos.

— Ih... — disse Percey, virando-se para Hale. — Foxtrot Bravo? Ele encolheu os ombros e respondeu:

— Ron disse que vai levar pelo menos um dia a mais. Percey deu um suspiro.

— O Learjet que Ed estava pilotando era o único preparado para esses voos que contratamos. Temos outro voo marcado para amanhã à noite. Precisamos trabalhar sem parar para aprontar nosso outro avião, Foxtrot Bravo. Não podemos correr o risco de perder o contrato.

— Sinto muito — disse Rhyme —, mas vocês não têm opção.

Percey piscou os olhos.

— Quem é você para me dizer que não tenho opção?

— Ei, calma aí — disse Dellray. — Vocês não sabem ainda quem é esse bandido.

— Ele matou meu marido — disse ela, com uma voz cortante. — Eu sei quem ele é, perfeitamente. Mas ninguém vai me fazer perder o meu trabalho.

Rhyme perguntou, muito calmo:

— Pode nos conceder uma hora para fazer as buscas?

— Uma hora? — perguntou Percey, considerando a proposta.

Sachs deu uma risada e voltou seus olhos cheios de surpresa para o patrão.

— Buscas num hangar em apenas uma hora? Ah, o que é isso, Rhyme...

Rhyme manteve os olhos fitos em Percey, que respondeu:

— Tudo bem. Posso.

— Vou precisar de mais tempo, Rhyme — protestou Sachs.

— Não se preocupe, Amelia — disse ele. — Você não é a melhor que existe?

O tom brincalhão deixava claro que sua decisão já tinha sido tomada.

— Quem pode nos ajudar no local? — perguntou ele a Percey.

— Ron Talbot. E o nosso gerente de operações.

Sachs anotou o nome em sua caderneta.

— Posso ir agora? — perguntou ela.

— Ainda não — respondeu Rhyme. — Espere até recebermos dados sobre a bomba. Preciso de você para fazer a análise. — Virou-se para Fred Dellray. — E quanto à casa onde as testemunhas vão ficar?

— Encontramos um lugar que deve agradar à senhora — disse o agente virando-se para Percey. — No meio de Manhattan. O Departamento de justiça utiliza o local para os casos mais importantes. O único detalhe é que vamos precisar de alguém da polícia de Nova York para lhes fazer companhia. Alguém que conheça bem o Dançarino e que goste dele.

Todos se viraram para Jerry Banks.

— O quê? — perguntou ele. — O quê?

E, tentou em vão ajeitar o topete.

DE TRÊS em três.

Percey Clay formara-se em engenharia com honras, tinha diplomas de especialização em mecânica de aeronaves e de centrais elétricas, e era possuidora de todos os tipos de licença que a Administração Aérea Federal podia conceder a um piloto. Uma mulher com esse currículo não podia se dar o luxo de ser supersticiosa. Mas enquanto o carro blindado da polícia cortava o Central Park rumo à casa onde ficaria sob vigilância, ela lembrou-se do velho ditado: aviões caem de três em três.

Do mesmo modo, as tragédias só aconteciam em trincas. Primeiro, Ed. Agora, um segundo golpe: a notícia que Ron Talbot lhe transmitia pelo celular diretamente do escritório da Hudson Air.

Estava espremida entre Brit Hale e o jovem detetive Jerry Banks. Hale mantinha os olhos cravados nela, e Banks olhava para fora, examinando os outros carros, os transeuntes, as árvores.

— A US Medical concordou em nos dar mais uma chance. — A respiração ofegante de Talbot sibilava junto ao ouvido de Percey. Mesmo sendo um dos melhores pilotos que ela conhecia, Talbot estava proibido de voar há anos devido à saúde precária. — Isso quer dizer que eles estão considerando a possibilidade de rescindir o contrato. O fato de ter sido uma bomba não nos livra inteiramente da responsabilidade.

— Mas vão nos deixar voar amanhã?

Uma pausa.

— Vão, sim. — Ela escutou Ron acender um cigarro.

— Vamos, Ron, diga logo tudo — insistiu. Ficava sempre impaciente quando recebia más notícias.

— Temos um problema com o Foxtrot Bravo — disse ele, com relutância.

— O que é?

O N695FB era o Learjet pessoal de Percey. Todos os que trabalhavam na Hudson Air sabiam que o November Sexto Nono Quinto Foxtrot Bravo era sua máquina de estimação. Seu filho. E, nas numerosas noites em que Ed voava, a lembrança do jato era bastante para fazê-la suportar a solidão.

Talbot continuou:

— Não sei se vamos conseguir fazer a adaptação a tempo.

— Continue.

— Muito bem — disse ele, por fim. — Stu pediu demissão. — Era Stu Marquard, o chefe dos mecânicos. — Vai trabalhar com Sikorsky. Já foi pára lá, na verdade.

Percey ficou atônita. Para que o Lear 35A pudesse prestar serviços à US Medical, a maioria das poltronas tinha que ser arrancada, para dar lugar a diversos freezers. Isto implicava uma profunda alteração nas partes mecânica e elétrica da aeronave. Sem Stu Marquard, Percey não conseguia imaginar como o avião poderia estar pronto para voar no dia seguinte.

— O que aconteceu, Percey? — perguntou Hale, vendo a expressão no rosto dela.

— Stu foi embora — sussurrou ela. — Foi trabalhar na empresa de helicópteros.

— Hale fitou-a com uma expressão chocada.

— Hoje?

Ela assentiu com um gesto. Do outro lado, Talbot continuou:

— Ele está com medo, Percey. Todo mundo sabe que foi uma bomba. Os policiais não dizem nada, mas todo mundo aqui está nervoso. Estão perguntando se vamos fechar por uns tempos até a situação se acalmar.

— Não, não vamos fechar — disse ela com firmeza. — Está tudo sob controle.

— Olhe... quanto ao Foxtrot Bravo, acho que eu mesmo posso fazer a maior parte do trabalho — disse Talbot, que também era um mecânico diplomado.

Faça o que puder, mas veja se consegue arranjar outro mecânico disse ela. — Conversamos depois.

Desligou. Continuava perplexa, sem entender como a Hudson Air podia ser uma empresa tão atarefada e mesmo assim viver à beira da falência. Como Ed, Brit Hale e os outros pilotos, Percey trabalhava sem parar; por que a Hudson vivia sempre por um fio? Tinham quase afundado no mês anterior, mas Ed dera um jeito de arrancar aquele contrato com a US Medical. Prometera a eles uma

entrega rápida e eficiente. Se o Foxtrot Bravo não estivesse pronto no dia seguinte... Ela não queria nem pensar.

Enquanto o carro da polícia avançava pelo Central Park, Percey Clay contemplou os primeiros brotos da primavera desabrochando no parque. Ed adorava aquela área. Gostava de dar duas voltas completas ao redor do lago e depois voltar para o local onde ela ficava folheando um relatório de voo ou um manual de reparos de turboventilador a bebericar um WildTurkey, bourbon temperado com especiarias. Sorrindo, Ed vinha cutucar-lhe as costelas com os dedos fortes, para perguntar se não queria algo pouco saudável. Ao mesmo tempo, estaria furtando um ou dois goles da bebida.

Depois, ela recordou, ele se inclinava para beijá-la no ombro.

Ed... Todas as estrelas da noite...

Com os olhos rasos de lágrimas, Percey Clay tomou uma decisão, e pegou o celular.

# CAPÍTULO QUATRO

**Hora 5, de 45**

**A** SIRENE soava. Lincoln Rhyme ficou esperando o efeito Doppler transformar o gemido agudo num som cada vez mais grave, à medida que o veículo fosse se afastando. Mas, ao chegar diante de sua porta, o som extinguiu-se bruscamente. Um instante depois, Thom fez entrar no laboratório do primeiro andar um jovem policial com o uniforme azul da polícia do estado de Illinois. O uniforme estava amarfanhado, com manchas de suor, e o policial carregava dois malotes pesados de lona e uma pasta marrom.

— A bomba! — exclamou Rhyme, satisfeito. — Chegou a bomba!

Surpreso diante daquele grupo heterogêneo de agentes da lei, o policial mal se deu conta de que Mel Cooper arrebatava os malotes de sua mão, enquanto Sellitto assinava rapidamente o recibo e o livro de protocolo e os devolvia.

— Obrigado, até logo, boa sorte — disse o rapaz, enquanto Thom, com um sorriso polido, escoltava-o para fora do aposento.

Rhyme chamou:

— Vamos trabalhar, Sachs, você está muito parada.

Ela lhe deu um sorriso gélido e caminhou para a mesa de Cooper.

"Qual é o problema agora?", perguntou-se Rhyme. Uma hora era mais do que o suficiente para examinar a cena de um crime, se era esse o motivo da irritação dela. Bem, ele a preferia assim, geniosa.

— Muito bem, Thom, vá ao quadro-negro. Precisamos fazer uma lista dos indícios. Desenhe umas tabelas. Coloque: CC-1, Chicago. O primeiro cabeçalho.

— CC?...

— Cena do Crime. O que mais podia ser?

O assistente apanhou o giz, espanou um pouco da poeira branca que tinha aderido à sua gravata e às suas calças de vinco impecável, e começou a escrever.

— O que temos aqui, Mel?... Sachs, ajude-o.

Os dois começaram a esvaziar os sacos e as pequenas caixas plásticas contendo cinza, pedaços de plástico e fragmentos de metal e fibra. Os objetos eram colocados em bandejas de porcelana. Os agentes que unham recolhido os destroços utilizaram magnetos montados sobre rolos, possantes aspiradores de pó e peneiras de malha fina, a fim de preservar cada fragmento.

Rhyme era uma autoridade em bombas. Depois que o Dançarino da Morte deixara seu pequeno embrulho letal naquela cesta de lixo em Wall Street, Rhyme tinha se dedicado a aprender tudo que pudesse a respeito de explosivos, e durante algum tempo os estudara numa unidade de elite do FBI.

Sachs remexeu nos sacos.

— Uma bomba não destrói a si própria?

— Nada se destrói completamente, Sachs. Tenha isto sempre em mente.

Ele moveu a cadeira para perto da mesa e, ao examinar os sacos, teve de concordar:

— É, esta aqui está complicada. Está vendo aqueles fragmentos de alumínio? O metal está despedaçado, em vez de torcido. Isso quer dizer que a taxa de detonação da bomba era muito alta. Mas, mesmo assim, restam de 60 a 90% de uma bomba, depois da explosão. Material é o que não nos falta.

— Não falta? — Dellray deu um riso sarcástico. — E mais difícil do que juntar os pedaços de um lustre depois da queda.

— Mas não estamos aqui para isso, Fred — disse Rhyme, sem perda de tempo. — Estamos aqui para prender o sujeito que o empurrou de cima do muro. — Começou a mover-se devagar ao longo da mesa. — O que acha disto, Mel? Estou vendo baterias... Isto aqui são fios...

Aqui está o cronômetro. O que mais? Algum pedaço da caixa, ou do invólucro?

— Perto do lugar da explosão não vejo nada — disse Cooper.

— Interessante — comentou Rhyme, pensativo. — Como ele a terá colocado a bordo? Lon, leia o relatório de Chicago.

Sellitto leu alto:

— Difícil determinar o local exato da explosão... fogo e destruição muito intensos... o artefato parece ter sido colocado por trás e abaixo da cabine...

— Será que havia um depósito de cargas ali?... Talvez. Rhyme calou-se, mas sua cabeça ainda se movia de um lado para o outro, examinando os indícios.

— Espere! — gritou de repente. — Mel, o alumínio. Ponha no microscópio.

Cooper conectara a saída de vídeo de seu microscópio ao computador de Rhyme. O que Cooper via, Rhyme podia ver também. O técnico começou a preparar amostras de minúsculos fragmentos dentro de placas e a passar cada uma delas no microscópio.

Momentos depois, Rhyme comandou:

— Descer cursor. Duplo clique. — A imagem no monitor foi ampliada. — Veja, ali. A superfície externa do avião está amassada para dentro.

— Para dentro? — perguntou Sachs. — A bomba estava do lado de fora?

— Estou achando que sim. O que pensa disto, Mel?

— As cabeças daqueles rebites estão curvadas para dentro. Explosão de fora para dentro, sem dúvida. E isso explica isto aqui. — Usando óculos de aumento, Cooper estava esquadrinhando os fragmentos de metal como um caubói que contasse as cabeças de

uma boiada. — Fragmentos de metal ferroso. Magnético. Por baixo da camada de alumínio havia aço.

— Alguma chance de achar algo impresso, Mel? Fale a verdade.

A resposta de Cooper foi uma risada curta, cética. Mas ele voltou a examinar o material com seu potente PoliLight. Não encontrou nada além dos resíduos da explosão.

— Nada — disse ele por fim.

— Quero cheirar isso — anunciou Rhyme. — Sabemos que é um explosivo potente. Quero saber de que tipo.

Sachs trouxe um saco até junto de sua cadeira e o abriu. Rhyme inalou e o reconhecimento foi instantâneo.

— RDX — disse ele.

— Acha que é C-Três ou C-Quatro? — perguntou Cooper.

— Não é C-Três — disse ele, voltando a aspirar o odor do explosivo como se fosse um vinho Bordeaux de boa safra. — O cheiro não é doce. Estranho... Estou sentindo algo diferente. Mel... passe isto no EG.

O técnico passou a amostra no espectrômetro de gases, que isolava os compostos e os identificava. A resposta era comparada a uma base de dados, o que em muitos casos era capaz de identificar até a marca do produto.

Cooper examinou os resultados.

— Tem razão, Lincoln. É RDX. E há óleo também. E... que coisa mais esquisita... amido.

— Amido! — exclamou Rhyme. — Foi isso que cheirei... farinha de grãos de guar!

As palavras de Rhyme apareceram transcritas na tela do monitor e Cooper riu.

— Como sabe? — perguntou ele.

— Porque é dinamite militar. A gente não a vê com frequência.

— Militar, hem? — disse Sellitto. — Ponto para Hansen.

O técnico começou a montar amostras para passar no espectrômetro. As imagens apareciam ao mesmo tempo no monitor de Rhyme. Pedacos minúsculos de fibra de vidro ou de fios. Farrapos, estilhaços, pó.

Rhyme lembrou-se de uma imagem semelhante, anos atrás, em circunstâncias totalmente diferentes. Estava olhando através do tubo de latão de um calidoscópio que ele dera de presente de aniversário a uma amiga. Claire Trilling, bela, elegante. Os dois tinham passado a noite tomando uma garrafa de merlot e tentando adivinhar que tipo de cristais exóticos estavam produzindo aquelas imagens espantosas que viam através da lente. Por fim, Claire desatarraxou o fundo do tubo e os dois caíram na gargalhada. Pedacos de metal, lascas de madeira, um clipe de metal partido, percevejos de latão.

Rhyme afastou as recordações e concentrou-se na tela: um fragmento de papel pardo encerado... certamente do papel que embrulhara a dinamite. Fibras: do cabo do detonador. Um pedaço de carvão da bateria, do tamanho de uma borracha escolar.

— O contador de tempo — disse Rhyme. — Quero vê-lo.

Cooper ergueu um pequeno saco plástico. Dentro dele estava o coração da bomba, silencioso, frio, em estado quase perfeito. "Ah, temos aqui o seu primeiro deslize", concluiu Rhyme, dirigindo-se silenciosamente ao Dançarino. Por descuido, ele posicionara o contador por trás de uma lingueta de aço na embalagem que protegia a bomba, e no instante da explosão isso o poupou.

Rhyme inclinou-se para a frente, olhando para o pequeno mostrador retorcido.

— Passe tudo na ERC — pediu.

A ERC era a Coleção de Referências sobre Explosivos mantida pelo FBI, o maior banco de dados sobre explosivos em todo o mundo. Cooper digitou o número do modelo e o do fabricante do contador. Seu modem emitiu sinais e, instantes depois, o resultado surgiu.

— Nada bom — disse Cooper, fazendo uma careta. — Nenhum perfil específico corresponde ao desta bomba.

A maioria dos fabricantes de bombas caseiras obedece a um padrão: eles aprendem uma técnica e mantêm-se fiéis a ela. E, dada a natureza do produto com que estão lidando, talvez seja uma boa idéia não querer ser experimental demais. Se os estilhaços da bomba do Dançarino correspondessem aos de outro atentado na Flórida, ou na Califórnia, a equipe poderia colher pistas adicionais nesses outros casos. A bomba do Dançarino em Wall Street fora diferente, mas servira a um propósito igualmente distinto. Uma coisa

Rhyme sabia ao certo sobre o Dançarino da Morte: ele adaptava seus instrumentos às necessidades específicas de cada trabalho.

— E aí? Está piorando? — perguntou Rhyme, vendo a expressão no rosto de Cooper.

— A Corporação Daiwana, em Seul, vendeu 142 mil iguais a este no ano passado. Não há nenhum código que nos permita identificar o comprador deste.

— Mas que ótimo. Que maravilha.

— Esta bomba... — interrompeu Dellray, mal-humorado. — Com que tipo de pessoa o nosso amigo teve que entrar em contato para preparar um artefato desse tipo?

Rhyme abanou a cabeça, desalentado.

— É um trabalho caseiro, Fred. Com exceção dos explosivos e do cabo do detonador, o Dançarino poderia ter comprado na loja da esquina tudo de que precisou. Mas, por que a instalou do lado de fora? — prosseguiu ele. — Percey disse que havia sempre gente em torno do avião. E como se explica que Ed Carney e o co-piloto não a tenham avistado quando fizeram a última inspeção externa?

— Porque — disse Sachs de repente — o Dançarino não poderia ter posto a bomba no avião antes de saber quem voaria nele.

Rhyme girou a cadeira de rodas na direção dela.

— Isso mesmo, Sachs! Ele está à espreita. Depois que Carney entrou no avião, ele deu um jeito de colocá-la. É melhor descobrir logo onde foi, Sachs. Mãos à obra.

— Vou ter apenas uma hora... ou menos, a esta altura — disse Amelia Sachs com um olhar frio na direção dele, ao se encaminhar para a porta.

— Mais uma coisa — comentou Rhyme. — O Dançarino é um sujeito diferente de quem quer que você já tenha investigado. — Ele se deteve, sem saber como explicar o que sentia. — Com ele, o que você vê não corresponde necessariamente ao que é de fato.

Ela ergueu uma sobrancelha, como quem indagasse: Aonde você quer chegar?

— Se você vir alguém fazendo um movimento estranho... atire primeiro.

— O quê? — ela riu.

— Pense primeiro em você, Amelia, e depois na cena do crime.

— Eu faço parte da cena do crime. Ele não vai me dar atenção.

ESTRADA afora.

Amelia Sachs guiava através de um túnel de árvores floridas, com unhas de um lado e um pequeno despenhadeiro do outro. Folhas verdes espalhavam-se pela paisagem e as forsítias amarelas brotavam por toda parte.

Sachs era uma mulher urbana, nascida no Hospital-Geral do Bioklyn, e tinha morado naquele mesmo bairro a vida inteira. Para ela, a natureza consistia no Prospect Park, que ela visitava aos domingos ou, nas noites ao longo da semana, nas áreas de

preservação ambiental de Long Island, onde participava de "pegas" com outros parceiros, ao volante de um Dodge Charger com silhueta de tubarão, fugindo às patrulhas noturnas. Agora, ao volante de um veículo de resposta rápida da IRD, ela pisou no acelerador, ultrapassou uma van e fez a curva na direção de Westchester.

Estava pensando nas bombas, e em Percey Clay.

E pensava também em Lincoln Rhyme.

Alguma coisa nele estava diferente naquele dia. Algo significativo. Sachs trabalhava com ele há um ano, e a verdade é que considerava a inteligência de Rhyme estimulante, intimidativa e — algo que ela jamais confessara — extremamente sexy.

Isso não significava que fosse capaz de entendê-lo por completo. Por que ele considerava este caso do Dançarino da Morte algo tão especial? E por que lhe dera apenas uma hora para examinar o hangar? Pelo que ela podia avaliar, ele determinara isto apenas para fazer um favor a Percey. O que era surpreendente, partindo dele. Rhyme era capaz de interditar a cena de um crime por dias inteiros, se achasse necessário.

As questões agitavam-se em sua mente, e Amelia Sachs não gostava de perguntas sem respostas.

Mas não tinha mais tempo para especulações. Girou o volante do carro e pegou a larga transversal que conduzia ao Aeroporto Regional de Mamaronek. Um policial uniformizado fez sinal para que entrasse.

SACHS COLOCOU as luvas de látex e passou tiras de borracha em volta de seus sapatos, para certificar-se de que suas pegadas não seriam confundidas com as dos suspeitos. Em seguida, ligou o walkie-talkie Motorola do cinto ao conjunto de fones e microfone que trazia preso à cabeça.

— Estou aqui, Rhyme — anunciou.

— E onde é aqui, Sachs? — resmungou ele do outro lado.

— Na interseção das pistas do aeroporto. Entre uma fila de hangares. Na Hudson Air me informaram que o avião de Carney estava estacionado aqui.

Sachs olhou em redor, sentindo a incômoda sensação de estar super-exposta. O Dançarino bem poderia estar ali naquele mesmo instante — talvez para eliminar vestígios que tivesse deixado para trás, talvez para matar um policial e perturbar as investigações. Atire primeiro, dissera Rhyme.

Ela apanhou a caixa do microscópio e a mala que trouxera no carro. Lá dentro estavam os instrumentos de que iria necessitar: equipamento para colher impressões, pinças, pincéis, tesouras, um kit para coletar resíduos de disparos de arma de fogo.

Primeira tarefa: estabelecer o perímetro.

Ela usou a fita amarela de isolamento da polícia para cercar toda área.

Segunda tarefa: levar em conta a presença de câmeras ou microfones da imprensa.

— Nada de imprensa, graças a Deus. Pelo menos por enquanto.

— O que foi, Sachs? — perguntou Rhyme.

— Estou agradecendo a Deus por não haver repórteres aqui.

— Muito bonito, mas diga o que está fazendo agora.

— Ainda isolando a área.

Terceira tarefa: estabelecer a rota de entrada e de saída do criminoso.

Mas ela não tinha nenhum indício. O Dançarino poderia ter vindo de qualquer direção, talvez até guiando um carrinho de bagagens, ou um veículo de abastecimento.

Sachs colocou o par de óculos especiais e começou a examinar a pista com a haste metálica em cuja ponta estava a câmara do microscópio. Podia enxergar manchas e riscos brilhando na luminosidade verde-amarelada. Mas nada de pegadas.

Isto aqui foi lavado ontem à noite — disse uma voz por trás dela.

Ela girou nos calcanhares: havia um grupo de homens parados atrás da fita amarela. Aproximou-se com cautela, conferiu os documentos de nulos e pediu que se afastassem.

Que boa notícia. Cada vestígio, cada pegada do Dançarino tinha sido apagada. Ela falou ao microfone:

— Eles lavaram a pista ontem à noite, Rhyme. Mangueiras de alta pressão, ao que tudo indica.

— Essa não. Tudo bem, Sachs, vá em frente.

Amelia Sachs passou a hora seguinte caminhando pela área, primeiro indo para a frente e para trás numa mesma direção, depois fazendo movimento idêntico em sentido perpendicular. Comunicou a Rhyme que nada encontrou.

— Que é isso, Sachs? — disse ele. — Tenho certeza de que existe muita coisa. Tem que se esforçar mais um pouco. O Dançarino não é um criminoso qualquer.

"Ah, lá vem ele de novo."

— Sachs — sussurrou Rhyme —, tente entrar na mente dele. Sabe o que eu quero dizer.

Ela sabia exatamente. E odiava a idéia. Mas sabia, sim, e como. Os melhores criminalistas caminhavam pela cena de um crime não como policiais em busca de pistas, mas colocando-se no lugar do próprio assassino — sentindo os seus desejos, os seus impulsos, os seus medos. Rhyme tinha esse talento. E Sachs, embora tentasse negá-lo, também o possuía.

— Fale comigo — Rhyme falava num tom quase sedutor. — Você está andando por onde ele andou. Está pensando o que ele pensou.

Uma imagem brotou na mente dela: o céu noturno, as luzes do campo de pouso, o som dos motores, o cheiro deixado no ar pelos jatos.

— Vamos, Amelia. Você sabe que Ed Carney está nesse avião. Você precisa colocar a bomba nele. Você é capaz de matar qualquer

pessoa, fazer qualquer coisa para conseguir isso. Você acha um jeito de desviar as atenções, você sabe usar as pessoas. Sua arma mais poderosa é a dissimulação.

Ela fechou os olhos e sentiu uma esperança sombria, uma sensação de alerta, um impulso de predador.

Ele prosseguiu, com voz suave:

— Onde você se escondeu?

Olhos abertos, agora.

— Toda a área está vazia — respondeu. — Os hangares estão trancados. Não há caminhões, nem becos, nem recantos.

— Está pensando em quê?

Luzes por toda parte. Fique escondida. Abaixese. Não há onde se ocultar.

Ela virou-se para o único lugar possível, o hangar no final da pista. Uma de suas janelas estava quebrada, fechada com tábuas pelo lado de dentro. Aproximou-se devagar. O chão era de cascalho; impossível procurar pegadas.

— Há uma janela. Tábuas por dentro. O vidro está partido.

— Está sujo? Ainda há pedaços de vidro na janela?

— Sim, e as bordas estão limpas. O vidro foi quebrado há pouco tempo.

— Tudo bem. Empurre as tábuas. Com força.

As tábuas se desprenderam e caíram dentro do hangar com ruído.

— O que foi isso? — gritou Rhyme. — Sachs, você está bem?

— Foi a tábua caindo — respondeu ela, assustada com a inquietação na voz dele.

Enfiou sua lanterna de halogênio pela janela e olhou.

— Está vazio. Alguns caixotes empoeirados. Há cascalho no chão.

— Foi ele! — gritou Rhyme. — Jogou cascalho no chão para pisar nele e não deixar pegadas. Muito bem, agora examine a janela e depois pule para dentro. Mas primeiro veja se não há armadilhas. Lembre-se daquela lata de lixo.

"Pare com isso, Rhyme. Pare."

— Está tudo OK, Rhyme. Nenhuma armadilha. Estou examinando o caixilho da janela. — O visor do microscópio mostrava apenas a leve marca deixada por um dedo envolto numa luva de algodão. — Não estou vendo fibras, apenas uma impressão deixada pelo tecido.

— Muito bem. É ele, Sachs. Não haveria nenhuma lógica em alguém arrombar a janela com luvas de algodão, quando não há nada aí dentro para ser roubado.

Ela usou o Dustbuster para recolher o indício e guardou-o na bolsa.

— Tudo bem, Rhyme. Vou levar isto para você, mais o vidro e o cascalho. Em quarenta minutos estarei aí.

Sachs guardou o equipamento no carro e rumou na direção da Hudson Air. Quando entrou no escritório de Ron Talbot, ele estava falando com um homem alto que tinha as costas voltadas para a porta.

— Achei o lugar onde ele se escondeu, Sr. Talbot — disse ela.  
— Podemos liberar a área, está à sua disposição.

Brit Hale voltou-se.

— Olá, detetive. Como está?

Ela começou a responder, mas logo se deteve. O que ele estava fazendo ali?

No mesmo instante, escutou um choro abafado e olhou na direção da sala de reuniões. Lá estava Percey Clay, sentada ao lado de uma bela morena. A mulher chorava; firme, apesar de abalada, Percey tentava confortá-la. Jerry Banks bebericava um café, parado junto à janela, observando um Learjet estacionado junto do hangar.

"Não, não, não..."

— Rhyme! — gritou Sachs ao microfone. — Ela está aqui!

— Quem? — perguntou Rhyme, em tom azedo. — E onde é aqui?

— Percey. E Hale também. Estão na Hudson Air.

— Não. Eles devem estar no esconderijo.

— Pois bem, não estão. Estão exatamente aqui na minha frente.

— Não! Não! Não! — gritou Rhyme, enfurecido. Houve um curto silêncio e ele voltou a falar. — Pergunte ao Banks se ele pelo menos fez manobras de despistamento antes de chegar aí.

Jerry Banks, pouco à vontade, confessou que não.

— Ela insistiu muito para passar por aqui; precisava entrar em contato com um mecânico.

— Sachs, o Dançarino está aí, em alguma parte. Eu sei que ele está.

— Mas como ele poderia? — perguntou Sachs, olhando pela janela.

— Diga a eles para se abaixarem — insistiu Rhyme. — Vou pedir ao Dellray que mande um veículo blindado do escritório do FBI em White Plains.

Sachs ergueu a voz:

— Jerry, não deixe ninguém sair. — Ela correu até a porta e varreu o campo de pouso com o olhar. — Mas como, Rhyme? Como ele poderia chegar aqui?

— Não faço idéia. Como é o lugar em termos de segurança?

— Uma cerca de arame. Policiais na entrada, checando documentos.

— Mas não checam os documentos da polícia, certo?

Sachs olhou os guardas uniformizados à distância, lembrando o gesto casual com que tinham permitido sua entrada.

— Oh, Rhyme, há uma dúzia de carros aqui. Ele pode estar em qualquer um.

Ela chamou um dos policiais, observou com cuidado seu rosto e documentos e decidiu que ele merecia confiança. O guarda examinou rapidamente os uniformes e os rostos dos demais, e fez uma checagem com a Central. Não havia desconhecidos no grupo e nenhum dos guardas destacados para o local estava faltando.

— Mas a patrulha aérea de White Plains encontrou um corpo num depósito de lixo — disse o policial. — Morto há cerca de uma hora.

Um trabalho nauseante.

— Pergunte a ele se o rosto e as mãos estavam destruídos — disse Rhyme.

— O quê?

— Pergunte!

Ela fez a pergunta e o policial piscou, tomado de surpresa.

— Sim, senhora. Bem... as mãos pelo menos.

Rhyme exclamou:

— E onde ele está agora? O corpo?

Ela transmitiu a pergunta.

— No rabeção. Está sendo levado para o necrotério do condado.

— Não — disse Rhyme. — Mande levá-lo para aí, agora mesmo. Ele tem a resposta de como o Dançarino vai tentar se aproximar daí.

As PESSOAS pensam que o instrumento mais importante para um atirador de tocaia é o rifle, mas não é assim. É o telescópio.

"Como chama-se isto, soldado? Um visor telescópico? Uma luneta?"

"Não, senhor. É um telescópio. Este aqui é um Redfield variável, três por nove. Não existe nada melhor, senhor."

O telescópio montado no Model 40 tinha pouco mais de trinta centímetros de comprimento e pesava apenas cerca de 300g. Um compensador de paralaxe tinha sido fixado pelo engenheiro óptico na fábrica, de tal maneira que, ao ser centralizada sobre o coração de um homem a quatrocentos metros, a alça de mira não se moveria quase nada se a cabeça do atirador se mexesse da esquerda para a direita.

Escondido numa touceira de mato a trezentos metros do hangar da Hudson Air, Stephen tinha a arma nos braços. O Model 40, um rifle de 7.62mm das forças da OTAN, tinha alcance efetivo de mil metros, embora Stephen já tivesse abatido alvos a 1.300m. Através do telescópio ele esquadrinhou as instalações da Hudson Air. Não conseguia localizar a Esposa, mas logo ela estaria ali. Captara a

voz dela pelo grampo que instalara na linha telefônica do escritório; ela falava com alguém chamado Ron.

Stephen arrastou-se para a frente até se achar sobre uma pequena elevação, ainda oculto pelos arbustos; tinha então uma vista muito melhor do hangar e do escritório, separados dele por um terreno plano coberto de mato rasteiro e por duas pistas asfaltadas. Um belo lugar para abater alguém. Amplo, quase sem esconderijos.

Duas pessoas estavam paradas diante da porta da frente, um guarda fardado, da polícia local ou estadual, e uma mulher de cabelos ruivos, semi-ocultos sob um boné de beisebol. Muito bonita. Uma policial, mas em trajes civis. Ele podia ver o volume de uma pistola Glock ao seu cinto. Ele ergueu o medidor de distância e enquadrou a imagem da mulher no visor. Girou o aro do transferidor: 288m.

A grama ao seu redor se agitou. Vermes, pensou ele.

Aquele rosto na janela. Ele colocou a alça de mira no peito da policial.

"Soldado, qual é o lema do atirador de tocaia?"

"Senhor, o lema é: 'Uma chance, um tiro, uma morte'."

As condições eram excelentes. O ar úmido impulsionaria o projétil. Ele arrastou-se, recuando, até ficar ao abrigo da pequena elevação, e inseriu cinco cartuchos na arma. Voltando à posição anterior, fincou o cotovelo esquerdo na terra e colou o rosto e o polegar direito à coronha.

Era difícil enxergar o interior do escritório, mas Stephen julgou ter vislumbrado a Esposa. Sim, sim, lá estava ela. Parada junto a um homem corpulento que fumava um cigarro. Mas logo um homem louro e jovem, de terno, usando um distintivo, fez com que os dois se afastassem.

"Paciência. Ela vai aparecer de novo. Não fazem idéia de que você está aqui. Você pode esperar o dia inteiro, Enquanto os vermes não..."

Luzes piscando outra vez. Uma ambulância da polícia entrou na área de estacionamento. A policial ruiva correu na direção do veículo.

Stephen respirou fundo.

DEPOIS de conversar rapidamente com o médico, Sachs entrou na parte traseira da ambulância e abriu o zíper do saco plástico onde estava guardado o cadáver. Enquanto calçava luvas de borracha, ela ia falando:

— Sem documentos, Rhyme. Ninguém tem idéia de quem é ele. As mãos foram amputadas por algo com uma lâmina muito afiada, como uma navalha.

— Percey está em segurança? E Hale?

— Estão no escritório. Longe das janelas.

— A van deve chegar aí em dez minutos. E o corpo, está vestindo o quê?

— Só roupa de baixo — disse Sachs, examinando o cadáver.

— Procure a causa da morte.

Após um breve exame, ela a encontrou.

— Apunhalado com uma arma de lâmina estreita, na base do crânio. É um homem gordo, barrigudo. Braços bronzeados. Unhas dos pés grandes, um brinco barato na orelha. As cuecas são da Sears e estão puídas.

— Muito bem, parece ser um operário. Trabalhador braçal ou entregador. Vamos pensar. Por que o Dançarino não quis deixar o corpo à prova de identificação? Se quisesse, poderia ter arrancado os dentes. Haverá mais alguma coisa que ele não quer que a gente descubra?

— Algo nas mãos da vítima? — sugeriu Sachs.

— Talvez. Algo que ele não poderia limpar do corpo facilmente.

— Óleo? Graxa?

— Talvez ele estivesse entregando combustível — disse Rhyme.

Sachs relanceou um olhar pelo aeroporto. Havia dúzias de entregadores de combustível, membros das equipes de apoio, mecânicos, operários de construção envolvidos com a ampliação de um dos terminais.

— O sujeito é grande? — prosseguiu Rhyme. — Provavelmente ele suou durante o dia. Talvez tenha enxugado a testa ou cocado a cabeça. Examine o couro cabeludo, Sachs.

Ela obedeceu e encontrou o que procurava.

— Estou vendo manchas. Manchas azuis. Uns respingos brancos também. É tinta, Rhyme. Ele trabalha na pintura.

O documento de identidade provavelmente estava manchado de tinta, ou então o Dançarino o falsificou de algum modo. Ele está em algum lugar do aeroporto, Sachs. Mantenha Percey e Hale deitados no chão. Ponha guardas em volta deles e mande todo mundo disponível a procura do Dançarino. A SWAT está a caminho.

## PROBLEMAS.

Ele observava a policial de cabelos ruivos, agachada na parte traseira da ambulância. Através do telescópio Redfield, ele não podia ver claramente o que ela fazia, mas começou a sentir-se pouco à vontade.

Ela saltou da ambulância e olhou ao redor, esquadrinhando o espaço aberto em volta do campo de pouso.

"Algo está acontecendo, soldado."

"Estou percebendo, senhor."

A ruiva começou a gritar ordens para outros policiais. Um deles correu de volta para o carro. Depois, o outro. Ele viu os olhos penetrantes da ruiva observando tudo ao redor. Alinhou a alça de mira com seu queixo bem delineado.

Ela se deteve e pareceu estar falando sozinha.

Não, não estava falando sozinha. Tinha um suporte de plástico na cabeça e estava falando a um microfone. Pelo modo como

inclinava a cabeça e fazia pequenos sinais de aquiescência, parecia estar recebendo ordens de alguém. "Quem?" Imaginou ele. "Alguém que sabe que estou aqui. Alguém que está à minha procura. Alguém que pode me observar através de uma vidraça e desaparecer um segundo depois."

Um calafrio percorreu-lhe a espinha, fazendo-o estremecer. A alça de mira do telescópio oscilou, descontrolada. Quando voltou a enquadrar a ruiva, ela estava apontando para a van que ele roubara do pintor. Estava a duzentos metros do ponto onde ele se escondia, num estacionamento reservado para os que trabalhavam na construção. A pessoa com quem ela se comunicava tinha descoberto como ele se infiltrara no aeroporto.

Aquela sensação de medo. Vermes pegajosos subindo pelas pernas.

"O que devo fazer?", indagou-se. Uma chance, um tiro...

"Estão aqui, muito perto: a Esposa e o Amigo." Poderia liquidar tudo em pouco tempo. Cinco segundos; não precisaria de mais do que isso.

"Preciso fazer com que saiam, venham para a linha de tiro. Não tenho muito tempo. Pense."

Se quer pegar uma corça, ameace o filhote.

Stephen respirou devagar. Para dentro... para fora. Para dentro... para fora. Enquadrou o alvo. Começou a aplicar pressão sobre o gatilho.

O estrondo ecoou por todo o campo de pouso. Os policiais jogaram-se ao chão, puxando as armas. Um segundo tiro, e outro jato de fumaça brotou do motor do avião estacionado dentro do hangar.

A policial ruiva estava agachada, tentando descobrir de que direção vinham os tiros, apontando a pistola Glock para todos os lados. Eliminá-la?

"Negativo, soldado. Concentre-se no seu alvo."

Atirou outra vez. Outro pedaço do avião voou pelos ares.

De repente lá estava ela — a Esposa — abrindo caminho pela porta da frente do escritório, lutando contra o policial louro que tentava detê-la. Alvo incerto, ainda. "Deixe que ela venha."

Apertou o gatilho. Outro disparo. Um vidro da cabine se estilhaçou.

A Esposa, com o horror estampado no rosto, conseguiu abrir caminho e correr até o hangar para fechar as portas e proteger seu filhote.

Recarregar. Ele enquadrou a retícula da mira no peito da Esposa. A arma disparou no instante em que o policial louro jogou-se sobre ela, e os dois rolaram para trás de um desnível do terreno. Um tiro perdido. "Tenha calma", ele disse a si mesmo.

Ao longe, ouviram-se vários tiros de pistola. Voltou a olhar para a ruiva. Ela olhava em sua direção, esperando ver o clarão do próximo disparo, os olhos apertados de concentração.

Stephen engatilhou o Model 40.

AMELIA Sachs avistou um breve clarão e percebeu onde o Dançarino da Morte estava escondido. O visor telescópico do rifle tinha refletido a claridade das nuvens.

— Ali — gritou ela, apontando para os dois policiais que se ocultavam atrás do carro. Um pequeno grupo de árvores, a trezentos metros de distância. Os policiais começaram a correr, dando a volta por trás de um hangar próximo, para atacá-lo pelo flanco.

— Sachs! — chamou Rhyme. — O que está...

— Percey — disse ela. — Ele está atirando para atraí-la.

— Deite-se no chão, Sachs. No chão!

Sachs sentiu um espasmo de pânico percorrer-lhe as costas.

— Percey! — gritou ela. A mulher tinha mais uma vez se desvencilhado de Jerry Banks e ficado de pé. Estava correndo para a porta do hangar. — Não!

Os olhos de Sachs estavam fitos no local onde tinha avistado o brilho no telescópio do Dançarino da Morte. "Muito longe", pensou ela. Não posso atingir nada a esta distância."

"Se tiver calma vou conseguir. Ainda tenho 11 balas."

O assassino voltou a atirar. Um instante depois uma bala passou zunindo, a alguns centímetros do rosto dela. Sachs sentiu o deslocamento do ar e ouviu o silvo do projétil.

Soltou um gemido e deixou-se cair no chão.

"Não. Tive uma chance de atirar antes que ele recarregasse a arma. Mas agora é tarde."

Ela ergueu o rosto e a pistola, mas perdeu a coragem. Abaixou a cabeça novamente e, sem olhar, disparou cinco vezes. Mas sabia que estava atirando às cegas.

"Vamos, garota. Fique de pé. Mire e dispare. Você ainda tem seis balas e mais dois pentes no cinto. Vamos!"

A lembrança do zunido da bala, todavia, a manteve pregada ao chão. O máximo que conseguiu foi erguer a cabeça o bastante para ver Jerry Banks alcançar Percey e empurrá-la para trás da carreta de um gerador. Quase ao mesmo tempo ouviu-se o tiro. Banks girou sobre si próprio, como um bêbado. Em seu rosto uma expressão de surpresa seguida de assombro e, depois, mais nada.

# CAPÍTULO CINCO

**Hora 5, de 45**

— **E** ENTÃO? — perguntou Rhyme.

Lon Sellitto desligou o celular.

— Ainda não sabem — respondeu.

O rosto mole e suado do detetive estava pálido. Considerado uma lenda viva entre os investigadores de homicídios, Sellitto não se deixava abater facilmente. Mas naquele instante seu pensamento estava a quilômetros de distância, no hospital de Westchester, onde Jerry Banks, em estado grave, estava sendo submetido a uma cirurgia. Eram 2:00h da tarde de sábado, e o homem estava na mesa de operação há mais de uma hora.

Sellitto, Sachs, Rhyme e Cooper estavam no andar térreo da casa de Rhyme, dentro do laboratório. Dellray tinha saído para verificar alguns detalhes de segurança no esconderijo das testemunhas. Agentes do FBI de White Plains tinham trazido Percey e Hale do aeroporto, usando táticas de despistamento. Sachs tinha vasculhado a nova cena do crime: o local onde o atirador se escondera, a van do pintor, o carro no qual o Dançarino fugira do aeroporto — uma van da empresa fornecedora de refeições — e partira imediatamente para Manhattan com os indícios que recolhera.

— Vamos ver o que temos — disse Rhyme, voltando-se para ela e para Cooper. — Alguma bala do rifle?

Roendo uma unha já desgastada, Sachs respondeu:

— Eram balas explosivas. — Ela parecia amedrontada; seus olhos estavam irrequietos como passarinhos. Estendeu um saco plástico. -Isto é o que restou de uma delas.

Cooper derramou o conteúdo do saco numa bandeja de porcelana e mexeu nos fragmentos.

— Balas com ponta de cerâmica. Não há vestígios.

Ouviu-se um ruído na porta de entrada, e Thom apareceu ao lado de dois agentes do FBI. Por trás deles vinham Percey Clay e Brit Hale. Percey dirigiu-se a Sellitto.

— Como está ele? — Seus olhos escuros registraram a frieza no olhar dele, mas não se intimidaram. — Quero dizer, Jerry.

Sellitto não respondeu. Foi Rhyme quem falou.

— Está na mesa de cirurgia. Ela tinha o rosto contraído.

— Espero que dê tudo certo.

Amelia Sachs virou-se e disse com frieza:

— Ah, você "espera"? — Bem mais alta que Percey, ela deu um passo na direção da outra, que se manteve firme, encarando-a. — Um pouco tarde para isto, não acha? Ele está lá por sua causa.

— Ei, agente — interrompeu Sellitto.

Sem se alterar, Percey respondeu:

— Não pedi a ele para correr atrás de mim.

— Estaria morta, se ele não o tivesse feito.

— Talvez. Não podemos saber. Sinto muito se ele foi ferido.

Eu...

— Ah, sente muito? Sente mesmo? O bastante para doar um pouco de sangue? Para empurrar a cadeira de rodas, caso ele não possa mais andar? Para fazer um discurso na hora do enterro?

Rhyme a interrompeu:

— Amelia, vamos devagar. Não foi culpa dela. O Dançarino se antecipou a nós, e foi só.

Sachs encarou Percey, de cima a baixo.

— Quando correu para a linha de fogo, o que imaginou que Jerry iria fazer?

— Olha, eu não imaginei nada, certo? Apenas tive uma reação.

— Agente — disse Hale —, ela fez o que qualquer piloto teria feito.

— Exatamente — completou Rhyme. — É isso que estou dizendo, Sachs. É assim que o Dançarino age.

— Bem, estou me divertindo muito — disse Percey secamente, dirigindo-se à porta. — Mas tenho de voltar ao aeroporto.

— O quê? — exclamou Sachs, atônita. — Está maluca?

— Isso é impossível — disse Sellitto, emergindo de seu abatimento.

— Reformar meu avião já era um problema grande — replicou Percey. — Agora, temos danos a reparar. E como todos os mecânicos de Westchester são uns covardes, pelo que acabei de ver, eu mesma vou ter de fazê-lo.

Não acho que seja uma boa idéia, Sra. Clay — comentou Sellitto. — Estará protegida no nosso esconderijo, mas, fora dele, não podemos responder pela sua segurança. Vai ter de ficar lá até segunda-feira e...

— Segunda-feira? Oh, não... Vocês não compreendem. Eu tenho que pilotar aquele avião amanhã à noite, para levar uma carga da US Medical.

— Só uma pergunta — interrompeu a voz gélida de Amelia Sachs. — Quem mais pretende matar?

Percey deu um passo à frente e respondeu bruscamente:

— Perdi meu marido ontem à noite. Não vou perder também a minha empresa. Vocês não podem me dizer aonde posso ir ou não. A não ser que me prendam.

— Muito bem — disse Sachs. Com um gesto rápido, puxou um par de algemas e as colocou em volta dos pulsos da outra. — Você está presa.

— Sachs — disse Rhyme, contendo a irritação. — Solte-a. Agora.

Sachs replicou:

— Você é um civil, não pode me dar ordens. A acusação é "expor-se ao perigo por imprudência". Se Jerry morrer, será

"homicídio por negligência".

— Está se metendo num terreno perigoso, agente — disse Sellitto.

— Amelia! — Rhyme voltou a adverti-la, com voz fria.

Ela virou-se para encará-lo. Ele a tratava sempre pelo sobrenome, e ouvir seu nome de batismo na voz dele soou-lhe como uma bofetada.

As correntes nas algemas de Percey tilintaram. Com voz calma, Rhyme disse:

— Por favor, retire essas algemas e me deixe a sós com Percey por alguns minutos.

Sachs hesitou. Seu rosto era uma máscara sem expressão.

— Por favor, Amelia.

Sem uma palavra, ela abriu as algemas.

NO HALL, do lado de fora do laboratório, Sachs caminhou até a janela e ficou observando as próprias unhas, roídas, estragadas. Costumava colocar bandagens quando uma delas estava muito ferida. "Hábitos", pensou. "Maus hábitos. Por que não paro logo com isso?"

Sellitto postou-se ao lado dela, contemplando o céu acinzentado. tempestades de primavera se formavam no céu.

— Veja só, agente — disse ele com suavidade —, tudo bem, ela causou um problema. Mas o nosso erro foi ter permitido que ela

causasse esse problema. Não me sinto bem dizendo isto, mas a culpa foi de Jerry.

— Não — disse Sachs. — Você não entende.

— O quê?

— Eu estraguei tudo. Não foi culpa de Jerry, nem de Percey.

— Você? Sachs, foram você e Rhyme que descobriram o Dançarino lá no aeroporto. Se não fosse por vocês, ele teria abatido todos, um a um.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Eu vi a posição do Dançarino antes do tiro que acertou Jerry. Eu tinha um alvo bem preciso. Mas... ele atirou contra mim e me joguei no chão. Tive pelo menos uns três segundos para atirar, porque eu sabia que ele estava recarregando manualmente.

Sellitto fez um muxoxo.

— E daí? Está se achando culpada porque não ficou de pé e proporcionou um alvo melhor a um atirador de elite? O que é isso, agente! E você queria dar um tiro de trezentos metros com uma Glock 9? Nem sonhando.

— Talvez eu não o acertasse, mas pelo menos o manteria abaixado.

"Como explicar?", ela se perguntou. Atirar bem e guiar em velocidade eram as duas coisas de que ela se orgulhava. Ela podia ter salvo Jerry. Podia até ter atingido o assassino.

Estava furiosa consigo mesma, furiosa com Percey por tê-la colocado naquela situação. E furiosa com Rhyme também.

A porta se abriu e Percey pediu a Hale que entrasse. Ele desapareceu dentro do laboratório. Alguns minutos mais tarde, ele mesmo abriu a porta e disse:

— Ele está chamando vocês todos.

Quando Sachs entrou, Percey estava sentada numa velha poltrona, perto de Rhyme. Por um instante, Sachs teve a sensação ridícula de que os dois eram um casal, marido e mulher.

— Chegamos a um acordo — anunciou Rhyme. — Brit e Percey irão para o esconderijo de Dellray. Talbot fará os consertos no avião. Garanti a ela que poderá fazer o voo amanhã à noite, tenhamos ou não capturado o Dançarino.

— E se eu simplesmente a levar presa? — perguntou Sachs, irritada.

— Não creio que seja uma boa idéia — disse Rhyme. — Ela ficará ainda mais exposta: ser levada à corte, depois à detenção, uma porção de transportes... O Dançarino teria muito mais chances para alcançá-la.

Amelia Sachs hesitou, depois deu-se por vencida, assentindo com um gesto de cabeça. Rhyme tinha razão, como geralmente acontecia. Mas, com ou sem razão, as coisas sempre eram feitas do modo que ele queria. Ela era uma assistente, mais nada. Uma funcionária. Não passava disso aos olhos dele.

Rhyme prosseguiu:

— Minha idéia é a seguinte. Percey e Hale irão para o esconderijo. Mas precisamos preparar uma cilada, e vou precisar de você, Lon.

Sellitto inclinou-se para diante.

— Tem certeza disso, Lincoln?

Os olhos de Rhyme viraram-se para Percey. Os dois trocaram um olhar cujo significado Sachs não entendeu, mas que não a deixou satisfeita.

— Sim — disse Rhyme. — Tenho certeza.

— Muito bem — disse Sellitto. — Pode falar.

AOS OLHOS de Percey Clay, o esconderijo na rua 35 não pareceu particularmente seguro. Era uma casa de três andares em tijolos marrons, como tantas outras naquele quarteirão, próximo à Biblioteca Morgan.

Estacionaram no beco ao lado, e ela e Hale foram levados às pressas para dentro, pela entrada do porão. A porta de aço foi fechada e trancada por dentro. Os dois se viram diante de um homem de trinta e tantos anos, esguio, com cabelos castanhos que começavam a rarear. Ele sorriu.

— Olá — disse, mostrando sua identidade da polícia de Nova York.

— Sou Roland Bell. De agora em diante, peçam esta identificação a qualquer pessoa que virem, mesmo que seja um cara

tão simpático quanto eu.

Ouvindo seu sotaque, Percey perguntou:

— Não me diga que você é da Carolina do Norte.

— Sem dúvida. — Ele riu. — Sou de Hoggston. Morei quatro anos em Chapel Hill. Pelo que me disseram, você é de Richmond.

— Era. Há muito tempo.

— E o senhor, Sr. Hale?

— Michigan — respondeu Hale, apertando a mão do detetive.

— Muito bem. Sou detetive na seção de homicídios, mas estou trabalhando na proteção de testemunhas porque tenho um talento especial para manter pessoas vivas. Portanto, serei a babá de vocês por algum tempo. Por favor, lembrem-se de que tudo que eu lhes pedir para fazer é para o bem de vocês, certo? Agora, vamos ver as acomodações de luxo onde vocês vão ficar.

Enquanto subiam as escadas, Bell continuou:

— Nossos amigos no Departamento de Justiça sabem o que fazem. Aquelas janelas da frente não parecem muito seguras vistas de fora, não é mesmo? Bem, aqui temos nossa sala da frente. Dêem uma olhada.

Não havia janelas. Placas de aço tinham sido colocadas sobre elas, pelo lado de dentro.

— Da rua, parecem apenas janelas às escuras — explicou Bell. — Todas as outras janelas têm vidro à prova de bala. Mas mesmo assim convém ficarem afastados delas e manterem as persianas

corridas. A saída de incêndio e o teto estão cheios de sensores, e temos câmeras de vídeo por toda parte. Só um fantasma com anorexia poderia se infiltrar aqui. — Ele caminhou através de um salão, apontando. — Seu quarto fica ali, Sra. Clay.

— Já que vamos morar juntos por um tempo, pode me chamar de Percey.

— Tudo bem. E o seu é aquele outro...

— Brit.

Os quartos eram pequenos, sombrios, silenciosos. Bell disse algo no seu walkie-talkie, e um instante depois dois policiais uniformizados apareceram no corredor.

— Eles vão estar aqui 24 horas por dia. Se precisarem de algo, é só chamar.

— Para falar a verdade, estou precisando de algo — disse Percey, mostrando seu frasco metálico.

— Bem — disse Bell —, se precisa de mim para ajudar a esvaziá-lo, sinto muito, estou em serviço, mas agradeço. Se quiser ajuda para enchê-lo, não há problema.

DEPOIS de conversar com Sellitto, Rhyme — juntamente com Sachs e Cooper — repassou os indícios colhidos na cena do crime.

— Isto é do hangar onde ele esperou pelo avião — disse Sachs, erguendo um saco plástico. Ela e Cooper espalharam o material sobre uma larga folha branca, com a ajuda de pincéis e, colocando

óculos de aumento, começaram a examiná-lo. Cooper usou uma pinça para recolher vários fragmentos e colocá-los à parte. — Acho que encontramos fibras.

Um momento depois, Rhyme estava examinando os fios minúsculos na tela do computador.

— O que acha disso, Mel? Papel, não é?

— Sim.

Falando ao microfone, Rhyme ordenou ao computador uma varredura nas imagens microscópicas.

— Parece que são de dois tipos. Um parece branco, ou amarelo-claro. O outro tem um tom de verde.

— Verde? Será dinheiro? — sugeriu Sachs.

— Tem o bastante para passar no espectrômetro, Mel? — pediu Rhyme.

Cooper disse que sim e pôs mãos à obra. Examinou a tela.

— Não há traços de algodão nem de soda cáustica; deve ser papel barato. E a tinta não é de óleo, é solúvel em água.

— Então não é dinheiro — concluiu Rhyme. Voltou a ampliar a imagem na tela. Os detalhes já começavam a se perder quando avistou algo. — Essas manchas amarelas, Mel. O que é isso? Cola?

O técnico aplicou o olho ao microscópio.

— Sim. Cola de envelope, eu diria.

Então algo fora entregue ao Dançarino da Morte num envelope branco — um bilhete, talvez. Mas o que seriam aquelas fibras verdes? Sachs, que tinha acabado de fazer uma ligação, aproximou-se.

— Ron Talbot, da Hudson Air, disse que foi Philip Hansen quem alugou aquele hangar — anunciou ela. — Nosso cerco está se fechando.

Ótimo, pensou Rhyme. Embora o seu objetivo não fosse propriamente levar o Dançarino da Morte a um tribunal com uma porção de provas esmagadoras. O que ele queria era a cabeça do canalha fincada num poste.

— Muito bem. Vamos ver as outras amostras.

Rhyme guiou a cadeira para junto do computador e pediu-lhe para ampliar as imagens do contador de tempo encontrado nos destroços do avião de Carney. Tinha a vaga esperança de deparar com uma impressão digital, mesmo parcial. Quem fabrica uma bomba em geral imagina que suas impressões são destruídas pela explosão, e prefere trabalhar sem luvas ao montar os componentes mais delicados. Mas a explosão em si não destrói necessariamente todas as marcas. Rhyme pediu a Cooper para girar a posição do contador na imagem do SuperGlue e, quando constatou-se que aquilo nada revelou, pediu-lhe que espalhasse pó magnético sobre ele. Nenhum resultado.

Por fim, ele solicitou que a amostra fosse bombardeada por um leixe de lasers, a técnica mais recente para revelar impressões quase invisíveis, e manteve os olhos fixos no monitor.

De repente, soltou uma gargalhada. Apertou os olhos, examinou novamente.

— Mas será que... Veja, Mel. No canto inferior direito.

Cooper não conseguiu avistar coisa alguma. Sachs tampouco.

A imagem ampliada do computador de Rhyme tinha encontrado algo que o microscópio óptico de Cooper deixara passar. Na lingueta de metal que tinha protegido o contador, evitando que fosse reduzido a migalhas, havia um leve crescente de estrias, riscos entrecruzados e bifurcações. A marca não tinha mais que 0,15cm de largura, e talvez a 1,2cm de comprimento.

— É uma digital — disse Rhyme, enquanto Cooper se aproximava para examinar melhor a imagem.

— Não há o bastante para proporcionar uma comparação — disse ele, os olhos fitos na tela.

Existe um total de 150 características individuais nas estrias em uma única impressão digital, mas um especialista consegue demonstrar que duas impressões são iguais usando apenas de 8 a 16 detalhes coincidentes. Infelizmente, aquela imagem não tinha elementos suficientes. Mesmo assim, Rhyme estava animado. O criminalista incapaz de apertar o botão de um microscópio comum tinha encontrado algo que passara despercebido aos demais. Algo que ele provavelmente não teria percebido, caso fosse "normal".

Imprimiu uma cópia e pediu a Thom para pendurá-la no mural, junto a uma folha de papel com as palavras fibras verdes.

— RON, é Percey. Como vai tudo aí?

— Ainda estamos chocados — disse ele. — Como está Brit?

— Brit está furioso, eu estou furiosa. Que confusão. Oh, Ron.

— E o detetive, o tal que foi ferido?

— Não sabem ainda. Como está o Foxtrot Bravo?

— Podia ter sido mais grave. Já substituí a janela da cabine. Não houve fendas na fuselagem. Temos de repor parte da cobertura. Estamos tentando encontrar outro extintor de incêndio, mas acho que não haverá problema.

— O que mais?

— O combustor vai ter de ser substituído.

— O combustor? Substituir? Oh, não.

— Liguei para o setor de distribuição da Garrett, em Connecticut. Eles concordaram em entregar um amanhã, mesmo sendo domingo. Posso fazer a instalação em duas ou três horas.

— Eu devia estar aí — murmurou ela. — Falei a eles que iria ficar quieta, mas...

— Onde você está, Percey?

E Stephen Kall, que escutava a conversa, estava pronto para anotar o endereço. Apertou o receptor à orelha e esperou. Mas a Esposa disse apenas:

— Em Manhattan. Eles têm uns mil policiais à nossa volta. Estou me sentindo como o papa, ou o presidente.

Ron perguntou:

— Eles vão pegar esse cara? Têm alguma pista?

"Sim, será que têm?", pensou Stephen.

— Não sei — disse ela.

Enquanto escutava o diálogo, Stephen observava o laptop aberto à sua frente. Uma mensagem dizendo Por favor, espere piscava sem parar na tela. O grampo fora conectado a uma caixa de distribuição da Bell Atlantic, perto do aeroporto, e através dele Stephen vinha gravando todas as conversações do escritório da Hudson Air desde a semana anterior. O fato de a polícia ainda não ter descoberto esse grampo o deixava surpreso.

— Tenho procurado outros pilotos — disse Ron, pouco à vontade.

— Só precisamos de um. Um co-piloto. Eu vou fazer esse voo. Uma pausa.

— Você? Não acho uma boa idéia, Percey. Pensei que fosse ficar escondida até o grande júri.

— Lincoln concordou em me deixar fazer o voo, se eu ficar aqui até amanhã.

— Quem é Lincoln?

Sim, pensou Stephen. Quem é Lincoln?

— Bem, é aquele sujeito esquisito que... — A Esposa hesitou, como se quisesse dizer algo sobre ele, mas não soubesse exatamente o quê. Stephen ficou desapontado quando ela disse

apenas: — Ele trabalha junto com a polícia, tentando pegar ao assassino.

— Percey, nós podemos adiar esse voo. Posso falar com a US Medical.

— Não — disse ela. — Eles não vão aceitar mais desculpas. Se não pudermos fazer o voo, eles vão contratar alguém. Quando vão entregar a carga?

— Às 6:00h, 7:00h, por aí.

— Estarei aí no fim da tarde. Vou ajudar você com o combustor.

— Percey... — A respiração de Ron Talbot era sibilante. — Tudo vai acabar bem.

— Se consertarmos o avião a tempo, tudo vai ficar ótimo.

— Você deve estar passando por maus momentos — disse ele.

— Não tanto — disse Percey.

Ainda não, Stephen completou, silenciosamente.

SELLITTO SURGIU à porta e todos os olhos se voltaram para ele.

O detetive deu um suspiro.

— Ele vai escapar. Mas perdeu o braço. Estava muito mutilado. Não deu para salvá-lo.

— Oh, não — sussurrou Rhyme. — Posso falar com ele?

— Não — disse o detetive. — Está sedado.

Rhyme pensou no jovem policial, lembrou do modo como ele ajeitava o topete, como acariciava a antiga cicatriz de navalha no queixo delicado.

— Sinto muito, Lon — disse.

O detetive fez um gesto com a cabeça, semelhante ao que Rhyme fazia para minimizar atitudes de simpatia.

— Temos outras coisas com que nos preocupar — disse ele.

De fato. Rhyme e Sachs olharam para o quadro-negro onde estavam anotados os principais indícios recolhidos. Estavam repassando tudo, minuciosamente, porque esse era o método de trabalho. Mas Rhyme sentia-se frustrado.

Edmond Locard, o famoso criminalista francês, dizia que toda vez que o criminoso e a vítima entram em contato há uma troca de indícios entre os dois. Indícios microscópicos, às vezes, mas sempre a transferência de algo, de um para o outro. Agora, Rhyme tinha a impressão de que se havia alguém capaz de desmentir o Princípio de Locard, esse alguém era o Dançarino da Morte.

Fechou os olhos e apoiou a cabeça no encosto da cadeira. Um instante depois, ouviu-se a voz de Thom.

— São quase 11:00h. Hora de ir para a cama.

Às vezes é fácil minimizar as necessidades do corpo, até mesmo esquecer que temos um corpo — ocasiões em que é preciso transcender as limitações físicas e trabalhar além da própria resistência. Mas Lincoln Rhyme tinha um corpo que não podia ser

esquecido. Escaras podiam levar a envenenamento do sangue. Secreções nos pulmões podiam causar pneumonia. A mera exaustão física podia provocar um derrame.

Há muitas maneiras de morrer.

— Vamos para o quarto — disse Thom.

— Mas eu tenho de...

— Dormir. Você tem de dormir.

Rhyme cedeu. O Dançarino provavelmente nada tentaria antes da manhã seguinte. Além disso, Rhyme admitia que estava exausto.

— Tudo bem, Thom. — Ele guiou a cadeira rumo ao elevador, mas voltou-se no meio do caminho. — Só mais uma coisa... Sachs, poderia subir daqui a alguns minutos?

Ela concordou e ficou observando a porta do pequeno elevador fechar-se automaticamente.

SACHS esperou dez minutos, dando tempo a Rhyme para se preparar. Ela estava acostumada à maneira sem-cerimônia com que ele se expressava — como a maioria dos inválidos, ele ligava pouco para certas convenções de comportamento. Mas ela também sabia que havia certos rituais domésticos que ele preferia executar sem testemunhas. Resolveu aproveitar aquele intervalo para tomar uma chuveirada, no andar térreo, e trocar de roupa.

Quando subiu, encontrou Rhyme deitado em sua cama Clinitron. O quarto estava à meia-luz. Rhyme esfregava a cabeça de

encontro ao travesseiro, como um urso cocando as costas no tronco de uma árvore. A Clinatron era a cama mais confortável do mundo. Era um bloco maciço de cerca de meia tonelada, recheado com minúsculas esferas de vidro, entre as quais o ar aquecido circulava.

— Ah, Sachs. Você trabalhou bem hoje.

"Sim, exceto pelo fato de que por minha culpa Jerry Banks perdeu um braço. E o Dançarino conseguiu fugir."

Ela caminhou até o bar e serviu-se de uma dose de Macallan. Olhou para Rhyme, erguendo uma sobrancelha.

— Aceito — disse ele. — Um pouco de leite materno. O orvalho do nepente.

Ela descalçou os sapatos e foi até a janela. Lá estavam os falcões-reais. Belas aves. Não eram muito grandes — teriam entre trinta e quarenta centímetros. Minúsculos, se comparados a um cão. Mas para um pássaro, eram ameaçadores. Seus bicos eram como as garras do monstro da série de filmes Alien.

— Você está bem, Sachs? Fale a verdade.

— Sim, estou.

— Quer passar a noite aqui?

Sachs nunca dormia tão bem quanto nas noites que passava lá. Nunca se sentira tão à vontade na companhia de um homem, desde o seu último namorado, Nick. Ela e Rhyme costumavam deitar lado a lado e conversar. Ela lhe contava sobre as competições de tiro, sobre sua mãe, sua afilhada, sobre seu pai — a vida produtiva que ele tivera e sua morte lenta e dolorosa. Ela falava sobre assuntos

peçoais muito mais do que ele. Mas tudo bem. Gostava de ouvir qualquer coisa que ele estivesse disposto a dizer; sua mente jamais deixava de surpreendê-la.

Ele lhe contava histórias antigas de Nova York, falava sobre crimes da máfia dos quais o resto do mundo jamais tomara conhecimento, sobre cenas de crimes tão sem vestígios que parecia não haver qualquer esperança até que era encontrada uma simples partícula de poeira, um respingo de saliva, o cabelo ou a fibra de tecido que incriminava o suspeito — ou melhor, que revelava a identidade dele a Rhyme e a mais ninguém. Não... a mente dele jamais cessava de trabalhar. Sachs sabia que, antes de ser imobilizado, ele percorria as ruas de Nova York à cata de amostras de solo, ou de plantas, ou de rochas — qualquer coisa que pudesse ajudá-lo a solver um caso. Era como se toda a inquietação física tivesse se transferido das suas pernas inúteis para o seu cérebro, que passava a noite percorrendo a cidade, mesmo que só na imaginação.

Mas, naquela noite, havia algo diferente. Rhyme estava distraído. Ela não ligava para seu mau humor, o que era uma sorte, porque era algo a que Rhyme recorria com frequência. Mas não gostava quando o sentia ausente.

Sentou-se na borda da cama.

Rhyme começou a conversar; aparentemente, era aquele o motivo pelo qual a chamara.

— Sachs, Lon me contou o que aconteceu no aeroporto.

Ela encolheu os ombros, e ele prosseguiu:

— Não havia nada que você pudesse fazer, a não ser levar um tiro também. Você agiu certo: tentou se proteger. Ele deu o primeiro tiro para calcular o desvio; não tenha dúvida de que teria acertado você no segundo.

— Eu tive dois ou três segundos para responder. Podia tê-lo acertado.

— Não seja teimosa, Sachs.

O fervor nos olhos dela o silenciou.

— Quero pegá-lo, custe o que custar — disse ela. — E tenho a impressão de que você também quer, tanto quanto eu. E você também estaria disposto a correr riscos. — Ela fez uma pausa e completou, com segunda intenção: — Talvez você esteja correndo riscos.

Esta frase provocou em Rhyme uma reação maior do que ela esperava. Ele piscou, virou a cabeça para o outro lado. Não disse nada, porém; limitou-se a tomar um pouco de scotch pelo canudinho.

Movida por um impulso, ela indagou:

— Posso lhe fazer uma pergunta? Se não quiser responder, tudo bem.

— Vá em frente, Sachs. Segredos, entre nós dois? Acho difícil.

Com os olhos baixos, ela falou:

— Lembro que certa vez falei a você sobre Nick. Como eu me sentia, e como foi duro o que acabou acontecendo entre nós.

Ele assentiu e ela continuou:

— E eu perguntei se você já tinha se sentido daquele modo em relação a alguém, talvez a Blaine, sua esposa... E você disse que sim, mas não com ela.

Ela ergueu os olhos para Rhyme.

Ele se refez depressa, mas não o bastante. E ela percebeu que tinha lotado num nervo exposto.

— Lembro, sim — disse ele.

— Quem era ela? Olhe, se você não quiser falar sobre isso...

— Não me importo. O nome dela era Claire. Claire Trilling.

— Como vocês se conheceram?

— Bem... — Ele riu diante de sua própria relutância em continuar. — Lá no departamento.

— Ela era policial? — Sachs estava surpresa. — E o que houve?

— Era uma relação complicada. — Rhyme abanou a cabeça. — Eu era casado. Ela era casada. Só que não éramos casados um com o outro.

— E então se separaram?

— Não teria dado certo, Sachs. Blaine e eu estávamos fadados a nos divorciar, ou acabaríamos nos matando um ao outro. Mas Claire... ela se preocupava com a filha pequena, achava que o pai poderia pedir a custódia da garota caso eles se divorciassem.

— Você ainda a vê? Claire?

— Não. É coisa do passado. De qualquer modo, ela não trabalha mais na polícia.

— Vocês terminaram depois do seu acidente?

— Não, não, foi antes.

— Mas ela soube que você se acidentou?

— Não — disse Rhyme, depois de outra hesitação.

— Por que não disse a ela?

Uma pausa.

— Houve uma série de motivos. Engraçado, você lembrar disso hoje. Há anos que não penso nela.

Ele deu um sorriso casual e Sachs sentiu uma dor percorrê-la de cima a baixo, porque era evidente que ele mentia. Claro que ele tinha estado pensando nessa mulher. Ela tinha certeza. Sachs não acreditava em intuição feminina, mas acreditava, e muito, em intuição de detetive.

Claro que era ridículo sentir o que estava sentindo. Não era ciumenta e não tolerava o ciúme. Nunca sentira ciúmes do trabalho de Nick, que era agente secreto da polícia, e passava semanas inteiras circulando pelas ruas. Tampouco das prostitutas louras com quem ele era obrigado a conviver durante suas missões.

E, além de ficar enciumada, que mais podia esperar em relação a Rhyme? Por diversas vezes ela tinha conversado com a mãe a respeito dele. Ela geralmente fazia um comentário sarcástico do tipo:

"E tão bom tratar bem os aleijados..." E isto resumia tudo o que a relação entre os dois poderia vir a ser.

Era mais do que ridículo... mas ela estava, sim, enciumada. E não eram ciúmes de Claire, e sim de Percey Clay. Percey não era uma mulher atraente; isso, no entanto, não queria dizer nada: Sachs não conseguia esquecer o modo como ela e Rhyme tinham-se olhado naquela tarde, sentados lado a lado.

Tomou outro gole do uísque. Pensou nas noites que ela e Rhyme tinham passado ali, falando sobre casos antigos e bebericando aquele destilado excelente.

"Que beleza", pensou ela. "Agora estou piegas. Que sentimento maduro!"

— Quer mais um pouco? — perguntou ela, servindo-se de outra dose.

— Não.

Quase sem pensar, deitou-se ao lado dele, pousando a cabeça sobre o travesseiro. "É engraçado como nos acostumamos com as coisas", refletiu. Rhyme não podia, é claro, pousar a cabeça dela sobre o peito e passar o braço em volta dos seus ombros. O gesto equivalente era inclinar a cabeça na direção da sua. Nesta posição, os dois tinham adormecido inúmeras vezes.

Naquela noite, contudo, ela sentia uma certa tensão, uma certa cautela por parte dele. Sentiu que o estava perdendo. E tudo que conseguia pensar era em tentar reaproximar-se. Fragmentos das palavras dele flutuaram pela sua memória, enquanto ele falava sobre Claire e depois sobre o Dançarino. Ela virou a cabeça na direção do

rosto de Rhyme e observou seus lábios. Beijou-o na face, depois no canto da boca, depois pousou os lábios em cheio sobre os dele.

— Sachs, não... Escute... Não — disse ele, mas ela não lhe deu ouvidos.

Sachs jamais comentara com Rhyme, mas alguns meses atrás comprara um livro intitulado O Amante Inválido. Ficara surpresa ao descobrir que mesmo um tetraplégico pode fazer amor e ser pai de uma criança. Claro que não pode experimentar sensações físicas, mas ela considerava essas sensações apenas parte de algo muito maior. Era a proximidade que tinha importância. E ela desconfiava que Rhyme devia sentir o mesmo.

Beijou-o novamente. Com mais intensidade.

Depois de uma leve hesitação, ele retribuiu o beijo. Ela não se surpreendeu ao ver como ele beijava bem. A primeira coisa que notara nele, depois dos olhos escuros, fora os seus lábios perfeitos.

E então ele afastou o rosto.

— Não, Sachs.

— Pssst... Quietos.

— Mas é que...

É o quê?, pensou ela. Que pode não dar certo? Estava indo tudo bem. Oh, como ela queria estar ali, face a face, o mais perto possível dele. Queria fazê-lo entender que era o homem perfeito para ela. Que ela o considerava um homem completo. Soltou o cabelo e deixou-o cair sobre Rhyme, beijando-o novamente. Ele retribuiu. Os dois ficaram com as bocas coladas durante o que

pareceu a ela um minuto inteiro. Mas, de súbito, ele abanou a cabeça bruscamente, afastando-se.

— Não — sussurrou.

Ela tinha esperado uma ironia, tinha esperado uma reação apaixonada, na pior das hipóteses um comentário brincalhão. Mas o "não" soou fraco, vazio, e ouvir a voz dele soar daquela forma a feriu bem no fundo da alma.

Seu rosto enrubesceu de vergonha. A única coisa que lhe veio à mente foram as numerosas vezes em que tinha saído com algum homem que considerava um amigo e de repente ele começava a tentar boliná-la como um adolescente. Naquelas horas, a voz dela vinha carregada da mesma decepção que ela reconhecia agora na de Rhyme. Entendeu por fim que era isso que ela significava para ele.

Uma colega. Uma parceira. Uma amiga com "A" maiúsculo.

— Sinto muito, Sachs, mas não posso. Há... complicações.

Complicações? Não havia nenhuma que ela pudesse detectar.

Exceto, é claro, o fato de que ele não a amava.

— Sinto muito — disse ela, bruscamente. — Que estupidez. Acho que tomei muito uísque. Você sabe, não tenho muita resistência.

Ela tinha um sorriso formal no rosto ao erguer-se da cama.

— Sachs, preciso falar uma coisa.

— Não.

Ela não queria ouvir mais nem uma palavra. Queria sumir dali.

— Sachs...

— Tenho de ir agora. Volto amanhã cedinho.

# CAPÍTULO SEIS

**Hora 22, de 45**

**O** CHEIRO DE café tomava a casa inteira.

O sol tinha acabado de nascer, e eles estavam planejando uma estratégia para pegar o Dançarino da Morte numa armadilha.

Será que funcionaria? Ele se deixaria apanhar na cilada? Rhyme achava que sim. Mas havia uma outra questão. Que tipo de problema isto iria trazer-lhes? O Dançarino já era bastante perigoso em seu próprio território. Como reagiria, quando encurralado? Olharam o mapa tático preparado por Dellray.

— Está todo mundo em suas posições? — perguntou Rhyme.

Sim. Tanto as unidades do Serviço de Emergência 32-E quanto os agentes da SWAT do FBI, sob o comando de Dellray, estavam a postos. Tinham se deslocado para o local durante a noite, através de esgotos, porões e telhados de edifícios, usando uniformes de camuflagem urbana. Rhyme estava convencido de que o matador estava rondando o esconderijo das testemunhas.

— Tem certeza de que ele está indo para lá, Linc? — perguntou Sellitto.

Certeza?, pensou Rhyme, irritado. Quem poderia ter certeza de alguma coisa com o Dançarino da Morte? Sua arma mais poderosa é o despistamento.

Ele respondeu acidamente:

— Sim. Tenho 92,7% de certeza.

Sellitto soltou uma risada breve e sarcástica.

Nesse instante a campainha soou. Um momento depois, surgiu na porta um homem de meia-idade, atarracado, que Rhyme não conhecia. O suspiro que Dellray soltou ao vê-lo era indício de problemas.

O homem se identificou como Reginald Eliopolos, assistente do procurador de justiça no Distrito Sul de Nova York. Rhyme lembrou-se, então: era o promotor encarregado do caso Philip Hansen.

— Você é Lincoln Rhyme? Hum-hum... Ouvi boas coisas a seu respeito — disse ele, dando um passo à frente. — Fred, é bom falar com você. Ouvi dizer que vocês estão montando uma grande operação aqui. Sem consultar o pessoal lá de cima, mas, bem, eu sei como é fazer essas coisas de improviso. — Ele caminhou até o microscópio, aplicou o olho ao visor e resmungou, embora fosse um mistério para Rhyme o que ele pudesse estar enxergando ali, já que o equipamento estava desligado.

— Talvez você pudesse... — começou Rhyme.

— Entrar logo no assunto da nossa caçada? — Eliopolos girou nos calcanhares para encará-lo. — Claro, agora mesmo. Temos um veículo blindado em nossa garagem, aqui na cidade. Daqui a uma hora, quero as testemunhas no caso Hansen dentro dele. Percy Clay e Brit Hale. Eles irão para a área de proteção federal de Shoreham, em Long Island. Ficarão lá até a hora de prestar testemunho. Fim da caçada. Que tal?

— Acha que é uma boa idéia?

— Acho, sim. Nós achamos isto mais sensato do que usar as testemunhas como isca numa vingança pessoal do Departamento de Polícia de Nova York.

Sellitto suspirou.

Eliopolos mantinha a atenção voltada para Rhyme.

— Diga-me... Vocês pensaram mesmo que ninguém se lembraria de que este é o assassino que matou dois dos seus técnicos, cinco anos atrás?

Bem, hum, Rhyme de fato tinha esperanças de que ninguém se lembrasse. E agora que não tinha passado em branco, ele e sua equipe estavam navegando em águas turbulentas.

— Mas, calma, calma — prosseguiu Eliopolos. — Não precisamos começar uma guerra interna. Para quê? Tudo que nós queremos é Hansen.

Para falar a verdade, Rhyme já nem lembrava mais da existência de Philip Hansen, e ao ouvir o nome dele entendeu por fim quais as intenções de Eliopolos.

— Vocês têm alguns agentes bons lá em Shoreham, não é? — perguntou, num tom inocente. — Explicou a eles o quanto o Dançarino é perigoso?

Uma pausa.

— Conversei com eles, sim.

— E quais são as instruções deles?

— Instruções — ecoou Eliopolos. Ele não era bobo.

Rhyme deu uma risada e olhou para Sellitto e Dellray.

— Estão vendo? Nosso amigo promotor tem três testemunhas para derrubar Hansen. Ele tem Percey, tem Hale... e tem o próprio Dançarino. Ele está usando Percey como isca, também.

— A única diferença — riu Dellray — é que ele vai colocá-la numa armadilha.

— O que vocês de fato estão pensando — prosseguiu Rhyme, dirigindo-se ao promotor — é que o caso que têm contra Hale não é suficiente, seja lá o que for que Percey e Hale tenham visto.

Eliopolos tentou a tática da franqueza.

— Bem, eles na verdade nem viram Hansen. E mais duas coisas: primeira, talvez não encontremos os tais sacos de lona e, segunda, talvez os indícios estejam inutilizados.

Sellitto interveio:

— Mas se vocês pegarem o assassino contratado por Hansen, ele poderá ser usado para derrubar o patrão. Que tipo de atenuante vocês lhe ofereceriam?

— Não sei. Isto não chegou a ser discutido.

— Tem um mandado? — perguntou Rhyme.

— Achei que vocês estariam dispostos a cooperar.

— Não, não estamos.

— Hum-hum. Estou vendo. Posso conseguir um mandado de custódia e proteção em três ou quatro horas.

"Num domingo de manhã?", cismou Rhyme.

— Não vamos entregar as testemunhas — declarou ele. — Façam o que quiserem.

QUANDO acordou ao amanhecer, naquela casa lúgubre que lhe servia de esconderijo, Percey Clay levantou da cama e foi até a janela. Afastou a cortina e olhou para o céu cinza de tom uniforme. Havia ainda um pouco de névoa no ar. Vento 090 a cinco nós, calculou ela. Visibilidade de um quarto de milha. Tinha esperanças de que o tempo melhorasse para o voo daquela noite. Claro que ela estava acostumada a pilotar com qualquer tempo, mas gostava de ver a paisagem passando lá embaixo. As luzes noturnas. As nuvens. E, por cima de tudo, as estrelas. Todas as estrelas da noite...

Percey pensou novamente em Ed e no telefonema que dera para a mãe dele em Nova Jersey, na noite anterior. Tinham feito planos para o funeral. Ela gostaria de poder se dedicar mais a essa tarefa — ajudar a preparar a lista de convidados, planejar a recepção. Mas era impossível. Sua mente estava preocupada. Apoiou a testa na vidraça, pensando. Muita coisa para fazer. Terminar o concerto do Foxtrot Bravo. Preparar o plano de voo.

— Ei! — disse uma voz simpática, com forte sotaque. Ela virou-se e viu Roland Bell à porta.

— Bom dia — disse ela.

Ele entrou no quarto com passos rápidos.

— Se for para abrir essas cortinas, melhor ficar deitada, como se fosse um bebê — disse ele, voltando a fechá-las.

— Oh, ouvi dizer que o detetive Rhyme está preparando uma espécie de armadilha. Eles têm certeza de que vai funcionar.

— Bem, dizem que Lincoln Rhyme geralmente sabe o que faz. Mas eu não tenho a menor confiança nesse pistoleiro. — Ele espreitou para fora através de uma fresta e virou-se para ela. — E agora, que tal um pouco de café?

UMA DÚZIA de nuvens bojudas refletiam-se nas vidraças da velha casa em Manhattan, no começo daquela manhã de domingo.

Havia uma ameaça de chuva.

A Esposa estava de pé junto à janela, de roupão, o rosto branco rodeado por cabelos em desalinho.

E Stephen Kall, a um quarteirão de distância do esconderijo do Departamento de Justiça, na rua 35, misturava-se às sombras sob a caixa-d'água de um velho prédio de apartamentos, observando-a através de um binóculo Leica, vendo os reflexos das nuvens deslizarem sobre o seu corpo delgado. Ele sabia que aquela vidraça era à prova de bala e certamente amorteceria o primeiro tiro.

"Senhor, seguirei o meu plano inicial, senhor."

Um homem apareceu ao lado dela e a cortina foi fechada. Em seguida, o rosto dele surgiu numa fresta da janela, os olhos

esquadrinharam os telhados próximos, o lugar mais lógico onde um atirador estaria postado. Parecia eficiente e perigoso.

Stephen agachou-se por trás da amurada do edifício.

Depois de escutar a conversa entre a Esposa e Ron através do grampo telefônico, ele aplicara à ligação um programa clandestino que baixara da Internet. O programa forneceu-lhe o número que ligara: um telefone com prefixo 212. Manhattan. O que ele fez a seguir foi um mero tiro no escuro.

"Mas como é que se ganham tantas batalhas, soldado?"

"Considerando todas as possibilidades, por mais improváveis que sejam, senhor."

Ele se conectou à rede e num instante estava digitando o número do telefone num catálogo invertido, onde, através do número, se obtêm nome e endereço do assinante. O catálogo não incluía telefones fora da lista; Stephen tinha certeza de que ninguém no governo seria tão estúpido a ponto de usar num esconderijo um telefone registrado na listagem.

Mas ele estava errado. Na tela do computador surgiu o nome: James L. Johnson, Rua 35, 258 East. Ligou para o edifício Federal de Manhattan, pediu para falar com James Johnson e desligou quando a ligação começou a ser transferida.

Agora estava ali, a um tiro de revólver de distância do prédio onde a Esposa e o Amigo se ocultavam. Pensando no serviço que tinha para executar, tentando esquecer o paralelo óbvio: o rosto na janela, a observá-lo.

Um pouco intimidado apenas. E uma leve sensação de ter vermes rastejando sobre a pele.

A cortina se fechou. Stephen voltou a examinar a casa.

Era uma casa de tijolos, separada das duas casas vizinhas. Um beco rodeava a estrutura, como um fosso. A saída de incêndio era real, mas olhando com cuidado era possível ver que por trás das janelas e das cortinas cerradas tudo estava escuro. Provavelmente havia chapas de aço pelo lado de dentro. Ele localizou a verdadeira saída de incêndio — por trás de um enorme cartaz de peça de teatro preso à parede lateral. Localizou também as lentes das câmeras de segurança. Ainda assim, o beco tinha numerosos sacos de lixo e alguns contêineres de metal. Ele podia saltar através de uma janela do edifício de escritórios ao lado e usar um dos contêineres como abrigo enquanto preparava uma investida contra a saída de incêndio. Na verdade, havia uma janela aberta no andar térreo do edifício de escritórios: uma cortina esvoaçava para fora e para dentro. Quem estivesse monitorando as câmeras, no interior da casa, já teria se acostumado àquele movimento. Stephen poderia pular a janela, a dois metros do chão, correr para trás do contêiner e rastejar para a saída de incêndio.

"Avaliar as possibilidades, soldado."

"Senhor, estou notando a ausência de um grande número de homens para manobras táticas. Minha conclusão é que o ataque de uma única pessoa tem boas possibilidades de sucesso."

A despeito desse otimismo inicial, ele voltou a experimentar aquela sensação de abatimento e a imaginar Lincoln, o Verme,

rastejando a sua procura. Uma enorme coisa rombuda, uma larva, úmida da gosma dos vermes, com a linfa escorrendo das aberturas.

Subindo-lhe pela perna. Cravando-lhe os dentes na carne.

"Arranquem isso daqui. Arranquem isso!"

"Arrancar o quê, soldado? Está ficando nervoso?"

"Senhor! Não, senhor! Eu sou a lâmina de uma faca, senhor. Sou a pura morte, senhor."

"Respire fundo. Mantenha a calma."

Ele escondeu o estojo de guitarra contendo o Model 40 embaixo da caixa-d'água. O resto do equipamento foi transferido para uma espaçosa bolsa de carregar livros. Vestiu um casaco de náilon da Universidade de Columbia, pôs o boné de beisebol e começou a descer a escada de incêndio.

O prédio de escritórios vizinho ao esconderijo estava vazio. Stephen não precisou matar uma só pessoa. O saguão estava deserto e não havia câmeras de segurança do lado de dentro. A porta principal estava entreaberta, escorada com um pedaço de borracha, e por trás dela ele viu carrinhos de conduzir mobília. A tentação de entrar por ali foi grande, mas não quis correr o risco de encontrar funcionários ou inquilinos, de modo que passou direto e dobrou a esquina. Esgueirando-se por trás de um pequeno pinheiro, ele usou o cotovelo para quebrar a vidraça da janela de um escritório às escuras e saltou para dentro. Ficou imóvel por cinco minutos, pistola na mão, e depois passou para o corredor.

Deteve-se diante do escritório onde calculava estar a janela aberta com a cortina ao vento e experimentou a maçaneta. O instinto, no entanto, convenceu-o a mudar de idéia. Ele preferiu achar as escadas e descer até o ambiente úmido do porão.

Stephen avançou silenciosamente até a parte lateral que dava para a casa-esconderijo. No porão mal iluminado, cheio de trastes velhos, ele logo encontrou uma janela que dava para o beco. Exatamente o que procurava. Teria de remover o caixilho e as vidraças, mas assim que conseguisse pular para fora poderia se abrigar atrás dos sacos de lixo.

"Consegui", pensou Stephen. "Enganei a todos. Enganei Lincoln, o Verme." Isto lhe dava um prazer tão grande quanto o que sentiria ao executar as duas vítimas.

Tirou uma chave de fenda da bolsa e começou a arrancar da janela as placas cinzentas de massa de vidraceiro. Estava tão absorvido na tarefa que, ao largar a ferramenta e levar a mão à coronha da Beretta, já tinha o homem sobre ele, a pressionar o cano da pistola contra seu pescoço e sussurrando:

— Mexa-se um centímetro e estará morto.

CANO CURTO, provavelmente um Colt ou um Smittie. Cheiro de ferrugem.

"E o que significa uma arma enferrujada, soldado?"

"Uma porção de coisas, senhor." Stephen Kall levantou as mãos.

O homem tinha a voz aguda e esganiçada de nervosismo.

— Largue a arma. Ali. E o walkie-talkie.

Walkie-talkie?, refletiu Stephen.

— Vamos, vamos. Ou estouro os seus miolos.

Stephen largou a arma.

— Eu não tenho rádio — disse.

— Vire-se. E não tente nada.

Stephen girou o corpo devagar e viu-se diante de um homem magro, os olhos inquietos. Estava imundo e tinha uma aparência doentia. O nariz escorria, os olhos estavam vermelhos; os cabelos escuros estavam emplastrados de sujeira e todo o seu corpo exalava mau cheiro. Mantinha o velho Colt de cano curto apontado para a barriga de Stephen, com o cão engatilhado. Stephen endereçou ao homem um sorriso cheio de simpatia.

— Olhe aqui, não estou a fim de confusão — disse.

O homem apalpou o peito de Stephen com movimentos nervosos. Stephen poderia tê-lo matado com facilidade — o nível de atenção do outro era muito instável. Sentiu os dedos dele percorrendo seu corpo.

Por fim, o homem deu dois passos para trás.

— Onde está seu parceiro?

— Quem?

— Não se faça de bobo. Você sabe.

Stephen sentiu de novo aquela sensação. O medo. Os vermes.

— Olhe, eu não sei do que você está falando.

— O policial que estava aqui.

— Policial? — murmurou Stephen. — Aqui, neste prédio? — Ele foi até a janela e olhou para fora.

— Ei, fique parado. Olhe que eu atiro.

— Aponte isso para lá — ordenou Stephen. Ao começar a perceber a enormidade do seu erro, sentiu uma contração de náusea. A voz do homem ficou mais esganiçada.

— Pare! Pare aí!

— Eles estão no beco também? — perguntou Stephen. Um momento de silêncio confuso.

— Você não é da polícia?...

— Eles estão no beco também? — repetiu Stephen.

— Uma porção deles, há pouco tempo. Agora, não sei.

Stephen olhou o lugar. Sacos de lixo... camuflagem.

— Se chamar alguém, juro que...

— Cale a boca.

Stephen examinou o beco devagar, com a paciência de uma jibóia, e finalmente avistou uma sombra, nas pedras do calçamento, movendo-se alguns centímetros. No topo do edifício, na torre do elevador, um movimento de sombras. De algum modo, Lincoln, o

Verme, tinha estado o tempo inteiro à sua espera. Previra, até mesmo, que ele tentaria usar o beco ao lado do prédio.

O rosto na janela.

A porta da frente entreaberta, a janela escancarada, a cortina esvoaçando... tudo aquilo parecia um capacho com os dizeres Seja bem-vindo. E aquele beco era o lugar ideal para a emboscada e o fuzilamento. A única coisa que o salvara tinha sido seu instinto.

Lincoln, o Verme, preparara aquela armadilha. "Quem diabo será ele?"

Uma onda de fúria assomou dentro de Stephen. Se o estavam esperando ali, tinham certamente adotado os procedimentos-padrão de busca e vigilância. Stephen girou nos calcanhares.

— Quando foi a última vez que o policial deu busca aqui?

Os olhos do homem vacilaram, depois se arregalaram de medo. O cano negro do Cok continuou apontado para Stephen.

— Há dez minutos.

— Que tipo de arma ele tem?

— Não sei. Uma dessas armas esquisitas. Parece uma metralhadora.

— E quem é você? — perguntou Stephen.

— Não tenho de responder às suas perguntas — disse o outro, em tom desafiador.

Ele limpou o nariz na manga da camisa, mas usou o braço que segurava a arma. Numa fração de segundo, Stephen desviou o

revólver e jogou o homem no chão.

— Não! Não me machuque!

— Cale a boca. — Stephen abriu o pequeno Colt. Não havia cápsulas no tambor. — Está vazio? — perguntou ele, sem acreditar.

O homem encolheu os ombros.

— Eu... Bem, sabe como é. Se eles pegam a gente e a arma não está carregada, a pena é menor.

A mera estupidez de conduzir uma arma descarregada seria motivo suficiente para que tivesse matado o sujeito.

— O que está fazendo aqui?

— Nos andares de cima existem consultórios médicos — gemeu o homem. — Nos domingos ficam vazios, aí eu venho para pegar amostras grátis. Percodan, Fiorinal, pílulas de dieta... esse tipo de coisa.

— Como é seu nome? — perguntou Stephen, apanhando a Beretta.

— Jodie. Joe D'Oforio, mas todo mundo me chama Jodie.

Stephen olhou para fora. Outra sombra se moveu no topo do

— Muito bem, Jodie, agora escute. Quer ganhar uma grana?

MUITO BEM — disse Rhyme com impaciência. — O que está havendo?

— Ele está no prédio ao lado do esconderijo; ainda não saiu para o beco — disse Sellitto. Estava com Haumann, Dellray e Sachs numa van disfarçada de carro dos Correios, estacionada no quarteirão.

— Por que não? Vai ter de sair. Não há motivo para que não saia.

— Estão revistando todos os andares. Ele não entrou no escritório. O escritório com a janela aberta. Rhyme questionara aquela cortina sendo agitada pelo vento, servindo de isca. Era óbvia demais. O Dançarino da Morte tinha achado aquilo suspeito.

— Todo mundo está pronto e engatilhado? — perguntou ele.

— Claro. Relaxe.

Ele não conseguia relaxar. Cinco minutos atrás, dois agentes tinham encontrado uma janela quebrada no andar térreo. O Dançarino tinha evitado a porta da frente, que fora deixada aberta, mas tinha entrado no prédio para preparar seu ataque final. Algo deveria tê-lo assustado. Ele estava em algum lugar do edifício, mas ninguém podia prever em que ponto. Uma serpente venenosa num quarto escuro.

Onde estaria? O que estaria planejando? Rhyme estava cada vez mais inquieto.

Há muitas maneiras de morrer.

— CLARO — disse Jodie. — Quem não quer ganhar uma grana?

— Então me ajude a cair fora.

— O que você está fazendo aqui? E você que eles estão procurando? Stephen olhou de alto a baixo o pobre-diabo. Um João-ninguém; ao mesmo tempo não era louco, nem estúpido. Decidiu que a melhor tática seria a franqueza. Além do mais, em poucas horas o sujeito estaria morto, de qualquer modo.

— Vim aqui para matar alguém — disse.

— Uau. Quer dizer... você é da máfia? Vai matar quem?

— Jodie, fique quieto. Estamos numa sinuca.

— Estamos? Eu não fiz nada.

— A não ser estar no lugar errado, na hora errada — disse Stephen. — E é uma pena, porque eles jamais vão acreditar que você não está comigo. E agora, vai me ajudar ou não?

Jodie tentou não parecer assustado.

— Não quero me machucar.

— Só me ajude e nunca vai se machucar.

Os olhinhos apertados avaliavam a proposta.

— Quanto?

— Cinco mil. — Um vagabundo como aquele, e ainda se atrevia a negociar.

O medo foi varrido pelo susto.

— Está falando sério?

Stephen riu.

— Estão me pagando muito mais do que isso. Além disso, se a gente se safar daqui, posso voltar a precisar de você.

Um som à distância. Passos aproximando-se. Era o policial da Busca e Vigilância, procurando por ele. "Está sozinho", calculou Stephen, prestando atenção aos passos.

— E aí? Vai me ajudar?

Um idiota, é claro. Se não o ajudasse, estaria morto antes do próximo minuto.

— Fechado — disse Jodie, estendendo a mão.

Stephen ignorou o gesto e perguntou:

— Por onde se sai?

— Está vendo aqueles blocos de cimento ali? É só empurrar para fora. Viu? Vai dar num velho túnel de serviço.

— É mesmo? — Stephen bem que gostaria de ter sabido daquilo antes.

— Posso guiar você até o metrô. Eu vivo lá. Na estação velha.

Jodie encaminhou-se para os blocos, mas Stephen sussurrou:

— Não. Escute, o que você vai fazer é o seguinte. Fique parado ali, de frente para a porta.

— Mas ele vai me ver. Vou ser a primeira coisa que ele vai avistar.

— Basta ficar parado ali. Com as mãos para cima.

— Mas ele vai atirar em mim — gemeu Jodie, passando a mão no rosto.

— Não, não vai. Confie em mim. Jodie suspirou.

— Tudo bem.

Os passos se aproximavam. Stephen pôs o dedo sobre os lábios e deitou-se de bruços, desaparecendo no piso.

Os passos foram diminuindo e pararam. Um vulto apareceu no vão da porta. Vestia o uniforme de proteção usado pelos agentes do FBI. Caminhou para dentro do aposento, com uma lanterna afixada ao cano da arma. Quando o foco atingiu Jodie à altura do torso, o agente fez algo que deixou Stephen atônito. Ele começou a puxar o gatilho.

Foi muito sutil. Mas Stephen já tinha atirado tantas vezes contra animais e pessoas que conhecia bem o movimento dos músculos, a tensão geral do corpo no momento em que se dispara sobre um alvo. Saltou para frente, desviando o cano da metralhadora e arrancando o microfone que o agente trazia próximo à boca. Enfiando sua faca K-Bar por baixo do tríceps, ele paralisou o braço direito do outro. O homem soltou um grito de dor.

"Têm carta-branca para matar", refletiu Stephen. "Nada de voz de prisão. Se me virem, vão disparar. Armado ou não."

— Você o feriu — exclamou Jodie.

— Cale a boca. — Stephen amordaçou o agente com um pedaço de pano. — A saída.

— Mas... — Jodie ficou parado, olhando.

— Agora! — exclamou Stephen. — Espere lá por mim.

Jodie correu na direção da abertura na parede, enquanto Stephen puxava o agente, obrigando-o a ficar de pé. Carta-branca para matar! Lincoln, o Verme, tinha decidido que ele precisava ser morto. Stephen estava furioso.

Plugou o microfone de volta e escutou o receptor. Devia haver cerca de 12 ou 14 policiais em linha, trocando informações, enquanto vasculhavam o prédio.

Ele não tinha muito tempo. Empurrou o atordoado agente para o corredor e puxou a faca.

— QUE DROGA — exclamou Rhyme; pingos de saliva caíram no seu queixo. Thom parou ao lado da cadeira de rodas, limpando-o com um lenço, mas Rhyme o afastou zangado, com um movimento brusco. — Bo? — chamou ele ao microfone.

— Diga lá — respondeu Haumann, da van parada na rua.

— Acho que ele nos farejou e está tentando fugir do prédio. Diga aos seus agentes para entrarem em formação de defesa.

— Espere aí. Espera um instante... oh, não.

— Bo? Sachs? Alguém responda! — Mas ninguém respondeu.

Rhyme ouviu vozes discordantes gritando pelo rádio.

— Atenção, achamos uma trilha de sangue... No porão. Innelman perdeu o contato. Ele foi... Innelman está aqui. Muito ferido. Droga, tem sangue por toda parte!

— RHYME, está ouvindo? — chamou Amelia Sachs.

— Vá em frente.

— Estou no depósito, no porão do prédio. Isto aqui parece um açougue. — Ela olhou em redor. As paredes pintadas de um amarelo doentio estavam cobertas por salpicos de sangue, como numa macabra tela de Jackson Pollock. "Pobre Innelman", concluiu ela.

No corredor, Dellray e dois agentes estavam inclinados sobre Innelman, com expressões sombrias no rosto.

— O que fizeram com você, John? Puxa vida... — O agente ergueu o corpo ossudo e recuou quando os médicos se abaixaram junto ao policial ferido. Os olhos de Innelman estavam entreabertos, parcialmente lúcidos. Dellray perguntou:

— Como está ele?

— Apenas vivo.

Os médicos estavam aplicando tampões de gaze nas facadas e torniquetes no braço e na perna, e iniciando às pressas uma transfusão de plasma.

— Temos de tirá-lo daqui.

Colocaram o agente numa padiola e partiram corredor afora, com Dellray na retaguarda.

— Ele conseguiu falar? — Rhyme perguntou a Sachs.

— Não. Não sei se vão poder salvá-lo.

— Fique calma, Sachs. Temos de localizar o Dançarino, se é que ele ainda está por aí. Descreva o porão.

— Bem... há uma janela que dá para o beco. Ao que parece ele começou a desmontá-la, mas ela continua no lugar. Não há portas.

— Verifique palmo a palmo e vamos ver o que achamos.

Ela percorreu o local lentamente, usando um aspirador para recolher vestígios.

— E então? Vê alguma coisa?

Ela correu a lanterna em volta até que percebeu dois blocos da parede que não se encaixavam perfeitamente.

— Acho que descobri o caminho de fuga, Rhyme. Dois blocos de concreto, soltos.

— Não mexa neles. Chame a SWAT.

Ela pediu aos agentes que descessem para lá. Eles removeram os blocos e varreram o espaço vazio do outro lado com lanternas acopladas às submetralhadoras H&K.

— Ninguém — disse um agente.

Sachs sacou a arma e deslizou para o espaço frio e úmido. Era uma rampa estreita que descia até um vão aberto nos alicerces do edifício. Ela apontou a câmara do microscópio para os lugares onde o Dançarino provavelmente teria apoiado as mãos.

— Uau, Rhyme... Impressões digitais recentes. Espere. Marcas de luvas, também. Não entendo... Talvez ele tenha se sentido seguro e tirado as luvas. — E então ela projetou a luminosidade verde-

amarelada aos seus pés e suspirou. — Oh, não são impressões dele. Ele está com outra pessoa. Rhyme, ele tem um cúmplice.

— O QUE conseguiram? — perguntou Rhyme.

Sachs tinha retornado à casa dele, e ela e Mel Cooper verificavam os indícios que tinham trazido do prédio. Juntamente com a SWAT, Sachs seguira as pegadas do matador até um túnel de acesso da companhia elétrica, e a partir dali perderam completamente o rastro dele e de seu companheiro.

Ela passou para Cooper a impressão digital que tinha recolhido. Ele a escaneou, transferindo-a para o computador, e enviou-a em forma de arquivo para o AFIS, o serviço automático de identificação que interligava os bancos de dados de impressões digitais mantidos por órgãos criminais, militares e civis. Em seguida, ela ergueu no ar duas cópias eletrostáticas transparentes para que Rhyme as examinasse.

— São as pegadas achadas no túnel — disse ela. — As do Dançarino coincidem com as do escritório onde ele entrou.

— Usa sapatos de operário, do tipo mais comum — disse Rhyme. — Traga esta aqui mais para perto, Sachs.

Os sapatos menores estavam desgastados à altura do calcanhar. O do pé direito tinha um grande buraco, através do qual via-se o decalque dos fios entrecruzados de uma meia.

— Parece que o amigo dele é um vagabundo de rua — disse Rhyme. — E ele deixa impressões digitais no local do crime? Não é

um profissional, com certeza. O Dançarino deve precisar dele para alguma coisa.

— Para achar uma saída do prédio, por exemplo — sugeriu Sachs. Concentrando-se nos demais indícios, Cooper estava montando amostras em lâminas de vidro e inserindo-as dentro do microscópio. Depois, transferia as imagens para o computador de Rhyme.

— Modo comando — ordenou Rhyme ao computador. — Cursor para a esquerda. Pare. Clique duplo. — Ele examinou o monitor. — Mais argamassa dos blocos de concreto. Sujeira, pó... Onde colheu isto, Sachs?

— Raspei a parte externa dos blocos e recolhi o pó do chão do túnel. Também achei um local por trás de alguns caixotes, onde ao que parece alguém andou dormindo.

— Ótimo. Muito bem, Mel... passe no espectro metro. Tem umas coisas aí que não estou reconhecendo.

O cromatógrafo ronronou, separando os compostos para identificação. Cooper examinou a tela e, de repente, soltou uma exclamação de surpresa.

— Isto aqui é uma verdadeira farmácia, Lincoln. Temos secobarbital, fenobarbital, dexedrine, amobarbital...

— Que diabo — murmurou Sellitto. — Todo tipo de droga. Quer dizer que o Dançarino agora arranjou um viciado para assistente... Quem diria.

— Aquele prédio é cheio de consultórios médicos — disse Sachs. O sujeito devia estar surrupiando drogas.

— Acaba de chegar um e-mail — anunciou Cooper. — A busca no AFIS pelas impressões. Seja quem for o sujeito, as digitais dele não constam em lugar nenhum.

— Não é possível! — exclamou Rhyme. Sentia-se injustiçado. Será que as coisas não poderiam ser só um pouco mais fáceis? — O que há naquele saco, Sachs? — murmurou.

O saco plástico continha um pedaço de toalha de papel com uma mancha marrom.

— Achei essa mancha num dos blocos de concreto que ele moveu. Acho que estava nas mãos dele.

— E por que pensa isto?

— Porque esfreguei minha mão na sujeira do local e empurrei outro I floco. Fiz uma mancha idêntica.

"Essa é a minha Amelia", pensou ele. Por um instante, seus pensamentos retornaram à noite anterior — os dois na cama, deitados lado a lado. Ele afastou a lembrança.

— E o que é isso, Mel?

— Parece graxa. Impregnada de poeira, sujeira do chão, fragmentos de madeira, material orgânico. Carne animal, eu acho. Tudo muito velho. E olhe aqui.

Rhyme examinou os minúsculos fragmentos metálicos na tela do computador.

— Metal. Moído ou raspado de algum lugar. Passe no espectrômetro.

Cooper obedeceu.

— Compostos petroquímicos. Mal refinados. Sem aditivos. Ferro, com traços de manganês, silício e carbono.

— Espere. — Rhyme fitou o teto. — Aço antigo, feito de ferro-gusa num forno Bessemer.

— E mais alguma coisa aqui... Alcatrão de hulha.

— Creosoto! — gritou Rhyme. — É isso. O primeiro erro do safado. Esse parceiro dele é o mapa da mina.

— E onde é a mina? — perguntou Sachs.

— No metrô. A graxa é antiga; o aço vem dos espigões e de outros artefatos. O creosoto vem dos dormentes. Foi para isso que o Dançarino o utilizou: para arranjar um esconderijo. O parceiro dele é, provavelmente, um desses vagabundos que dormem em algum túnel ou estação abandonada.

Rhyme parou de falar ao perceber que todos olhavam para o vulto que acabara de surgir à porta.

— Dellray? — disse Sellitto, com voz vacilante. — O que houve?

— Innelman. Perdeu muito sangue. Acabou de morrer.

— Sinto muito — disse Sachs.

Rhyme pensou no outro agente de Dellray, Tony Panelli, provavelmente morto àquela altura, tendo deixado como pista do

que lhe acontecera apenas aqueles estranhos grãos de areia. E agora, outro amigo assassinado.

Dellray olhou para Rhyme com olhos de meter medo.

— Sabe por que ele matou Innelman? Para despistar. Para nos afastar do seu rastro. Tem alguma pista?

— Não muita coisa. — Ele explicou sobre o vagabundo a quem o Dançarino da Morte se juntara, as drogas, o provável esconderijo no labirinto de túneis desativados. — Mas ainda temos muito material para examinar.

— Material! — exclamou Dellray com desprezo. — Despiste. Não há motivo para um sujeito como Innelman morrer desse modo. Motivo nenhum.

— Fred, espere. Precisamos de você.

Mas o agente não escutou e marchou para fora do aposento.

# CAPÍTULO SETE

**Hora 24, de 45**

— **L**AR, DOCE lar — disse Jodie.

Um colchonete, roupas velhas, latas de conserva. Um ou dois livros. A fétida estação de metrô onde Jodie vivia, na parte baixa de Manhattan, tinha sido desativada há décadas. "Um bom lugar para vermes", foi o pensamento sombrio de Stephen.

Tinham caminhado durante uns quatro ou cinco quilômetros por baixo da terra, atravessando porões de edifícios, túneis, enormes tubulações de esgoto. Por fim tinham atingido o túnel do metrô e apressado o passo, embora Jodie, cuja falta de preparo físico chegava a ser patética, ficasse quase sem respiração tentando acompanhar o passo de Stephen.

Havia uma porta que dava para a rua e o ar livre, mas estava pregada com tábuas transversas pelo lado de dentro. Fendas oblíquas entre as tábuas projetavam faixas de luz cheias de partículas de poeira. Stephen espreitou por uma das frestas e teve o vislumbre de um dia de primavera nublado e cinzento, de mendigos sentados nas esquinas, garrafas espalhadas pela calçada, recipientes de crack atirados pelo chão.

Ouviu um ruído atrás de si e virou-se para ver Jodie organizando um punhado de pílulas roubadas em latas vazias de

café. Ele abriu a mochila, tirou uma carteira e contou cinco mil dólares.

— Aqui está o dinheiro — disse.

Os olhos de Jodie ficaram saltando do rosto de Stephen para as notas, indo e voltando. A mão magra arrebatou o maço de notas.

Stephen disse:

— Se me ajudar de novo, pode ganhar mais dez mil.

O rosto vermelho e inchado do outro abriu-se num sorriso cauteloso. Ele remexeu em suas latas e engoliu uma pílula.

— Blue devil— explicou. — Faz a gente se sentir bem, aconchegado... Quer uma?

— Hum... Não — respondeu Stephen.

Jodie fechou os olhos e recostou-se.

— Dez mil. — Depois de um instante, perguntou: — Você o matou, não foi?

— Quem? — perguntou Stephen.

— O policial, lá atrás.

— Talvez. Não sei. Não era esta a questão.

— Você esteve no exército, não? Adivinhei logo.

Stephen esteve a ponto de mentir, mas mudou de idéia e disse:

— Não. Quase entrei para o exército. Ou melhor, nos fuzileiros navais. Meu padrasto era fuzileiro. Tentei me alistar, mas não me

aceitaram.

— Que coisa estúpida. Não aceitaram você? Você daria um grande soldado. — Jodie olhava Stephen de alto a baixo, fazendo gestos de aprovação com a cabeça. —Você é forte. Bons músculos. Eu... — Riu alto. — Eu nunca faço exercício, a não ser correr quando os pivetes me atacam. Você é bonito, também. Como os soldados nos filmes.

Stephen começou a enrubescer.

— Bem, não sei nada sobre isso — disse.

— Ah, que é isso. Aposto como sua namorada acha você muito bonito.

Sensação de medo. Vermes pondo-se em movimento.

— Você tem água?

Jodie apontou uma caixa de mineral Poland Spring.

— Roubei estas aí.

Stephen abriu duas garrafas e começou a lavar as mãos.

— Não tem namorada, é? — A droga deixava a voz de Jodie pastosa.

— Não agora — explicou Stephen, falando com cuidado. — Não é que eu seja bicha, ou coisa desse tipo, se é isso que está pensando.

— Não, não estou — respondeu Jodie, perdido em sua névoa mental. — Eu também não tenho garota. Como posso arranjar uma? Não sou boa-pinta como você.

Stephen sentiu o rosto queimando e esfregou as mãos com mais força. A pele, no local, ardia. De repente, sentiu-se invadido por um sentimento estranho, a sensação de estar falando com alguém que poderia entendê-lo.

— Olhe, eu não mato as pessoas só por matar — disse. — Matar é o meu trabalho. Veja o que aconteceu em Kent State. Eu era só um garoto naquele tempo, mas meu padrasto me contou. Lembra, quando a Guarda Nacional atirou naqueles estudantes?

— Claro, ouvi falar.

— Pois veja bem, para mim isso foi uma coisa estúpida. Para que serviu? Deviam ter identificado os líderes e liquidado com eles. Infiltrar, avaliar, designar, isolar, eliminar.

— É assim que você mata gente?

— Primeiro você tem de se infiltrar na área. Depois, avaliar a dificuldade do serviço que vai executar. Então, designar alguém para afastar as atenções da sua vítima, dar a aparência de que você está se aproximando de outra direção, mas na hora H é apenas um garoto de entregas ou coisa assim, e enquanto isso você vem por trás da vítima. Aí, e só isolar e eliminar a pessoa.

— Sabe duma coisa — disse Jodie —, tem gente que pensa que os assassinos profissionais são malucos. Mas você não parece maluco.

— Eu não acho que seja — disse Stephen, com simplicidade.

— As pessoas que você mata são más? Como os caras da máfia?

— Bem, são pessoas que fazem coisas más contra as pessoas que estão me pagando.

De olhos semicerrados, Jodie deu uma gargalhada entorpecida.

— Algumas pessoas diriam que não é assim que a gente determina o que é bom ou mau.

— Muito bem, então o que é bom e o que é mau? — perguntou Stephen. — Alguns matadores profissionais chamam suas vítimas de objetivo. Conheci um cara que as chamava de corpos, mesmo antes de matá-las. Acho que com isso ele ia se acostumando a pensar que já estavam mortas. Mas eu não ligo. Chamo-os do que são. Neste trabalho agora estou procurando a Esposa e o Amigo. São gente que eu tenho de matar, só isso. Nada mais.

Jodie avaliou o que tinha escutado e disse:

— Sabe duma coisa? Não acho que você seja mau. O mau parece inocente, mas acaba mostrando sua maldade. Você é o que é. E eu acho que isso é bom.

Stephen enrubesceu novamente e acabou perguntando:

— Tem medo de mim?

— Não — disse Jodie. — Eu não ia querer ter você contra mim. Não, senhor!... Mas eu acho que somos amigos. Não acho que você me faria mal.

— Não — disse Stephen. — Somos parceiros.

— Você falou do seu padrasto. Ele ainda está vivo?

— Não, já morreu. — Stephen observou Jodie enfiar o dinheiro num rasgão do colchonete imundo. — O que vai fazer com o dinheiro?

Jodie sentou-se e o fitou com olhos mortiços mas resolutos.

— Vou lhe mostrar uma coisa. — Ele puxou um livro do bolso. O título era Dependência Nunca Mais. — Roubei isto de uma livraria na St. Marks Place. É para essas pessoas, você sabe, que não querem mais ser alcoólicas ou viciadas em drogas. Muito bom. Fala em todas essas clínicas onde a gente pode ir. Descobri esse lugar, que fica em Nova Jersey... Você passa um mês lá, mas sai novo em folha.

— Vai ser bom para você — disse Stephen. — Eu aprovo.

— Sim. — Jodie fez uma careta. — Mas custa 14 mil dólares.

— Alguém está faturando uma nota por lá — comentou Stephen. Ele ganhava 150 mil por cada missão, mas não se deu o trabalho de repassar essa informação para seu novo amigo e parceiro.

Jodie suspirou, limpou os olhos. As drogas o tornavam sentimental. Como o padrasto de Stephen quando bebia.

— Minha vida está uma bagunça — disse ele. — Estive na universidade, sabia? Pois é. Trabalhei numa empresa. Mas aí perdi o emprego. Sempre tive esse problema com pílulas. Mas deixa pra lá.

Stephen sentou perto dele.

— Você vai conseguir o dinheiro e vai para essa clínica. Sua vida vai melhorar.

Jodie endereçou-lhe um sorriso por entre as lágrimas.

— Meu pai costumava dizer uma coisa, sabia? Sempre que a gente tinha que enfrentar uma situação difícil, ele dizia: "Isso não é um problema, é apenas um fator."

— "Não é um problema, apenas um fator" — repetiu Stephen.  
— Gostei dessa.

E pôs a mão sobre a perna de Jodie para confirmar.

## UM LABIRINTO.

O complexo do metrô da cidade de Nova York se estende por mais de quatrocentos quilômetros e abrange mais de uma dúzia de túneis que se entrecruzam, espalhando-se por quatro municípios. Era muito mais fácil um satélite encontrar um barco à deriva no Atlântico do que a equipe de Lincoln Rhyme localizar dois homens escondidos naquelas galerias subterrâneas.

Rhyme, Sellitto, Sachs e Cooper estavam analisando um mapa do metrô pregado desajeitadamente na parede. O criminalista ordenou ao computador que discasse um número de telefone e momentos depois estava em contato com Sam Hoddleston, chefe da Polícia de Trânsito. Rhyme resumiu a situação que conduziria à busca pelo Dançarino e seu cúmplice.

— Achamos que eles estão em alguma área abandonada — disse. — Nosso palpite é Manhattan. Temos um mapa aqui, mas vamos precisar de sua ajuda para afinar a busca.

— O que for possível — respondeu Sam Hoddleston.

Rhyme repassou as pistas deixadas pelo rastro do parceiro do Dançarino.

— Os resíduos estão cheios de areia de quartzo e feldspato. Muito pouca rocha; nenhuma parte dela foi explodida ou quebrada; não há calcário, nem o xisto de mica daqui de Manhattan. Estamos pensando em nos concentrar na parte baixa, onde o metrô foi construído sobre terreno úmido, e não sobre rocha. Talvez nas imediações de Canal Street.

Hoddleston não estava otimista. Havia dúzias de túneis de conexão, plataformas e partes de estações que estavam interditados há anos. Mas concordou em enviar uma relação das áreas mais prováveis.

Cinco minutos mais tarde, o aparelho de fax emitiu uma longa listagem que Thom trouxe para Rhyme.

— Muito bem, Sachs, mãos à obra — disse ele. Ela assentiu, enquanto Sellitto pegava o telefone para que Haumann e Dellray colocassem as equipes de busca a postos. Rhyme ajuntou, com ênfase: — Amelia, fique na retaguarda, está ouvindo? Você está lá para analisar a cena do crime. Somente para isto.

SENTADO NO MEIO-FIO, Leon Chamariz tinha ao seu lado o Homem-Urso, assim chamado porque costumava andar pelas ruas empurrando mu carrinho de supermercado repleto de bichos empalhados que ele colocava à venda — se bem que somente um pai desequilibrado seria capaz de comprar para seus filhos um daqueles brinquedos esfarrapados e cobertos de pulgas. Os dois

dividiam um beco perto de Chinatown, onde sobreviviam vendendo garrafas vazias, recolhendo sobras de comida e praticando pequenos furtos.

Leon e o Homem-Urso estavam olhando para o lado oposto da rua, onde outro vagabundo, um negro de aspecto doentio, estava caído no chão, com o rosto contorcido.

— Ele está morrendo, cara — disse Leon. — Vamos chamar alguém.

— Vamos olhar de perto — disse o Homem-Urso.

Os dois atravessaram a rua em passos rápidos e miúdos, como ratazanas.

O homem estava imundo. Usava jeans surradíssimos, meias sebentas, sem sapatos, e um casaco rasgado e sujo onde se lia: Cats — O Musical.

Leon tocou-lhe a perna. O vagabundo acordou num sobressalto e sentou-se.

— Ei, cara, você está bem? — Os dois deram um passo para trás.

Cats pôs-se a tremer, segurando o abdômen. Tossiu demoradamente.

— Ih, o cara está mal. Vamos embora — disse o Homem-Urso, fazendo menção de voltar para junto de seus brinquedos.

— Me ajudem — murmurou Cats. — Estou mal, cara.

— Tem uma clínica ali adiante, no...

— Não posso ir para clínica nenhuma — replicou Cats, como se eles o tivessem insultado. Isso queria dizer que tinha ficha na polícia. Estava mesmo com um problema sério.

— Preciso de remédio... vocês têm alguma coisa? Eu pago. Tenho grana.

Difícil de acreditar. O que os dois podiam perceber era que Cats era um catador de latas. E dos bons. Ao lado dele havia um enorme saco com latas vazias de soda e de cerveja que ele apanhara no lixo.

— A gente não tem pílulas. Quer beber? Tenho uma cana aqui.

Cats se pôs de pé com dificuldade.

— Não quero beber nada. Os pivetes me deram uma surra. Preciso de remédio. — Ele gemeu, segurando a ilharga.

Leon disse:

— Olha, tem um cara, sabe?... Ele quis vender umas pílulas ontem para a gente. Estava vendendo de tudo, sem ligar se estava sendo visto ou não.

— Eu tenho dinheiro. — Cats remexeu num bolso sujo e puxou duas notas amarfanhadas de vinte dólares. — Está vendo? Agora, cadê o cara?

— Perto do City Hall. Na estação velha do metrô.

— Estou mal, cara. Por que fizeram isso comigo? Estava só pegando umas latas. — Cats limpou o suor da testa. — Quero ver ele. Como ele se chama?

— Não sei — disse Leon. — Joe qualquer coisa. Ou Jodie, talvez.

— Jodie. Cara, eu preciso tomar alguma coisa. Estou mal, mal. — Ele deu alguns passos, cambaleando, gemendo e arrastando atrás de si o saco de latas amassadas.

SENTADO no colchonete ao lado de Jodie, Stephen escutava, através do grampo que colocara na linha da Hudson Air, a discussão de Ron Talbot com um distribuidor de peças de turbina. Por ser domingo, ele estava tendo dificuldade em substituir as peças danificadas. Depois disso, não houve nenhuma outra chamada.

Stephen desligou o aparelho, sentindo-se frustrado. Será que a esposa e o Amigo ainda estavam no esconderijo? Ou tinham sido removidos? O que estaria tramando Lincoln, o Rei dos Vermes? Até que ponto ele era esperto?

E quem seria ele? Stephen tentou visualizá-lo como um alvo enquadrado pelo telescópio Redfield. Tudo que enxergava era uma massa amorfa de vermes e um rosto olhando calmamente em sua direção, através de uma vidraça suja.

Ele percebeu que Jodie estava dizendo alguma coisa.

— O quê?

— Que fazia seu padrasto?

— Lou? Bem... ele fazia biscates a maior parte do tempo. Caçava e piscava bastante. Foi um herói no Vietnã. Entrou pelas linhas inimigas e matou 54 caras. Políticos, gente desse tipo.

— Foi ele quem lhe ensinou tudo, tudo isto que você faz?

— Ele me ajudou a começar.

Quando garoto, Stephen caminhava ao lado de Lou através das montanhas, gotas quentes de suor correndo ao longo de seus narizes e pingando nos dedos recurvados nos gatilhos das Winchester. Ficavam assim, deitados na relva, durante horas.

"Não pisque esse olho esquerdo, soldado."

"Não, senhor. Jamais, senhor."

Esquilos, perus selvagens, corças no cio ou não, ursos quando apareciam, cães nos dias mais fracos.

— Deixe-os mortos, soldados. Preste atenção ao que eu faço.

Crac-crac! O impacto da coronha contra o ombro, os olhos espantados do animal atingido.

À noite ficavam sentados diante de uma fogueira no quintal, enquanto as faíscas se elevavam ao céu, e através da janela Stephen avistava a mãe limpando os pratos da ceia com uma escova de dentes. Lou era um tipo atarracado — aos 15 anos, Stephen já era da altura dele. Bebericava de uma garrafa de Jack Daniels enquanto falava ininterruptamente, sem se incomodar se Stephen estava escutando ou não.

— Amanhã quero que você traga um veado morto, usando somente a faca. Consegue fazer isso, soldado?

— Sim, senhor. Consigo.

— Muito bem. O que você tem de fazer é encontrar uma família: a corça e os filhotes. Você chega perto. Essa é a parte mais difícil. Para matar a corça, você ameaça o filhote. Ela se adianta para proteger o bebê, ela vem justo na sua direção. Então... zás! Você corta o pescoço dela. — Outro gole. — Puxa, garoto, isto sim é que é vida!

Depois disso, Lou iria lá dentro examinar os pratos e, às vezes, quando encontrava restos de sujeira em algum deles, Stephen escutava os tapas e os gemidos dentro da casa, enquanto ficava deitado junto da fogueira, vendo as centelhas subirem até a lua cadavérica.

Jodie perguntou:

— Como é que você não entrou para os fuzileiros?

— Por causa de uma bobagem — disse Stephen, e fez uma pausa. — Me meti numa encrenca quando era garoto. Havia um cara em nossa cidade, sabe como é, desse tipo de palhaço metido a valentão. Eu o vi torcendo o braço de uma mulher. Ela estava doente, e por que o cara a machucava daquele jeito? Então falei para ele que se não parasse com aquilo eu o mataria. A coisa ficou fora de controle. Peguei uma pedra e bati nele, sem pensar direito no que fazia. Cumpri dois anos por homicídio. Minha ficha criminal não deixou que eu entrasse para os fuzileiros.

A mão de Jodie apertou o ombro de Stephen.

— Isso não é justo. Sinto muito. — Os olhos verdes de Jodie brilhavam. Stephen, que nunca tivera problema em encarar homem algum, olhou para ele e baixou os olhos. E de algum lugar

completamente estranho uma imagem brotou em sua mente — Jodie e Stephen juntos numa cabana, caçando e pescando. Cozinhando numa fogueira ao ar livre.

Ele ficou de pé rapidamente e olhou pela janela. A rua estava deserta, exceto por um pequeno grupo de vagabundos — quatro brancos e um negro.

Stephen apertou os olhos para ver melhor. O negro, arrastando um enorme saco de lixo cheio de latas vazias, estava discutindo com os outros, gesticulando, oferecendo o saco a um dos brancos, que o recusava. Stephen observou-os discutindo por alguns minutos, depois voltou até onde estava Jodie e sentou-se no colchonete.

— Vamos combinar o que faremos — disse. — Tem alguém à minha procura.

Jodie deu uma risada.

— Parece que depois do que aconteceu naquele prédio, deve ter uma porção de gente à sua procura.

— Mas há alguém em especial. O nome dele é Lincoln.

Jodie assentiu.

— É o primeiro nome dele?

— Não sei. Nunca encontrei ninguém parecido com ele.

— Quem é ele?

Um verme.

— Talvez um policial. FBI. Um consultor. Não sei ao certo. — Stephen lembrou o modo como a Esposa o descrevera para Ron,

usando o tom de alguém que descreve um guru. Sentiu novamente aquela angústia. Pôs a mão sobre o ombro de Jodie e a sensação desapareceu. — Esta é a segunda vez que ele estraga meus planos. Tento prever os movimentos dele, mas não consigo.

— O que quer saber?

— Quero saber se ele vai retirar as pessoas daquela casa.

— Quem? As pessoas que você precisa matar?

— Sim. Ele está tentando se antecipar a mim. Está pensando.

Jodie sussurrou:

— Você parece meio abalado.

— Não consigo vê-lo. Não consigo saber o que ele vai fazer. Sempre que alguém me perseguiu, eu consegui saber.

— E o que quer que eu faça? — perguntou Jodie.

Stephen encontrou um telefone celular no fundo de sua mochila e o entregou a Jodie.

— O que é isto? — perguntou o outro.

— Um telefone. Para você usar.

— Ah, um celular. Legal. — Jodie examinou o aparelho como se nunca tivesse visto um.

Stephen disse:

— Um atirador de tocaia sempre tem um rastreador. Alguém para localizar o alvo, informar a distância, coisas desse tipo.

— Quer que eu faça isso para você?

— Sim. Veja bem: acho que Lincoln vai tirá-los daquela casa. Tenho essa impressão. — Olhou o relógio. — Vamos ver, então. As 12:30h, quero que você ande por aquela rua como um cara qualquer e observe a tal casa. Talvez você possa ficar remexendo em latas de lixo, algo assim.

— Procurando garrafas. Faço isso o tempo todo.

— Descubra em que tipo de carro eles estão entrando, ligue para mim e me informe. Vou estar no outro quarteirão, num carro, esperando. Mas você vai ter de ficar de olho aberto, porque eles vão tentar despistar.

— Tudo bem. Eu posso fazer isso. Você vai atirar neles na rua mesmo?

— Isso depende. Tenho de estar pronto para improvisar.

Jodie examinou o celular.

— Não sei como isso funciona.

Stephen mostrou-lhe.

— Me chame quando estiver em posição.

Jodie ergueu os olhos para ele.

— Sabe... quando isso tudo acabar e eu tiver passado pela clínica e tudo mais... que tal a gente se ver qualquer dia? Podíamos tomar um suco juntos, um café ou coisa assim. Hein? Que tal?

— Claro — disse Stephen. — Podemos...

De repente, batidas ensurdecedoras começaram a abalar a porta fechada com tábuas. Girando sobre si mesmo como um dervixe, Stephen puxou a pistola e caiu de joelhos, apontando a arma com as duas mãos.

— Abra a porta! — gritou alguém lá fora. — Agora! Jo-die! Cadê você? Stephen foi até a janela e olhou através das tábuas que a vedavam. Era o negro que ele vira na rua; vestia um casaco sujo com os dizeres Cats — o Musical.

— Cadê o cara? — perguntava ele. — Jodie Joe!

— Sabe quem é ele? — perguntou Stephen.

Jodie olhou para fora, encolheu os ombros e cochichou:

— Não sei.

O vagabundo insistiu:

— Vamos, cara, sei que você está aí. Jo-die! Jo-die!

— Daqui a pouco ele vai embora — disse Jodie.

— Espere — disse Stephen. — Talvez a gente possa usá-lo. Lembra do que eu falei antes? Designar. É uma boa idéia. Ele parece assustado. Se você o levar junto, vão prestar atenção nele, não em você.

— Preciso de uma "parada", cara! — vociferou o negro. — Vamos, vamos, por favor! Estou na pior! — Ele começou a chutar a porta.

— Vá lá fora — disse Stephen. — Diga que vai lhe dar alguma coisa se ele o acompanhar. Faça com que ele remexa no lixo

enquanto você vigia a rua. Vai ser perfeito.

— Muito bem. — Jodie respirou fundo e por fim abriu a porta.  
— Ei, pare com esse barulho! — gritou ao vagabundo. — O que você quer?

Stephen ficou observando o negro, que fitava Jodie com olhos alucinados.

— Falaram aí que você vende pílulas, cara. Eu tenho grana. Ih, cadê minha grana?

— Ele remexeu em vários bolsos até perceber que estava segurando as notas de vinte dólares na mão esquerda.

— Tudo bem — disse Jodie. — Mas primeiro você vai fazer uma coisa paia mim. Vai me ajudar a pegar umas latas no lixo.

— Latas? — vociferou o outro. — Pra quê? Você precisa de um níquel?

— Eu lhe dou as pílulas de graça, mas você vai ter de me ajudar.

— De graça? — O negro olhou em volta, como se procurasse alguém para lhe explicar o que acontecia. — Onde estão as garrafas?

— Espere aí.

Jodie esgueirou-se para dentro, procurando Stephen:

— Ele topa.

— Bom trabalho.

O outro fez uma pausa. A sorrir, Stephen falou, num impulso:

— Foi bom ter conhecido você.

— Também achei... — Jodie hesitou por um instante antes de completar: — parceiro.

Stephen estendeu a mão e repetiu:

— Parceiro.

Teve uma enorme vontade de tirar a luva para poder sentir a pele de Jodie de encontro à sua, mas não o fez.

Profissionalismo acima de tudo.

# CAPÍTULO OITO

**Hora 25, de 45**

**O** DEBATE estava acalorado.

— Acho que você está errado, Lincoln — disse Lon Sellitto. — Temos de tirá-los daqui. Ele vai atacar a casa outra vez.

Rhyme desejou que Dellray estivesse ali, e Sachs também, embora naquele mesmo instante ela estivesse vasculhando as estações de metrô abandonadas, com os agentes federais. Até aquela altura, não tinham achado o menor traço do Dançarino e de seu cúmplice.

— Não — retrucou Rhyme, inabalável. — Ele vai persegui-los, não importa onde estejam. Aqui, pelo menos, estamos em território nosso. Podemos prever o ataque. E temos boa cobertura para armar emboscadas.

— Esse é um ponto a seu favor — reconheceu Sellitto.

— Isso também vai deixá-lo inseguro. Neste exato momento ele não sabe que atitude tomar. Se removermos Percey e Hale, que é o que ele imagina que vamos fazer, ele vai tentar atacá-los no trajeto. E é muito mais difícil manter a segurança no meio do trânsito do que aqui, num local fixo. Não. Temos de mantê-los onde estão e prever qual vai ser o próximo movimento dele. Fiquem prontos para entrar na casa.

"Mas será que estou certo?", perguntou-se Rhyme. "O que ele estará planejando? Como posso saber?"

Um vulto apareceu na soleira: um dos policiais que estavam de guarda à porta da rua. Ele estendeu um envelope para Thom e voltou ao seu posto.

— O que é isso? — perguntou Rhyme.

Thom abriu o envelope e leu.

— O FBI contactou um especialista em areia — disse.

Era um relatório sobre o outro caso. Rhyme olhou o papel. "Substância submetida, à análise não é areia, tecnicamente falando. Trata-se de oólitos, fragmentos de coral extraídos de formações de arrecifes. Contêm seções de corpos de vermes marinhos e de conchas de gastrópodes. Origem mais provável: norte do mar do Caribe: Cuba, as Bahamas.

Mar do Caribe. Interessante. Pois muito bem; depois que o Dançarino fosse empacotado e despachado, ele e Sachs voltariam a cuidar do caso do agente desaparecido.

SILENCIOSAMENTE, os agentes das Unidades de Emergência rodearam a estação de metrô. Policiais locais tinham registrado a presença de um viciado vendendo pílulas nas imediações. Era um homem de complexão leve, o que estava de acordo com o tamanho das pegadas recolhidas.

A estação era, literalmente, um buraco na parede, tornado obsoleto anos atrás pela entrada em funcionamento da moderna

estação de City Hall, a poucos quarteirões de distância. Os policiais das Unidades 32-E se posicionaram, enquanto agentes de busca e vigilância preparavam microfones e sensores infravermelhos, e guardas interrompiam o trânsito em volta daquele trecho. O comandante da operação deslocou Sachs para longe da entrada principal, fora da linha de fogo. Deram-lhe a incumbência de vigiar uma saída trancada com cadeado. Ela imaginou se Rhyme estaria de conluio com Haumann para mantê-la num lugar seguro.

A chuva começou a cair em volta dela, uma chuva tão fria quanto o céu sujo e cinzento, tamborilando sobre o lixo acumulado diante das grades de ferro que fechavam a saída. Será que o matador estaria lá dentro? Ela não achava que ele fosse se entregar sem uma luta encarniçada. E enfurecia-se ao pensar que ficaria de fora dessa luta.

Desceu as escadas e colou o corpo à parede. Examinou as grades de ferro, as correntes enferrujadas, o cadeado. Olhou para dentro do túnel escuro, sem ver nem ouvir coisa alguma.

"Onde estará ele? E por que toda esta demora?"

Ficou sabendo a resposta um instante depois, através dos fones de ouvido: estavam esperando reforços. Haumann tinha requerido mais agentes.

"Não, não, não", disse ela a si mesma. Estava errado. Bastaria ao Dançarino dar uma espiada do lado de fora para ver que não havia um único automóvel, táxi ou pedestre passando pela rua, e no mesmo instante ele compreenderia que uma operação tática estava

sendo levada a cabo. Haveria um banho de sangue. "Será que eles não percebem?"

Sachs subiu de novo até o nível da rua. Um pouco mais adiante havia uma farmácia. Ela comprou duas latas de butano e pediu emprestada ao dono da loja uma haste de aço usada para firmar o toldo, uma peça resistente com 1,5m de comprimento.

De volta à saída do metrô, enfiou o cabo de metal num dos elos da corrente e torceu-o até deixá-la totalmente retesada. Depois de calçar uma luva Nomex, esvaziou as latas de butano sobre o metal, vendo como ele se recobria de espuma congelada ao ser resfriado pelo gás. Amelia não tinha vivido em vão nas proximidades de Times Square; o seu know-how em táticas de forçar portas e fechaduras era o bastante para lhe garantir a sobrevivência caso resolvesse mudar de lado.

A policial segurou a haste com as duas mãos e começou a rodá-la. Com um estalido leve, o elo partiu-se ao meio. Ela desenrolou a corrente, colocou-a com cuidado sobre uma pilha de folhas secas e empurrou a grade para dentro, puxando a Glock à coldre e pensando: "Errei você a trezentos metros, mas não vou errar a trinta. "Por um instante, lembrou-se de Rhyme. Ele não aprovaria o que ela estava fazendo, é claro. Mas não precisava saber.

Ela penetrou no corredor sombrio, saltou por cima da velha roleta de madeira e começou a caminhar pela plataforma que levava à estação. Não tinha andado seis metros quando ouviu vozes, vindas da parte superior.

— Tenho de sair agora, está ouvindo? Caia fora daqui.

Voz de homem, branco. Seria ele?

O coração martelava dentro do peito. "Respire devagar. Atirar é respiração, acima de tudo."

— Hein, tá falando o quê? — Outra voz. Homem, negro. Algo naquela voz a amedrontou. — Eu tenho grana. Olhe aqui, sessenta pratas. Está vendo?

— Mudei de idéia, tá legal? Vou lhe dar umas pílulas.

— Você não falou aonde está indo. Onde é? Fala aí.

Sachs começou a subir a escada da plataforma, rumo à direção de onde vinham as vozes.

— Você não vai comigo — disse o homem branco. — Caia fora. Tome aqui. Aqui tem doze. Pegue e caia fora.

— Doze. E não preciso pagar? — O negro riu alto.

Sachs ia chegando perto do topo da escada. Daí a pouco teria uma visão da estação. Estava pronta para disparar. "Se ele se mover um palmo, garota... atire." "Esqueça as regras. Esqueça..."

De repente a escada sumiu.

Um grunhido de susto brotou-lhe do fundo da garganta quando ela veio abaixo.

Tinha pisado numa armadilha. O degrau de cima estava apoiado apenas em duas caixas de sapato, que cederam sob seu peso, fazendo-a rolar escada abaixo. A pistola voou de sua mão; ela tentou dar um grito de alerta, mas percebeu que o fio do rádio tinha se soltado durante a queda.

Aterrissou com um ruído surdo no concreto e sua cabeça chocou-se com violência contra o corrimão de metal. Rolou sobre si mesma, estonteada.

— Ih, olha só. — Era a voz do homem branco, vindo do topo da escada.

— Que diabo é isso? — perguntou a voz do negro.

Ela ergueu a cabeça. O homem branco descia com rapidez os degraus, empunhando um bastão de beisebol.

"Estou morta", concluiu ela. "Morta."

Ainda tinha o canivete no bolso. Precisou de todas as energias que lhe restavam para sacar a arma, mas já era muito tarde. O homem pegou-lhe o braço, prendendo-o contra o piso, e abaixou-se para examiná-la de perto.

"Ai, cara... Rhyme... Estraguei tudo. Queria que tivéssemos tido uma noite de despedida melhor do que a de ontem. Sinto muito..."

Com a mão de tendões salientes, que mais parecia a garra de uma ave, o homem tirou o canivete do bolso de Sachs e o lançou para longe. Balançando distraidamente o bastão, falou:

— Agora vai me dizer o que está fazendo aqui. Quem é você?

— O nome dela é Srta. Amelia Sachs — disse o negro, que de repente já não tinha mais a aparência de mendigo. Ele adiantou-se e, num gesto rápido, arrancou o bastão das mãos do outro. — E, a não ser que eu esteja muito enganado, ela veio aqui para agarrá-lo. Assim como eu.

Sachs apertou os olhos para vê-lo melhor, enquanto se erguia. Era Fred Dellray, e agora já apontava uma pistola automática para o homem atônito.

— Você é policial? — perguntou ele. — Mas que azar o meu!

— Isto não tem nada a ver com azar — disse Dellray. — Vou colocar estas algemas em você, e nada de gracinhas, ou vai passar meses gemendo de dor. Estamos de acordo?

— ENTÃO, o que temos aqui?

Enquanto falava, Rhyme deu um leve sopro no tubo de comando de sua cadeira Storm Arrow, impelindo-a para frente.

— Um bicho saído do lixo — sugeriu Fred Dellray, que já tomara banho e trajava novamente seu terno verde. Ele virou-se para Jodie, dirigindo-lhe um olhar severo. — Quietos! Não diga uma palavra. Só fale quando alguém lhe perguntar alguma coisa.

— Você me enganou. — O pobre homem estava completamente atônito.

— Cale a boca, vagabundo.

Rhyme não estava satisfeito com o fato de Dellray ter feito uma incursão por conta própria; mas o agente tinha obtido resultados, e ainda por cima salvara a vida de Amelia.

Logo ela estaria de volta. Os médicos a tinham levado para uma radiografia das costelas. Rhyme ficara chocado ao constatar

que a conversa que tinham tido na noite anterior de nada adiantara: ela entrara sozinha no metrô para caçar o Dançarino.

"E tão cabeça-dura quanto eu", pensou ele com seus botões.

— Eu não ia machucar ninguém — protestou Jodie.

— Você é surdo? Falei para não dar uma palavra.

— Eu não sabia quem era ela.

— Não, não sabia. Você nunca viu um distintivo como o que ela usava, não é mesmo, palhaço?

Sellitto adiantou-se dois passos.

— Fale alguma coisa sobre o seu amigo.

— Eu não sou amigo dele. Ele me sequestrou. Eu estava...

— Vendendo drogas. Isso nós sabemos. Conte o resto.

— Ele disse que estava ali para matar umas pessoas. Achei que ia me matar também. Ele me disse para ficar quieto e aí aquele agente apareceu. Eu não sabia que ele ia matá-lo.

Jodie fez uma pausa e Sellitto, que estava examinando os sacos plásticos os com indícios, ergueu os olhos.

— Continue.

— Bem, ele disse que me pagaria se eu o ajudasse a sair dali, e eu o guiei pelo túnel até o metrô.

— Quem o contratou para matar as pessoas? — perguntou Sellitto. — Ele disse algum nome?

— Não, não disse. — A voz de Jodie vacilou. — Olhe... — Ele virou-se para Dellray. — Ele queria que você o ajudasse também. Mas assim que ele saísse dali, eu iria à polícia. Juro. Ele é um cara estranho, me deu medo.

— O que ele queria que você fizesse? — perguntou Rhyme.

— Ele pediu que eu ficasse mexendo nas latas de lixo em frente de uma casa e que olhasse os carros que saíam. Depois eu ligaria para ele, daquele celular ali. Mas eu não ia fazer isso, eu ia contar tudo para vocês.

— Você é incompetente até para mentir — disse Dellray.

— E verdade, eu ia sim — insistiu ele. — Achei que ia rolar alguma recompensa.

Rhyme observou os olhos cobiçosos de Jodie e sentiu-se inclinado a acreditar nele. Olhou para Sellitto, que concordou com um leve gesto de cabeça.

— Coopere conosco — disse Sellitto — e podemos evitar que você seja preso. Sobre dinheiro, não posso garantir nada. Talvez. A que horas ele disse para estar lá?

— Meio-dia e meia.

— Tinham ainda cinquenta minutos.

— Como é ele?

— Tem trinta, 35 anos, eu acho. Não é alto. Mas é forte. Cara, ele tem cada músculo... Cabelo preto, corte militar. Rosto redondo.

— Deu algum nome? Falou alguma coisa? De onde ele é?

— Não sei. O sotaque parece meio do sul. Ah, tem uma coisa. Ele disse que matou um cara, lá na terra dele, quando era garoto.

— Quando era garoto? — exclamou Rhyme com desdém. — Registros desse tipo não são divulgados.

— O que mais? — insistiu Dellray.

— Olhe — disse Jodie —, eu já fiz muita coisa errada, mas nunca machuquei ninguém. Esse cara me sequestrou, anda cheio de armas, e é meio psicopata; eu estava morrendo de medo. Vocês fariam a mesma coisa, no meu lugar. Se quiserem me prender, me prendam, mas não vou falar mais nada.

Amelia Sachs apareceu na porta.

— Diga a eles — disse Jodie. — Não machuquei você. Fale para eles. Amelia dirigiu-lhe o mesmo olhar que dedicaria a um chiclete jogado no chão.

— Ele só estava pronto para estourar meus miolos com um taco de beisebol — disse ela.

— Não! Não é verdade!

— Você está bem, Sachs? — perguntou Rhyme.

— Um arranhão nas costas, mais nada.

Sellitto e Dellray se aproximaram de Rhyme, enquanto este repassava para Sachs o que Jodie tinha informado. Sellitto e Dellray disseram ter acreditado no que o vagabundo tinha contado, mas prefeririam mantê-lo sob estrita vigilância.

Rhyme concordou, mesmo relutando um pouco. Aquela altura, seria difícil chegar ao Dançarino sem a ajuda de Jodie.

Sellitto chamou Jodie a um canto.

— Muito bem, vamos fazer um trato. Você vai nos ajudar. Ligue para o cara da maneira como ele instruiu. Se nós o prendermos, retiramos as acusações contra você. Você pode até ganhar uma recompensa.

— Quanto? — perguntou Jodie. — Preciso pagar um tratamento numa clínica de reabilitação. Preciso de mais dez mil.

Sellitto olhou para Deliray.

— De quanto é mesmo a verba para informantes de vocês?

— Podemos colaborar — disse o agente. — Se vocês derem metade.

— É mesmo? — sorriu Jodie. — Faço tudo que vocês mandarem.

STEPHEN ESTAVA enveredando por becos, tomando ônibus, despistando os policiais que via e o Verme que não conseguia avistar. O Verme, que o espreitava através de cada janela. O Verme, cada vez mais próximo.

Pensou em Jodie. Pensou no que tinham conversado. Que diabotalvez eles pudessem mesmo se encontrar para um café, depois que tudo aquilo acabasse. Café de verdade, forte, como o que a mãe de Stephen fazia para o padrasto — a água fervendo em

borbulhas, uma medida exata de duas colheres e três quartos por xícara, e nem um grão de café derramado sobre a mesa. E talvez uma caçada ou pescaria não estivesse totalmente fora de questão.

Ainda não era tarde para mudar os planos. Havia alternativas. Ele podia dizer a Jodie para abortar a missão. Podia cuidar sozinho da esposa e do Amigo.

"Abortar, soldado? Do que está falando?"

"Senhor! Nada, senhor! Apenas levando em conta todas as eventualidades, senhor."

Stephen desceu do ônibus e esgueirou-se pelo beco que ficava ao lado do quartel dos bombeiros, em Lexington. Escondeu a mochila atrás de um contêiner de lixo, sacou a faca da bainha e ocultou-a dentro do casaco.

Jodie. Joe D. O modo como o rapaz tinha olhado para ele. Foi bom ter conhecido você, parceiro.

Stephen foi surpreendido por um calafrio. Fechou os olhos e retesou o corpo de encontro ao muro de tijolos; aspirou o odor do cimento molhado. Jodie era...

"Soldado! O que está acontecendo?"

"Senhor, eu..."

"O quê? Desembuche agora, soldado!"

"Senhor, acabo de constatar que o inimigo estava se valendo de guerra psicológica. A tática não obteve sucesso. Estou pronto para prosseguir na execução do plano."

Stephen se deu conta, enquanto forçava a fechadura da porta traseira do alojamento dos bombeiros, de que não dava mais para modificar o planejado. Era uma armadilha perfeita e ele não podia deitá-la a perder, ainda mais porque ela lhe dava a possibilidade de matar não apenas a Esposa e o Amigo, mas Lincoln, o Verme, e a policial ruiva também.

Jodie ligaria para o celular de Stephen dentro de 15 minutos. Stephen ouviria pela última vez a voz aguda do amigo.

Infiltrar, avaliar, designar, isolar, eliminar. A verdade é que ele não tinha escolha. "Além disso", pensou, "íamos conversar sobre o quê, depois de tomar o tal café?"

ESPERAR.

Rhyme estava sozinho em sua cama no andar superior, acompanhando pelos fones de ouvido os diálogos na faixa privativa dos agentes em ação. Estava morto de cansaço. Era meio-dia do domingo. Ele tinha dormido muito pouco e estava exausto; a maior parte desse cansaço vinha do esforço de tentar se antecipar ao Dançarino. O corpo começava a pagar o preço.

Cooper estava lá embaixo, no laboratório. Todo o resto do pessoal estava na casa-esconderijo, inclusive Amelia Sachs. Depois que Rhyme, Sellitto e Dellray chegaram a um acordo quanto ao que acreditavam ser o próximo passo do criminoso para eliminar Percey Clay e Brit Hale, Thom mediu a pressão arterial de Rhyme e fez valer sua autoridade quase paterna para mandá-lo para a cama. Tinham

subido pelo elevador com Rhyme mergulhado em silêncio, questionando-se mais uma vez se seu palpite estaria certo ou não.

Agora ele estava com a cabeça afundada naquele maravilhoso travesseiro. Thom ligara o sistema de reconhecimento vocal e, a despeito do cansaço, Rhyme tinha cumprido o ritual de conectar o computador à frequência de rádio usada pela polícia. O sistema era uma coisa espantosa. Fazia com que ele se sentisse diferente. Ele já se resignara a nunca mais levar uma vida comum, mas aquela máquina fazia com que se sentisse normal.

Rolou a cabeça de um lado para o outro e deixou-a repousar sobre o travesseiro, tentando não pensar no fracasso com Sachs na noite anterior.

Um movimento próximo. Era o falcão macho, visível através da vidraça. Rhyme teve o vislumbre de uma mancha de penas brancas; a ave virou para ele o dorso coberto de penas cinza-azuladas e ficou vigiando o Central Park.

O rádio crepitou. Era voz tensa de Amelia Sachs.

— Estamos todos no andar superior, com Jodie — disse ela. — Espere... Lá está o caminhão.

A isca a ser usada era um caminhão 4 x 4 de vidros espelhados, com quatro agentes do grupo de operações táticas em seu interior. Seria seguido por uma van, disfarçada de carro da companhia de esgotos, com agentes do grupo 32-E. Dois outros policiais estariam usando disfarces para serem tomados, à distância, por Percey e Hale. O casal está no térreo — anunciou Sachs. — Aí vão eles. A caminho.

Um clique, e o rádio ficou mudo.

Outro clique. Sellitto.

— Conseguiram. Parece tudo bem. Vamos dar partida. Os carros da escolta estão prontos.

— Tudo bem — disse Rhyme. — Digam a Jodie para fazer a ligação.

— Beleza, Linc. Aí vamos nós. — O rádio foi desligado.

Esperar. Para ver se desta vez ele adivinhara as intenções do Dançarino da Morte.

O CELULAR de Stephen soou e ele atendeu com rapidez.

— Alô.

— Oi. Aqui é...

— Já sei. Nada de nomes.

— Claro, claro. — Jodie parecia nervoso como um gambá encurralado. Depois de uma pausa, ele prosseguiu: — Bem, estou aqui.

— Ótimo. Aquele negro está com você?

— Hum, sim. Está aqui.

— Onde você está exatamente?

Na rua, em frente à casa. Tem uma van estacionada. E um Yukon azul, com vidros espelhados.

— Isso quer dizer que são vidros à prova de bala.

— É mesmo? Puxa, é incrível como você sabe coisas.

"Você vai morrer", disse Stephen para si mesmo.

— Agora um homem e uma mulher saíram do beco, com uns dez policiais. Tenho certeza de que são eles. Você está num carro?

— Claro — disse Stephen. — Um desses carros japoneses baratos. Vou segui-los até chegar a uma área deserta.

— Pode vê-los? — perguntou Jodie, soando pouco à vontade.

— Sim — disse Stephen. — Estou dando partida agora.

— Um carro japonês — repetiu Jodie. — Como um Toyota, ou coisa assim?

"Por que pergunta, seu traidor nojento?", pensou Stephen com amargura.

Na verdade, Stephen estava vendo o caminhão Yukon e as vans da escolta passarem à sua frente. Mas não estava num carro japonês, caro ou barato. Não estava em carro algum. Usando o uniforme de bombeiro que tinha acabado de furtrar, estava parado na esquina, a trinta metros da casa-esconderijo, observando a versão real dos acontecimentos que Jodie distorcia. Jodie não estava ali, nem o negro.

Stephen pegou o pequeno transmissor cinza para detonação à distância. Calibrou a frequência para a bomba instalada no celular de Jodie e armou o detonador.

— Fique firme — disse ele.

— Claro — riu Jodie. — Estou aqui.

Stephen apertou o botão.

A explosão foi ensurdecadora. Abalou as vidraças e fez milhares de pombos levantarem voo para o céu. Stephen viu os pedaços de vidro e madeira voarem do topo da casa-esconderijo, na parte lateral que dava para o beco. Ele esperava que Jodie estivesse nas proximidades da casa. Talvez diante dela, numa van da polícia. Mas não conseguia acreditar na própria sorte: Jodie estava dentro da casa. Perfeito!

Imaginou quem mais teria morrido na explosão. Rezou para que tivesse sido Lincoln, o Verme. Ou a policial ruiva.

A fumaça se elevava do topo da construção. Faltavam apenas alguns minutos para que seus colegas bombeiros chegassem e Stephen pudesse juntar-se a eles.

RHYME ORDENOU ao computador que desligasse o rádio e atendesse o telefone.

— Sim? — falou.

— Lincoln. — Era Lon Sellitto. — Ele explodiu a bomba.

— Eu sei.

Ele tinha ouvido: a casa-esconderijo ficava a quase dois quilômetros da sua, mas suas janelas tinham sido chacoalhadas e os falcões levantaram voo, assustados.

O que atraíra a atenção de Rhyme para o celular de Jodie tinham sido os minúsculos fragmentos de polistireno que Sachs recolhera na estação do metrô. E também os resíduos de explosivo plástico. Rhyme tinha comparado os fragmentos da substância com o revestimento do aparelho que o Dançarino dera a Jodie e chamara o departamento de bombas da Sexta Delegacia. Dois detetives tornaram a bomba inofensiva e encarregaram-se de montar uma menor acoplada ao mesmo sistema de detonação, colocando-a no interior de um tonel de metal numa das janelas da casa, apontada para o beco ao lado, como um morteiro.

Rhyme percebera a tática do assassino: utilizar a bomba para desviar a atenções da van e dar-lhe uma chance melhor de atacar os passageiros. O criminoso também tinha adivinhado, provavelmente, que Jodie iria delatá-lo à polícia. No íntimo, Rhyme sentiu admiração pela inteligência do assassino.

Sellitto explicou: Temos dois dos nossos carros seguindo um Nissan. Talvez seja ele.

Uma pausa. — Que bobeira.

— O que foi?

— Oh, nada. E que ninguém se lembrou de avisar a Central para ignorar a explosão. Estou ouvindo sirenes de bombeiros se aproximando Bem, a van com o despistamento está indo na direção leste, Linc. O Nissan vai atrás.

— Certo, Lon. Amelia está aí? Gostaria de falar com ela.

— Mas que diabo... — Sellitto interrompeu-se. — Isto aqui está cheio de carros de bombeiros. Ninguém se lembrou de...

"Não", refletiu Rhyme, "ninguém pensou nisso. Não se pode pensar em tudo quando..."

Ligo depois, Lincoln. Os bombeiros estão cercando a casa, subindo na calçada, e preciso fazer alguma coisa.

O QUARTO ESTAVA escuro, as cortinas cerradas.

Percey Clay estava amedrontada. Ela detestava aquele local. Um lugar fechado. Tomou outro gole do seu frasco de uísque. Rhyme lhe contara a respeito da armadilha: o Dançarino iria seguir uma van, imaginando que ela e Brit Hale estariam lá dentro. A polícia então cercaria o carro, para prendê-lo ou matá-lo. Em dez minutos liquidariam o indivíduo que tinha mudado a vida dela para sempre.

Roland Bell tinha dado ordens para que ela permanecesse trancada em seu quarto, com as luzes apagadas. Todos os outros estavam no andar superior da casa. Ela escutou a explosão, mas não tinha imaginado que fosse sentir tanto medo. Um medo insuportável.

Caminhou até a porta, abriu-a, deu um passo para o corredor, que estava escuro e deserto. Algo moveu-se no fundo do saguão. Uma sombra apareceu na escada. Ela olhou na direção do movimento, mas ele não se repetiu.

O quarto de Brit Hale ficava a poucos metros dali. Ela precisava muito conversar com ele. Mas não queria que ele a visse daquele jeito — pálida, as mãos trêmulas. Voltou para dentro do quarto, trancou a porta, deitou-se na cama.

Teria ouvido passos?

— MODO COMANDO — disse Rhyme. A caixa de resposta surgiu obedientemente na tela do computador.

Ouvia-se o som longínquo de uma sirene.

Foi nesse instante que Rhyme percebeu o erro que cometera. Carros de bombeiros!

— Oh, não — murmurou ele.

O Dançarino devia ter conseguido um uniforme de bombeiro, ou de médico, e naquele mesmo instante estaria se infiltrando no esconderijo.

— Como pude ser tão desligado? — disse em voz alta.

O computador ouviu a última palavra e obedientemente encerrou o programa de comunicação.

— Não! — gritou Rhyme. — Não!

No entanto, o sistema não compreendeu seu grito frenético, e uma mensagem silenciosa brotou na tela: Você tem certeza de que quer desligar o computador?

— Não — respondeu ele, em desespero.

Outra mensagem: O que gostaria de fazer agora?

— Thom! — gritou ele. — Alguém venha aqui, por favor!

Mas a porta estava fechada e não houve resposta.

O dedo anular da mão esquerda de Rhyme, o único que preservara algum movimento, tremia espasmodicamente.

— Modo comando — ordenou ele, tentando recuperar a calma.

Não entendi o que disse, respondeu o computador. Por favor, tente outra vez.

Onde estaria o Dançarino agora? Já estaria dentro da casa? Estaria a ponto de atirar em Percey Clay ou Brit Hale? Ou em Amelia Sachs?

— Thom! Mel!

Não entendi o que disse...

"Por que não pensei direito?"

— Modo comando — disse novamente, quase sem fôlego, tentando controlar o pânico.

A tela de resposta surgiu, afinal.

— Descer cursor — arquejou ele. — Parar. Clique duplo.

O ícone de um walkie-talkie apareceu no monitor. Rhyme enxergava, em sua mente, o vulto do Dançarino da Morte aproximando-se por trás de Percey Clay, empunhando uma faca ou um garrote.

ERA COMO um pesadelo.

Stephen Kall, com máscara de esqui e vestindo um volumoso casaco de bombeiro, estava estirado rente ao piso no corredor do

esconderijo, por trás do corpo de um dos dois policiais que tinha acabado de matar.

Outro disparo passou perto, arrancando estilhaços do chão, próximo a sua cabeça. O tiro fora disparado pelo detetive de cabelo castanho, meio calvo — o mesmo que vira através da janela. Estava agachado atrás de uma porta, mas Stephen não conseguia um bom ângulo de tiro contra ele. O detetive tinha uma pistola automática em cada mão, e era um excelente atirador.

Stephen arrastou-se mais um metro para a frente, aproximando-se de uma porta aberta. Sensação de pânico, de espasmo, de vermes colando sobre a pele.

Tinha arrombado a entrada do beco, com uma pequena carga de explosivo, e penetrado na casa, esperando encontrá-la tomada pelo caos, em chamas e com paredes desmoronadas, e os corpos da Esposa e do Amigo despedaçados. Mas o Verme o enganara mais uma vez.

Certamente o celular fora grampeado. A única coisa que eles não esperavam é que ele tentasse entrar na casa após a explosão. Mesmo assim, tinha sido recebido a bala por dois policiais. Tivera de abatê-los.

Dispunha talvez de um minuto, não mais do que isso. Sentia-se tão coberto de vermes que tinha impulsos de gritar. Lincoln, o Verme. Quem era ele? O detetive meio careca com as duas automáticas?

Outra rajada partiu da arma de Stephen e, que diabos, o detetive mergulhou sob a linha de tiro e continuou avançando.

Qualquer outro policial teria batido em retirada. Stephen recarregou, voltou a disparar. Avançou mais um metro, já estava próximo à porta do quarto.

— Aqui é Bell! — ouviu o policial gritar ao microfone. — Preciso de cobertura.

Bell. Stephen anotou o nome. Então, aquele não era Lincoln, o Verme.

O agente recarregou a arma e continuou atirando. Doze tiros, depois mais 12. Stephen admirou-lhe a técnica. Uma bala cravou-se na parede a um centímetro do rosto de Stephen, que devolveu com tiro igualmente preciso.

Bell adiantou-se, disparando as duas armas ao mesmo tempo. Stephen abaixou a cabeça e jogou uma bomba de ofuscação; quando o artefato detonou, Bell caiu de joelhos, cobrindo o rosto com as mãos.

Stephen já deduzira, pela presença dos dois guardas e pelo desesperado esforço de Bell para detê-lo, que ou a Esposa ou o Amigo estaria naquele quarto. Tinha calculado que, fosse quem fosse, estaria escondido embaixo da cama ou dentro do closet. Mas se enganara.

Quando colocou a cabeça no umbral, viu o vulto que partia em sua direção empunhando uma pesada luminária, soltando um grito cheio de medo ou de raiva. Cinco tiros seguidos, bem colocados, arremessaram o corpo para o lado oposto do quarto.

"Bom trabalho, soldado."

"Passos se aproximando. Não há tempo para finalizar. Evacuar o território."

Correu para a porta dos fundos e pôs a cabeça para fora, chamando os bombeiros aos gritos. Seis deles se aproximaram, cheios de cautela. Ele fez um gesto, apontando para dentro da casa.

— Tubulação de gás rompida! — gritou. — Evacuem todo mundo Agora!

Sumiu no beco, correu até alcançar a rua principal, evitando os carros de bombeiros, as ambulâncias, os carros da polícia. Abalado, sim. Mas satisfeito. Já tinha cumprido dois terços do trabalho.

AMELIA SACHS não sabia como o Dançarino tinha conseguido entrar ali Mas não estava ligando para isso. Queria apenas avistar o alvo durante alguns segundos para enfiar nele meio pente de balas 9mm.

Com a Glock em punho, irrompeu no corredor do segundo andar. Atrás dela, vinham Sellitto, Dellray e um jovem policial uniformizado. Jodie estava agachado no chão, por trás deles.

Cruzaram o corredor, olhando de relance para dentro de cada um dos aposentos, agachando-se abaixo da linha do tórax, para onde uma arma estaria apontando. Sachs entrou no quarto no momento em que dois dos agentes de Haumann entravam pelo rombo aberto na porta traseira.

— Cobertura! — gritou ela, e antes que alguém pudesse detê-la, saltou para dentro do dormitório, com a arma apontada para a

frente.

E imobilizou-se quando viu um cano de revólver apontado para o seu peito.

— Meus Deus! — exclamou baixinho Roland Bell, baixando a arma. Seu cabelo estava desalinhado, e o rosto, sujo. Dois projéteis tinham resvalado em seu colete à prova de balas e dilacerado sua camisa.

E então os olhos de Amelia registraram o espetáculo terrível no meio do aposento.

Havia uma porção de indícios a serem recolhidos na cena do crime, e por este motivo ela sabia que precisava ajudar Percey Clay a pôr-se de pé e afastar-se do amigo assassinado. Mas tudo que conseguiu foi ficar observando o rosto contorcido da mulher, que, agachada, segurava no colo a cabeça ensanguentada de Brit Hale, murmurando:

— Oh, não... não...

O rosto de Sachs era uma máscara impassível, sem lágrimas.

DUZENTOS e trinta metros de distância entre ele e a casa.

Luzes vermelhas e azuis de dúzias de veículos de emergência piscavam, tentando cegá-lo, mas ele estava mirando através do telescópio e não percebia nada que não estivesse enquadrado na retícula. Stephen moveu o instrumento numa lenta varredura da cena. Tinha retirado o Model 40 de seu esconderijo sob a caixa-

d'água do prédio, onde o deixara de manha. A arma estava carregada e engatilhada e ele estava pronto para matar.

Naquele instante, contudo, não era a Esposa que ele estava procurando.

A porta da frente da casa-esconderijo foi aberta, e Jodie saiu, com passos vacilantes. Olhou em redor, apertando os olhos.

"Você..."

Stephen deslocou o visor até enquadrá-lo bem no peito.

"Vamos em frente, soldado, dispare. Ele pode identificá-lo."

"Senhor, estou ajustando o foco e calculando o vento."

"Ele o traiu, soldado. Merece morrer."

"Sim, senhor. Ele já está frio. É um homem morto."

Apertou o gatilho. Devagar... devagar...

Mas a arma não disparou. Quando ele colocou a alça de mira bem na cabeça, os olhos de Jodie, que esquadrihavam os tetos dos edifícios, o avistaram.

Stephen tinha esperado demais. Apertou o gatilho com brusquidão, como um garoto disparando seu rifle calibre 22 num acampamento de verão.

Jodie saltou para o lado, empurrando os policiais que o acompanhavam.

Stephen disparou mais dois tiros, mas Jodie, àquela altura, já tinha sumido de vista.

E o fogo de resposta começou: uma dúzia de armas, depois outra dúzia.

"Por que esperei tanto? Por quê? Podia ter atirado nele e já estaria fugindo."

O som de um helicóptero. Mais sirenes.

"Evacuar, soldado. Evacuar o terreno."

Stephen enfiou o Model 40 no estojo, jogou a mochila sobre os ombros e começou a descer a escada de incêndio, rumo ao beco.

# CAPÍTULO NOVE

**Hora 28, de 45**

**N** ÃO É UMA CENA agradável — avisou Thom.

Através da porta do quarto, Amelia Sachs escutou Rhyme gritar: — Quero essa garrafa, e quero agora!

As palavras foram acompanhadas por uma espécie de rugido de fúria. Sachs sabia que ele só não estava arremessando os móveis contra as paredes porque não podia.

— Talvez prefira esperar um pouco — sugeriu Thom.

Ela abriu a porta.

— Não temos tempo.

Rhyme grunhiu novamente:

— Quero essa garrafa.

Sua aparência era terrível. O cabelo desalinhado, os olhos vermelhos. A garrafa de Macallan estava caída no chão. Aparentemente, ele tentara agarrá-la com os dentes e ela acabara escapulindo.

Ele notou a entrada de Sachs, mas tudo que falou foi:

— Apanhe isso aí.

— Rhyme, temos um trabalho para fazer.

— Apanhe essa garrafa.

Ela apanhou a garrafa e colocou-a de volta na prateleira.

— Já bebeu o bastante.

— Ponha uísque no meu copo. Thom, venha cá.

— Rhyme — cortou Amelia —, temos uns indícios para examinar.

— Indícios! O Dançarino entrou na casa, não foi? A raposa no galinheiro. A raposa no galinheiro.

— Estou com um saco de poeira cheio de vestígios, estou com uma bala. Você devia estar feliz como um garoto na festa de aniversário, com todos os presentes que eu tenho aqui. Pare de ficar se lamentando e vamos trabalhar!

Ele não respondeu. Amelia percebeu que seus olhos injetados estavam olhando para um ponto atrás dela, na soleira da porta. Ela virou-se. Percy Clay estava parada ali.

Imediatamente Rhyme baixou os olhos para o chão e ficou em silêncio.

"Claro", concluiu Sachs. "Ele não vai fazer esse papel ridículo na frente de sua nova paixão."

Percy entrou no quarto e contemplou a aparência desalinhada de Rhyme.

— Lincoln, o que está havendo? — disse Sellitto, que a acompanhava.

— Três mortos, Lon. Ele matou mais três. A raposa no galinheiro.

— Lincoln — disse Sachs em voz baixa —, você está fazendo um papel ridículo.

Logo percebeu que tinha dito a coisa errada. Rhyme voltou para ela um par de olhos alucinados.

— Eu não sou ridículo. Tenho cara de ridículo? Vamos, vocês aí. Eu sou ridículo?! — Finalmente ele conseguiu olhar para Percey. — O que está fazendo aqui? Você devia estar em Long Island.

— Preciso falar com você.

Ele ficou em silêncio, depois retrucou:

— Dê-me um drinque, pelo menos.

Percey serviu uma dose para si e outra para Rhyme. Sachs lançou-lhe um olhar fuzilante.

— Esta, sim, é uma dama de classe — disse Rhyme. — Eu mato o amigo dela, e ela ainda toma um drinque comigo. Você não fez isso, Sachs.

— Você sabe mesmo ser um idiota, Rhyme — disse ela com frieza. — Onde está Mel?

— Mandei-o para casa. Não tinha mais nada a fazer aqui. Vamos despachar esta senhora para Long Island, onde vai estar em segurança. E... poderia me servir outra?

Percey fez menção de servir outra dose, mas Sachs interveio.

— Ele já bebeu o bastante.

— Não lhe dê atenção — protestou Rhyme. — Ela está furiosa comigo. Eu não consigo fazer o que ela quer; ela fica uma fera.

"Oh, obrigada, Rhyme. Vamos lavar nossa roupa suja em público por que não?" Ela virou na direção de Rhyme um par de olhos belos e gelados, mas ele não percebeu: estava olhando para Percey Clay.

— Você fez um trato comigo — disse Percey. — Então, de uma hora para outra, aparecem dois agentes dizendo que vão me levar para Long Island. Pensei que podia confiar em você.

— Se você confiar em mim, vai morrer.

— É um risco — disse Percey. — Você nos avisou de que sempre haveria uma possibilidade de ele entrar na casa.

— Certo. O que você não sabe é que eu adivinhei como ele iria tentar. Eu soube que ele usaria um uniforme de bombeiro. Percebi isso cinco minutos antes que ele entrasse. O problema é que não consegui prevenir ninguém. Não podia apanhar o telefone. Hale morreu por minha causa.

Sachs sentiu pena dele, e era uma sensação amarga. Estava dilacerada pelo sofrimento de Rhyme, mas não tinha idéia de como confortá-lo.

Ele fez um gesto com a cabeça, indicando o computador.

— Ah, eu fiquei esnobe. Fiquei achando que era normal. Correndo para lá e para cá nesta cadeira, achando que era piloto de corridas... Acendendo luzes, trocando CDs... Que idiotice.

— Ela fechou os olhos.

— Um riso agudo soou no aposento, para surpresa de todos. Percey Clay servindo mais uma dose de uísque em seu próprio copo e outra no de Rhyme, disse:

— A única idiotice aqui é a que eu estou ouvindo de você.

— Não comece — disse ele em tom ambíguo, fitando-a.

— Oh, por favor — retrucou Percey, em tom despreocupado. — Não comece o quê? Você está dizendo que alguém foi morto devido a uma falha técnica. Isso dá a você o direito de ter uma crise nervosa? De quebrar suas promessas? — Ela bebeu a dose num só gole e soltou um suspiro exasperado. — Você tem alguma idéia do que eu faço para ganhar a vida?

Rhyme começou a responder, mas ela o cortou bruscamente.

— Pense nisto. Eu sento num tubo de alumínio que viaja pelos ares a uns mil por hora e a nove quilômetros de altura. Do lado de fora a temperatura é de 60°C abaixo de zero e o vento é de 160 km/h. Só estou viva por causa de uma porção de máquinas. — Ela riu novamente. — Qual a diferença entre nós dois?

— Você não entende — disse ele, com desdém. — Você pode andar.

— Andar? Estou a 30 mil pés de altura. Se eu abrir aquela porta, meu sangue todo vai ferver em segundos.

Rhyme tinha encontrado um adversário à altura. "Ele está sem fala", Pensou Sachs.

Percey continuou:

— Sinto muito, detetive, mas não vejo a menor diferença entre nós dois. Ambos somos produtos da ciência do século XX. Somos dependentes dela.

"Vamos lá, Rhyme", torceu Sachs em silêncio. "Devolva-lhe uma daquelas."

O criminalista replicou:

— Sim, mas se eu cometer um erro, outras pessoas morrem.

— Oh, é mesmo? E o que acontece se o meu descongelador falhar? E se um pombo entrar numa turbina durante a aterrissagem? Estou morta. No seu caso, as pessoas têm pelo menos a chance de escapar dos tiros.

Rhyme parecia agora completamente sóbrio. Seus olhos iam de um lado ao outro do quarto, como que em busca de argumentos para contestar Percey.

— Muito bem — disse ela, diminuindo o volume da voz. — Minha sugestão é que você faça alguma coisa para deter esse Dançarino de uma vez por todas, porque eu vou sair daqui direto para o aeroporto, vou terminar de consertar meu avião e depois vou fazer o meu voo, conforme combinamos. Ou vou ter de chamar meu advogado?

Rhyme continuava mudo. Um momento se passou.

Sachs teve um sobressalto quando Rhyme gritou, em sua voz de barítono:

— Thom! Thom! Venha aqui, já!

O ajudante espreitou da porta, cautelosamente.

— Fiz uma verdadeira bagunça aqui — disse Rhyme. — Olhe, derramei meu copo. E meu cabelo está todo despenteado. Pode dar um jeito nisto? Por favor?

— Está brincando, Lincoln? — perguntou Thom.

— E... Lon! Chame Mel Cooper. Ele deve ter levado a sério o que eu falei. Cientistas! Esses caras não têm senso de humor. Precisamos dele aqui.

Sachs sentia impulsos de sair correndo dali. Entrar no carro e queimar borracha nas estradas de Nassau County, a duzentos por hora. Não podia suportar ficar mais um minuto no mesmo aposento que aquela mulher.

— Muito bem, Percey — disse Rhyme. — Leve o detetive Bell com você. Vamos mandar escolta policial. Vá para o aeroporto e faça o que j tem para fazer.

— Obrigada, Lincoln.

Ela agradeceu com um gesto de cabeça e um curto sorriso, apenas o bastante para deixar claro quem tinha sido o vencedor da disputa. Bem... Amelia Sachs já tinha se conformado com o fato de que em alguns esportes estava destinada a ser uma perdedora. Campeã de tiro, policial condecorada, motorista de primeira e uma criminalista acima da média; mas, com tudo isso, seu coração não era blindado. Seu pai tinha percebido isto; ele também fora um romântico. Deviam fazer um colete à prova de bala para a alma, Amie, dizia ele. Seria muito útil.

"Adeus, Rhyme", pensou ela. "Adeus."

E qual foi a resposta dele para esta despedida muda? Apenas um breve olhar e um resmungo mal-humorado.

— Vamos, Sachs, vamos examinar esses indícios. O tempo está passando.

— O QUE encontrou? — perguntou Rhyme.

Sachs tinha encontrado todas as cápsulas deflagradas pela Beretta 0.62mm do Dançarino da Morte. Mas elas tinham sido mergulhadas em detergente, eliminando até mesmo as impressões digitais dos operários da indústria de munições, para que ninguém pudesse seguir as pistas até uma determinada caixa e uma loja específica. E, ao que parecia, ele as tinha colocado na arma segurando-as com os nós dos dedos; um truque antigo.

— Continue — disse Rhyme, depois que Sachs explicou todos esses detalhes.

— As balas da pistola — mostrou ela. Três delas totalmente achatadas, uma em estado razoável.

— Procure impressões — ordenou Rhyme.

— Já procurei — disse ela, com desânimo na voz. — Nada.

Cooper observava um pedaço de algodão enrolado dentro de um saco plástico.

— O que é isto? — perguntou.

— Uma das balas do rifle dele — respondeu Sachs.

— O quê?! — Rhyme piscou os olhos.

Ele disparou algumas vezes de um edifício próximo, tentando matar Jodie. Duas balas atingiram a porta da frente. A outra bateu em algo macio e não explodiu.

— Espere aí — disse Cooper. — É um daqueles projéteis explosivos? — Com infinito cuidado, ele pousou o saco de volta sobre a mesa e deu alguns passos para trás, puxando Sachs consigo.

— Ei, o que há? — perguntou Sachs.

— Balas explosivas são muito instáveis. Isso pode explodir a qualquer instante.

— E por que não explodiu? — perguntou Sachs.

— Porque atingiu areia fofa, certamente. E o próprio Dançarino deve fabricá-las. Talvez o controle de qualidade dele tenha falhado com essa aí.

— Ele mesmo as faz?! — Rhyme olhou para Sachs e, por um momento, a rixa entre os dois se evaporou. Ambos sorriram e exclamaram ao mesmo tempo: — Impressões!

Cooper disse:

— Talvez. Mas como vamos descobrir?

— Vou desmontá-la — disse Sachs.

— Não, Sachs — disse Rhyme. — Vamos chamar o esquadrão anti-bomba.

— Não temos tempo. — Ela se inclinou para examinar a bala. — Vou colocar meu colete por cima dela e trabalho do outro lado. — Ela tirou a blusa, afrouxou as correias de velcro do colete à prova de balas e o colocou sobre a mesa, como uma tenda por cima do saco plástico. — O que preciso fazer?

"Não, Sachs, não", pensou Rhyme.

— Se não me responderem — disse ela —, vou sair mexendo em tudo. — Apanhou uma pequenina serra e ergueu-a ameaçadoramente sobre o saco.

Rhyme suspirou e fez um sinal para Cooper.

— Diga a ela o que é preciso.

— Muito bem. Desembrulhe-a... com cuidado. Aqui, pouse-a em cima desta toalha.

Sachs desenrolou o pedaço de pano até expor uma bala surpreendentemente pequena, branca na extremidade.

— Esse cone da ponta — indicou Cooper — pode atravessar dois coletes como esse e mais uma parede.

— Muito bem — disse Sachs, virando o artefato na direção da parede.

— Sachs — disse Rhyme com voz suave —, use um fórceps. Por favor.

Após uma breve hesitação, ela apanhou o instrumento da mão de Cooper, usando-o para prender com firmeza a base do projétil.

— Como faço para abri-la? — perguntou.

— Tem de retirar o cone — disse Cooper.

O suor descia pelo rosto dela.

— Tudo bem. Com quê? Pinças?

Cooper colocou-lhe na mão direita uma pinça minúscula.

— Tem de pegar o cone e torcer com força — disse ele. — Mas cuidado para não parti-lo.

— Pense em todos os carros em que você já trabalhou, Sachs — disse Rhyme. — Pense naquelas velas de ignição bem velhas, de cerâmica.

Ela assentiu distraidamente e abaixou a cabeça, protegida pelo colete, os olhos apertados de concentração.

"Ai, Sachs", pensou Rhyme. Ouviu um estalido.

Ela imobilizou-se por um instante, depois ergueu o rosto.

— Saiu. Está aberta.

— Está vendo o explosivo? — perguntou Cooper.

Ela examinou o interior da bala.

— Sim.

Ele lhe estendeu uma lata de óleo de máquina.

Derrame um pouquinho disso dentro da cápsula e depois a incline. O explosivo plástico deve sair junto com o líquido.

Ela colocou o óleo e inclinou o objeto. Nada aconteceu.

— Diabos — murmurou ela. Sacudiu a cápsula. Voltou a sacudir, mais forte.

— Sachs! — exclamou Rhyme, com voz rouca.

Uma minúscula fita branca deslizou para fora do invólucro, seguida por alguns grãos de pólvora.

— Ótimo — disse Cooper, após um suspiro profundo e aliviado. — Está seguro agora.

Usando uma sonda minúscula, ele transferiu o plástico para uma lâmina e caminhou até o microscópio com o passo leve dos criminalista em todo o mundo: as costas retas, a mão em concha. Começou a montar a lâmina com o explosivo.

— Use violeta genciana — sugeriu Rhyme. — Para dar um pouco de contraste.

Cooper borrifou um pouco de líquido sobre a prova e instalou a lâmina. A imagem brotou no mesmo instante no monitor de Rhyme.

— É isso aí! Lá está! — gritou Rhyme. — As espirais e as bifurcações eram claramente visíveis. — Você o pegou, Sachs. Belo trabalho.

No entanto, quando Cooper examinou a cópia em papel que Rhyme mandou imprimir, deu um suspiro.

— Não adianta. Nenhum serviço de identificação vai conseguir coisa alguma com isso.

— Todo esse esforço jogado fora — resmungou Rhyme.

De repente, ouviram o riso de Amelia Sachs, que estava examinando os mapas onde controlavam os indícios, CC-1 e CC-2.

— Ponha estas duas juntas... — sugeriu ela. — Temos uma parcial. Cooper olhou para Rhyme.

— Nunca ouvi falar em fazer isto.

Rhyme também não. Um advogado de defesa subiria pelas paredes se soubesse que a polícia estava montando fragmentos de impressões digitais dos suspeitos.

— Muito bem — disse Rhyme. — Vá em frente, Sachs.

Cooper recolheu as amostras de impressões que estavam pregadas no mural e fez fotocópias de todas, até conseguir que ficassem do mesmo tamanho. Em seguida, ele e Sachs começaram a montar umas de encontro às outras, como se fossem enormes peças de um quebra-cabeça. Por algum tempo pareceram crianças — experimentando variantes, discutindo, divertindo-se a valer. Sachs chegou a usar uma caneta para conectar algumas linhas. Por fim, os dois conseguiram montar o equivalente a três quartos da impressão digital de um dedo indicador.

Cooper ergueu a folha no ar para examiná-la melhor.

— Tenho as minhas dúvidas quanto a isto, Lincoln.

Mas Rhyme respondeu:

— Isto é uma obra de arte, Mel. Ficou uma beleza. Mande para o AFIS. Peça busca com prioridade absoluta, em todos os estados.

Cinco minutos depois, a tela do monitor piscou e surgiu uma mensagem:

Sua busca encontrou resposta, com 14 pontos na comparação de identidade. Probabilidade estatística de identificação positiva, 97%.

— Não acredito — murmurou Sachs. — Conseguimos pegá-lo.

— Quem é ele, Mel? — perguntou Rhyme, com voz calma.

— Ele não se chama mais o Dançarino da Morte — disse Cooper, lendo o resto da mensagem. — Seu nome é Stephen Robert Kall. Trinta e seis anos. Último endereço conhecido: 15 anos atrás, numa região rural em Cumberland, West Virgínia. Pegou vinte meses de pena por homicídio quando tinha 15 anos. — Deu uma risada. — Ele não se deu ao trabalho de contar a Jodie que a vítima foi Lou Kall, seu padrasto.

— Hum... Padrasto?

— Não é uma história agradável — disse Cooper, fazendo o texto deslizar na tela. — Parece que havia um longo histórico de brigas domésticas. A mãe do rapaz estava morrendo de câncer, e o marido bateu nela por um motivo qualquer. Ela teve um braço quebrado e morreu alguns meses depois. Stephen ficou convencido de que o padrasto foi o causador da morte dela. Quer saber o que aconteceu depois?

— Vá em frente.

Depois que ela morreu, Stephen e o padrasto saíram para caçar. O garoto o desacordou com uma pancada, tirou todas as suas

roupas e o amarrou ao tronco de uma árvore, numa parte remota da floresta. Deixou-o amarrado ali por alguns dias. Segundo o advogado de defesa, o garoto queria apenas dar um susto no padrasto, mas acabou esquecendo o local onde o tinha deixado. Quando a polícia o encontrou... bem, basta dizer que as feridas estavam bastante infestadas. Vermes. O homem ainda viveu por mais dois dias, mas em estado de delírio.

— Caramba — sussurrou Sachs.

— Quando o encontraram, o garoto estava lá, sentado diante da árvore, olhando. — Cooper leu: — O suspeito se entregou sem resistência. Parecia em estado de desorientação. Repetia sem parar: 'Qualquer coisa pode matar. Qualquer coisa pode matar.'

Lincoln Rhyme só podia concordar com ele.

VOAR É APENAS uma pequena parte na vida do piloto profissional. Ser piloto também envolve uma enormidade de burocracia. O banco traseiro da van que transportava Percey Clay para o Aeroporto Regional de Mamaroneck estava atulhado de mapas e documentos, informações que ela ia estudando enquanto preenchia aos poucos os formulários do plano de voo e dos relatórios técnicos. Ela estava completamente absorta em seu trabalho.

Roland Bell estava ao seu lado, abatido e soturno. O agente bem-humorado e piadista tinha desaparecido. Percey sentia tanta pena dele quanto de si própria: ao que parece, Brit Hale tinha sido a primeira testemunha que Bell havia perdido.

Quando terminou de preencher a última ficha do plano de voo, a van entrou numa transversal e parou no aeroporto. Guardas armados examinaram seus documentos e deixaram-nos passar. Percey notou que as luzes do escritório estavam acesas. Pediu ao motorista para parar e desceu do carro. Bell e os outros guarda-costas caminharam ao seu redor, tensos, em estado de alerta.

Ron Talbot estava sentado à escrivaninha, exausto, o rosto molhado de suor e vermelho a ponto de causar preocupação.

— Ron, você está bem? — perguntou Percey, abraçando-o.

— Brit — disse ele, respirando com dificuldade, abanando a cabeça.

— Ele pegou Brit também. Você não devia estar aqui, Percey. Vá para um lugar seguro.

— O que há com você? — perguntou ela, dando um passo para trás. — Está se sentindo mal?

— Um pouco cansado, só isso.

Ela arrancou-lhe o cigarro dos dedos e o esmagou no cinzeiro.

— Você fez tudo sozinho? No Foxtrot Bravo?

— A maior parte. O cara só entregou as peças uma hora atrás. Comecei a montá-las, mas fiquei muito cansado.

— Dor no peito?

— Não, juro.

— Ron, vá para casa. Eu posso terminar isto. Pode deixar.

Talbot parecia não ter forças para erguer sequer uma chave de fenda, muito menos um pesado combustor. Ela beijou-lhe a testa úmida.

Talbot pôs-se de pé com dificuldade e demorou-se alguns instantes a contemplar o Foxtrot Bravo através da janela. Seu rosto estava cheio de amargura. A mesma expressão que Percey recordava ter visto em seus olhos tímidos quando ele lhe dissera que tinha sido reprovado no exame médico e nunca mais poderia pilotar. Ele caminhou até a porta e se foi.

ELES TINHAM mais um mistério para desvendar. Cooper e Sachs tinham examinado novamente os resíduos colhidos nos pneus dos cartuchos de bombeiros e da polícia que percorreram o local da queda do avião de Ed Carney. Havia uma grande quantidade de sujeira inútil, óleo, pedaços de grama e lixo; tudo que Rhyme já contava encontrar, mas algo mais fora descoberto. Ele não sabia o que poderia significar, mas tinha certeza de que era importante.

Os únicos resíduos de bomba eram pequenos fragmentos de uma Mibuância flexível, de cor bege. Um exame no cromatógrafo revelou a composição química do material: C<sub>5</sub>H<sub>8</sub>.

— Isoprene — deduziu Cooper. — Uma película delgada de borracha, látex. — Ele voltou a examinar uma amostra sob o microscópio. Cola de borracha, também, e... bingo!

— Vamos lá, Mel, não faça suspense — grunhiu Rhyme.

— Vestígios de solda e pequenos pedaços de plástico incrustados na borracha. Isto significa circuitos eletrônicos.

— Partes do detonador? — sugeriu Sachs.

— Não; ele estava intacto. — lembrou Rhyme. — Temos de saber se isto fazia parte da bomba ou do avião. Sachs, quero que vá ao aeroporto. Encontre Percey e peça a ela amostras de qualquer coisa que possa fazer parte de um avião como o que explodiu, e que contenha látex, borracha ou placas de circuitos... E, Mel, mande todos os dados que temos para a Coleção de Referências sobre Explosivos do FBI.

— Quer que eu vá lá falar com ela? — perguntou Sachs. — Com Percey?

— Sim. E não vá provocá-la como tem feito ultimamente. Vamos precisar dela.

Rhyme não entendeu por que motivo ela vestiu o casaco de modo tão brusco e saiu porta afora sem se despedir.

NO AEROPORTO, Sachs estacionou junto ao hangar principal e caminhou até o andaime onde Percey estava trabalhando. Ficou observando enquanto a outra instalava um volumoso cilindro vermelho — provavelmente um extintor de incêndio, ela concluiu — em exatos dez segundos. Mas uma outra peça, com a aparência de uma volumosa tubulação interna de metal, não se encaixava corretamente e Percey arquejava enquanto se esforçava para colocá-la.

Nenhuma das duas falou durante algum tempo.

Finalmente, Sachs quebrou o silêncio.

— Tente um macaco. O encaixe está quase lá. Você só precisa de mais força muscular. A velha técnica de coerção.

Percey examinou com cuidado os suportes no metal.

— Não sei... Você já montou um combustor no Learjet?

— Não. Velas de ignição num Chevrolet Monza V-8. É preciso suspender o motor com um macaco para alcançá-las.

Percey estudou o espaço onde o combustor seria encaixado e disse:

— Precisaria de um macaco pequeno, mas não tenho um.

— Eu tenho. Espere um instante.

Sachs caminhou até o carro e voltou com o instrumento. Subiu até o andaime e o entregou a Percey.

— Tente aqui, na base do combustor. Isto é uma barra de aço em duplo T.

Enquanto Percey posicionava a peça, Sachs ficou admirando o intrincado design do equipamento.

— Quantos cavalos de força tem? — perguntou.

Percey riu.

— Nós o medimos em libras de pressão, não em cavalos. Este aí é um Garrett TFE 731s. Dá 3.500 libras.

— Incrível... — Sachs sorriu e encaixou a alavanca do macaco. Logo estava respirando com dificuldade, esforçando-se para girar a manivela.

Percey forçou o ombro contra o combustor e falou:

— Então você entende de carros... Já pilotou um avião?

— Não, mas posso pensar no assunto. — Sachs deu mais algumas voltas na manivela.

— Está quase — disse Percey.

Com um clangor de metal, o artefato ajustou-se com perfeição nos caixilhos. O rosto achatado de Percey abriu-se num leve sorriso. Ela apertou os parafusos com uma chave e pôs-se a reconectar os fios e outros componentes eletrônicos.

— Obrigada — disse ela. E alguns instantes depois: — Aliás, o que está fazendo aqui?

— Encontramos alguns resíduos que podem ser da bomba, mas Lincoln acha que talvez possam pertencer a alguma parte do avião.

Pedaços de um látex bege, que esteve em contato com circuitos eletrônicos. Parece familiar?

Percey encolheu os ombros.

Há milhares de juntas num Lear como este. As vedações podem conter látex. E circuitos eletrônicos? Milhares, também. — Ela indicou um enorme balcão a certa distância. — As placas eletrônicas são trazidas por encomenda, mas ali adiante você pode encontrar uma porção de placas de vedação. Pode levar o que achar necessário.

Sachs caminhou até o balcão e começou a colocar em sacos plásticos todos os objetos de cor bege e de borracha clara.

Sem olhar para Sachs, Percey comentou:

— Pensei que você estivesse aqui para me prender. Para me arrastar para a cadeia.

"Bem que eu gostaria", ruminou Sachs, mas disse:

— Vim só recolher estas amostras.

— Então, o que está havendo?

— O que quer dizer? — perguntou Sachs.

— Esta... hum... esta tensão. Entre nós. Eu e você.

— Você fez com que um amigo meu quase fosse morto.

Percey abanou a cabeça negativamente e retrucou, com voz tranquila.

— Não, não, é outra coisa. Eu percebi antes mesmo de Jerry levar aquele tiro. Foi desde a primeira vez que a vi, na casa de Lincoln Rhyme.

Sachs não respondeu e ela prosseguiu:

— É por causa dele, não é?

— Quem?

— Você sabe. Lincoln Rhyme.

— Acha que estou com ciúmes? — Sachs deu uma risada.

— Sim, acho. É mais do que uma questão de trabalho, entre nós duas. Acho que você está apaixonada por ele.

— Claro que não estou — disse Sachs. — Que coisa absurda.

Percey lhe dirigiu um olhar eloquente, enquanto enroscava pontas soltas de fios.

— O que quer que você tenha visto em mim com relação a Rhyme — disse —, é apenas respeito pelo talento dele. Mais nada. — Ergueu a mão manchada de graxa e apontou para si própria. — Ora, vamos, Amelia. Olhe para mim. Sou uma mulher baixinha, mandona, feiosa.

Além disso, acabei de perder meu marido. Não estou interessada em ninguém.

— Sinto muito, mas preciso dizer uma coisa. Você não parece estar exatamente de luto fechado.

— Por quê? Porque estou tentando fazer minha empresa continuar funcionando?

— Não. Há mais do que isso — disse Sachs com cautela. — Não é verdade?

Percey examinou o rosto de Sachs.

— Ed e eu éramos incrivelmente ligados um ao outro. Éramos marido e mulher, e sócios na empresa. E, sim, ele estava andando com outra mulher. Isso arrasou comigo. Arrasou com ele também. Ele me amava, mas tinha necessidade de ter casos com mulheres bonitas. Mas, sabe... ele sempre voltava para mim.

Percey fez uma pausa, enquanto lutava para reprimir as lágrimas.

— E você?

— Se eu fui fiel? — Ela deu uma de suas risadas amargas. — Bem, eu não sou propriamente uma dessas garotas que os homens abordam na rua. Mas quando descobri tudo sobre as amantes de Ed, fiquei furiosa. Saí com outros homens. Ron e eu... Ron Talbot... passamos um tempo juntos, alguns meses apenas. Ele me propôs casamento. Mas Ed era o homem que eu queria. Isso nunca mudou. — Os olhos dela ficaram distantes. — Nós nos conhecemos na Marinha, Ed e eu. Éramos pilotos de combate. Quando ele me propôs casamento, queria me dar um anel, mas já estávamos poupando cada centavo para montar nossa própria empresa de táxi aéreo. Uma noite, pegamos um velho Norseman que havia na base e subimos a dois mil metros. De repente, Ed me beijou, assumiu o comando e disse: "Sabe, Perce, acabei arranjando um diamante para você, apesar de tudo."

— E era mesmo? — perguntou Sachs.

Percey sorriu.

— Ele subiu quase verticalmente e puxou o manche para trás. O avião se elevou, com o nariz apontado para cima. Por um instante, antes de começar a perder altura, ficamos olhando diretamente para o céu. Ele se debruçou sobre mim e disse: "Escolha. Todas as estrelas da noite. Você pode ter qualquer uma que quiser." — Percey abaixou a cabeça, enxugou os olhos na manga da blusa e voltou ao trabalho. — Pode crer, você não tem com que se preocupar. Ed era tudo que eu queria.

— Há mais coisas envolvidas nisso do que você pensa — suspirou Sachs. — Você faz Rhyme lembrar-se de alguém. Alguém

que ele amou. Você apareceu de repente e, de um instante para o outro, é como se ele estivesse com ela novamente.

Percey deu de ombros.

— Ele e eu nos entendemos. Mas, e daí? Isso não quer dizer nada. Abra os olhos, Amelia. Rhyme ama você.

Sachs riu.

— Ah, eu não acredito nisso.

Percey voltou-se para encará-la de frente.

— Olhando para Rhyme e olhando para você, eu não daria mais do que 50% de chances. Mas, sabe, eu tive um instrutor de voo há muito tempo. Quando voávamos num bimotor ou num quadrimotor, ele punha em prática um pequeno truque. Muitos instrutores desligam o motor por alguns minutos para ver como você se comporta em tal situação. Mas esse cara nos obrigava a fazer o pouso com um único motor funcionando. Os alunos sempre perguntavam: "Não é arriscado?" E ele respondia: "Deus nunca nos dá certezas. Às vezes a gente tem de arriscar, e pronto."

# CAPÍTULO DEZ

**Hora 32, de 45**

**À**S 5:00H DA TARDE DO DOMINGO, os policiais trouxeram Jodie, que estava na casa-esconderijo, num dos quartos do andar térreo guardado a sete chaves. Ele subiu as escadas da casa de Rhyme com passos relutantes, levando sob o braço um exemplar do livro Dependente Nunca Mais. Rhyme lembrava-se do título, que aparecera na lista de best-sellers do Times durante meses. Com um espírito um tanto pessimista, ele disse consigo mesmo: Dependente Para Sempre.

Um grupo de agentes federais estava voando de Quantico para Cumberland, em West Virgínia, a cidade natal de Stephen Kall, para recolher o máximo de informações a seu respeito. Rhyme disse a Jodie:

— Você nos contou diversas coisas sobre ele, mas precisamos saber mais. Vamos lá, faça um esforço.

Jodie franziu a testa. Rhyme imaginou que ele estivesse pensando no que poderia dizer para demovê-los, mas surpreendeu-se quando o outro falou:

— Bem, para dar um exemplo: ele morre de medo de você.

— De mim? — Rhyme estava atônito. — Ele me conhece?

— Ele sabe que seu nome é Lincoln e que você está a fim de pegá-lo.

— Como ele sabe?

— Não sei — disse Jodie, mas logo completou: — Bem, ele fez algumas chamadas com aquele celular. Ficou escutando durante um tempão.

— Oh, diabos — exclamou Dellray. — Ele grampeou uma linha.

— Claro! — gritou Rhyme. — Provavelmente o escritório da Hudson Air. Foi assim que ficou sabendo do esconderijo.

Virando-se para Jodie, Rhyme prosseguiu:

— O que mais ele sabe a meu respeito?

— Sabe que você é um detetive. Não acho que ele saiba onde você mora, nem qual seja seu sobrenome.

"Então vamos ver, Stephen Kall", cismou Rhyme, tomado por um misto de excitação e orgulho. "Vamos ver se posso lhe dar mais algum motivo para sentir medo."

— Você já nos ajudou antes, Jodie. Preciso que ajude novamente.

— Está louco?

— Cale a boca e escute — disse Dellray secamente. — Certo?

— Não vou fazer mais nada disso — disse Jodie. Sua voz soava quase como um ganido.

— É no seu próprio interesse que você vai nos ajudar — disse Sellitto em tom conciliador.

— É no meu interesse que vou levar um tiro? Pois sim.

— Tudo bem, posso explicar — grunhiu Sellitto. — A esta altura, o Dançarino já sabe que você o entregou. Depois que ele invadiu a casa, poderia ter escapulado de lá rapidamente. Mas, não; ele ficou por perto, só para tentar acertar você. Isso é muito claro: ele não vai descansar enquanto não conseguir.

Dellray complementou:

— Estou certo de que você não acha boa a idéia de tê-lo batendo na sua porta, daqui a uma semana, ou daqui a um ano. Estamos de acordo?

— Portanto — retomou Sellitto —, você deve ter todo interesse em nos ajudar a pegá-lo antes.

— Mas vocês vão me dar... como se diz... proteção para testemunhas?

Sellitto encolheu os ombros.

— Se nos ajudar, sim.

Os olhos de Jodie estavam úmidos. Ele parecia bastante amedrontado. Rhyme perguntou-se como seria viver uma vida tão cheia de pavores como aquela. Uma vida de ratazana.

Há muitas maneiras de morrer.

Sellitto disse:

— Você estava lá quando ele matou um dos nossos agentes. Aquele SUjeito podia estar vivo agora. Você pode nos ajudar a pegar o assassino.

Jodie estava folheando distraidamente o seu livro, com um polegar encardido. Por fim, ergueu os olhos e disse, com uma firmeza surpreendente:

— Quando eu o levei para o lugar onde durmo, houve um momento em que pensei que podia empurrá-lo para cair num bueiro. Sei também onde ficam aquelas pilhas de espigões de ferro dos dormentes do metrô; eu pensei em acertá-lo na cabeça por trás com um deles. Pensei nisso pra valer, juro. Mas fiquei com medo. — Ele ergueu o livro, mostrando uma página. — "Capítulo três: Enfrentando os Seus Demônios." Nunca tive coragem de fazer nada disso.

— Muito bem — disse Sellitto. — Esta é sua chance.

Jodie folheou as páginas amarfanhadas, suspirando.

— O que eu tenho de fazer?

— Vamos chegar lá — disse Rhyme. — Thom! Thom! Venha aqui.

O rosto exasperado do ajudante surgiu no umbral.

— Sim?...

— Estou me sentindo vaidoso — anunciou Rhyme. — Preciso de um espelho.

— O quê? Um espelho?

— Um bem grande. E, por favor, penteie o meu cabelo.

A VAN da US Medical and Healthcare entrou na pista asfaltada. Os dois enfermeiros vestidos de branco que conduziam um quarto de milhão de dólares em órgãos humanos não deram sinal de preocupação com a presença dos soldados armados de metralhadora que montavam guarda no aeroporto. Só reagiram quando King, o pastor alemão usado pelos policiais, foi trazido para farejar a carga que traziam.

— Hum, cuidado com esse cão — disse o homem. — Um fígado é sempre um fígado, e um coração é um coração.

Mas King se comportou como um profissional impecável.

Percey já fizera a revisão externa da aeronave, acompanhada de Brad Torgeson, o co-piloto free-lance que tinham contratado para o voo. Foi o exame visual de rotina mais minucioso na história da aviação, com os dois sendo auxiliados por Roland Bell, três policiais e o pastor alemão.

King prosseguiu com seu exame olfativo dentro do avião. Rhyme e Sachs não haviam encontrado nenhuma amostra que coincidissem com o pedaço de látex descoberto no local da queda da outra aeronave, e tinham concluído que o material devia ter sido utilizado para lacrar o explosivo de modo que um cachorro não pudesse farejá-lo. Assim, Percey e Brad esperaram do lado de fora, enquanto agentes da polícia técnica varriam o avião inteiro com microfones ultra-sensíveis, tentando localizar o possível relógio de um detonador.

Tudo limpo. Enquanto isto, Dellray tinha conseguido junto às autoridades aéreas que o plano de voo fosse mantido em segredo e

sob esquema de segurança. A pista do aeroporto de partida e as de todas as escalas estariam sendo vigiadas por policiais uniformizados.

Agora, com os motores funcionando, o co-piloto Brad sentado na cadeira da direita e Roland Bell remexendo-se inquieto na cadeira por trás deles, Percey Clay falou para a torre:

— Lear Nono Quinto Foxtrot Bravo pronto para taxiar.

— Positivo, Nono Quinto Foxtrot Bravo. Licença para taxiar. Apenas um toque nos comandos de alta precisão e o ágil aeroplano começou a girar na direção da pista. Percey empurrou as alavancas mais para perto da parede corta-fogo e o Learjet acelerou até a posição de espera, onde o assassino tinha colocado a bomba no avião de Ed. Pela janela, viu dois policiais montando guarda.

— Lear Nono Quinto Foxtrot Bravo — chamou o controle de terra. — Seguir para a pista número cinco à esquerda e aguardar.

Quando chegou a autorização para decolagem, ela conduziu o Learjet para a pista, apontou o nariz da aeronave direto para a pista e empurrou os comandos para frente. O avião começou a rodar cada vez mais depressa sobre a faixa de concreto.

— Oitenta nós — anunciou Brad. — Checando.

— Checado — confirmou ela, depois de uma rápida consulta ao velocímetro.

— V 1 — disse Brad. — Rotação.

Retirando a mão direita da alavanca de comando e empunhando o manche, Percey o trouxe para trás, fazendo o nariz do Lear apontar para cima. Ouviu o agradável rangido dos

turboventiladores às suas costas. Dentro daquela delgada agulha de prata, ela se sentia voando direto para o coração dos céus, deixando para trás tudo que era incômodo, pesado, doloroso.

Estavam ganhando mais e mais altitude, quando ela ouviu atrás de M uma exclamação assustada de Roland Bell.

— Está se divertindo, agente? — Percey perguntou.

— Apenas curioso — disse ele, olhando com nervosismo para a larga janela arredondada. — Sabe... daqui você pode olhar verticalmente para baixo. Por que fazem as coisas deste jeito?

Percey deu uma risada.

— Nos aviões comerciais eles fazem de tudo para você esquecer que está voando. Onde está a graça? Que sentido tem?

— Eu posso dar uma ou duas sugestões — disse ele, mascarando seu chiclete com determinação e fechando a cortina ao lado.

A altitude de seis mil pés eles finalmente emergiram do colchão de nuvens para contemplar de frente um dos crepúsculos mais magníficos que Percey já presenciara. Ela e Brad deram início aos procedimentos rotineiros de ativamente do piloto automático, que se encarregaria de levá-los a Chicago numa trajetória retilínea como a flecha de um samurai.

Bell deu uma risada contida e comentou:

— Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Esta é a primeira vez que estou vendo você mais ou menos descontraída, desde que a conheci.

— É o único lugar onde me sinto em casa.

— Estamos a 300km/h e a 1,5km de altitude, e você se sente segura?

— Não. Agora estamos a 600km/h e a seis quilômetros de altitude.

— Eh... Obrigado pela informação.

VERMES...

Coberto de suor, Stephen Kall estava num banheiro imundo de um restaurante de comida cubana e chinesa. Lavando as mãos para salvar a alma. Até as cutículas começarem a sangrar.

"Soldado, este sangue pode servir de indício. Não pode deixá-lo aqui..."

"Senhor, estou ocupado. Suma daqui!"

"Esfregar, esfregar, esfregar. Lincoln, o Verme, está à minha procura. Onde Lincoln, o Verme, olha, vermes começam a brotar."

"Soldado, você não pode..."

"Vá embora!"

Stephen enxugou as mãos, agarrou o estojo da guitarra e a mochila e retornou para o interior do restaurante. Os fregueses,

alarmados, olharam suas mãos manchadas de sangue, sua expressão transtornada.

— Vermes — murmurou ele, como que se explicando. — Vermes rastejando.

Abriu caminho até a rua e desceu-a em passos apressados, pensando no que tinha a fazer em seguida. Tinha de matar Jodie, claro. "Tenho de matá-lo, tenho de matá-lo, tenho de..."

"Por quê, soldado?"

E tinha de matar Lincoln, o Verme, porque os vermes iriam tomar conta dele se não o fizesse. "Tenho de matá-lo, tenho de..."

"Está me escutando, soldado? Está me escutando?"

Era tudo que precisava fazer. Lincoln: morto. Jodie: morto.

"Tenho de matá-lo, tenho de..." E depois não haveria mais nada para mantê-lo ali.

Quanto à Esposa... ele olhou o relógio. Passava um pouco das 7:00h da noite. Bem, a esta hora provavelmente já estaria morta.

DELLRAY ENFIOU Jodie num colete à prova de balas e entregou-lhe um casaco para vestir por cima. O colete consistia numa camada espessa de kevlar por cima de uma malha de aço. Pesava 42kg. Rhyme não conhecia um único policial em toda a cidade que usasse proteção como aquela. Com ele, Jodie ganhava uma silhueta musculosa.

— Mas e se ele atirar na minha cabeça? — Jodie perguntou.

— Ele está mais preocupado em pegar a mim do que a você — disse Rhyme.

— E como vai ficar sabendo que estou aqui?

— O que você acha, debilóide? — cortou Dellray. — Vou dizer a ele.

— Tudo pronto — anunciou Sellitto. — Levem-no.

Dois agentes secretos saíram ladeando Jodie. Dellray suspirou. Pelo celular, ele enviou uma mensagem previamente preparada para a Hudson Air, cuja linha o Dançarino grampeará.

SENTADO NUM carro roubado, a certa distância da estação do metrô onde Jodie se abrigara, Stephen Kall observou a chegada de uma viatura oficial. Jodie e dois policiais desceram, olhando para os tetos das casas. Jodie entrou apressadamente e cinco minutos depois estava de volta, com dois pacotes embaixo do braço. De acordo com o que Stephen ouvira pelo grampo, Lincoln tinha concordado em deixar que Jodie voltasse para pegar objetos pessoais, em troca de mais informações sobre o criminoso.

Stephen não viu nenhum automóvel cobrindo a retaguarda do outro. Isso confirmava o que ouvira no grampo. Ligou o motor e seguiu o carro, pensando que não existia lugar melhor do que Manhattan para andar atrás de alguém sem ser percebido. O veículo dos policiais ia depressa, mas ele conseguiu manter a distância entre os dois. O carro diminuiu a manha quando alcançaram Central Park West e passou diante de uma casa a altura da rua 70: dois homens

postados diante da casa, evidentemente policiais disfarçados, trocaram um breve sinal com o motorista.

"Então é isto. A casa de Lincoln, o Verme."

O carro continuou na direção norte. Stephen o seguiu, mas de repente estacionou e saiu, desaparecendo por entre as árvores do parque — com seu estojo de guitarra em punho. Movia-se silenciosamente.

"Como uma corça, soldado."

"Sim, senhor."

Ele ocultou-se por trás de um arbusto e encontrou abrigo adequado sob um pé de lilases. Abriu o estojo. O veículo que trazia Jodie tinha feito o retorno e estava agora parando diante da casa. Dois policiais saíram, escoltando calçada afora um Jodie bastante amedrontado. Stephen removeu a tampa do telescópio e começou a preparar a arma.

De repente, um carro negro cruzou a rua; Jodie assustou-se e deu um salto correndo para o beco. Seus guarda-costas deram meia-volta, com as mãos procurando as armas, de olho no automóvel negro. Então viram as quatro garotas de aparência latina dentro dele e riram. Um deles chamou Jodie em voz alta.

Mas Stephen não estava interessado em Jodie naquele momento. Sabia que não podia abater Jodie e o Verme num só ataque, e era Lincoln que ele pretendia matar. Era algo palpável, uma fome, uma necessidade física.

Atirar no rosto atrás da vidraça, matar o verme.

"Preciso, preciso, preciso..."

Olhava através do telescópio, esquadrinhando as janelas da casa. E lá estava ele — Lincoln, o Verme.

Por alguma razão, Stephen não ficou surpreso ao ver que o Verme era um tetraplégico. Na verdade, foi só por este detalhe que ele soube que o homem de rosto bonito na moderna cadeira de rodas era Lincoln. Porque Stephen acreditava que seria preciso um homem extraordinário para apanhá-lo. Alguém cuja essência fosse apenas mental. Os vermes podiam percorrer o corpo inteiro de Lincoln e ele nem sequer os sentiria.

As balas explosivas estavam no pente. Ele engatilhou uma delas. Lincoln dirigia-se a alguém que ele não conseguia avistar. O aposento parecia ser um laboratório. Ele viu mesas com equipamentos e a tela de um computador.

Stephen colocou a correia da arma em volta do corpo e colou o rosto à coronha. Alinhou cuidadosamente a alça de mira com a orelha de Lincoln, o Verme, enquanto este olhava para a tela do computador. A pressão do dedo sobre o gatilho foi se acentuando. Um pouco mais... mais...

Então Stephen avistou algo. Muito leve — apenas uma certa irregularidade na manga da camisa de Lincoln. Não era uma prega do tecido. Era uma distorção.

Aplicou mais resolução ao telescópio e observou a tela do computador. As letras estavam às avessas.

Um espelho!

Ele estava mirando num espelho. Era outra armadilha.

Stephen cerrou os olhos, sentindo o retorno do medo, da sensação de estar coberto de vermes. Olhou em redor. Sabia que devia haver em torno dele uma dúzia de agentes de busca e vigilância, com microfones ultrapotentes, esperando apenas o som do tiro para localizá-lo instantaneamente e abatê-lo com fogo cruzado.

Em silêncio absoluto, ele recolocou a arma no estojo.

"Soldado..."

"Senhor, vá embora, senhor."

"Soldado, o que você está..."

"Senhor, dane-se, senhor! Vá para o inferno."

Stephen deslizou por entre as árvores e caminhou com naturalidade tio redor do gramado. De repente, afastou-se da alameda por onde vinha seguindo e fez uma pausa junto aos arbustos, olhando em volta. Eles temeram tanto que ele estranhasse um parque subitamente deserto que não tinham fechado as entradas.

Este foi o seu erro.

Stephen viu um grupo de homens mais ou menos da sua idade vestindo agasalhos e conduzindo estojos com raquetes, falando em voz alta enquanto caminhavam. Seus cabelos estavam úmidos após um banho de chuveiro. Juntou-se a eles, sorrindo para o mais próximo. Balançando descontraidamente o estojo da guitarra, ele

acompanhou o grupo ao longo do túnel que levava ao Upper East Side.

O CREPÚSCULO já os cercava. À frente, Percey podia ver o clarão distante que era Chicago.

O centro de controle, em Chicago, autorizou sua descida para 12 mil pés.

— Iniciando descida — avisou ela. — ATIS.

Brad conectou seu rádio ao ATIS, o sistema de informação automática do aeroporto, e ajustou o altímetro. Percey falou ao microfone:

— Chicago, aqui é o Lear Nono Quinto Foxtrot Bravo. Autorizado para 12 mil pés. Direção dois-oito-zero.

— Boa noite, Foxtrot Bravo. Desça e mantenha um-zero-mil pés. Vetores esperados a 27, direita.

Percey recusou-se a olhar para baixo. Em algum lugar abaixo e à frente estava o túmulo do seu marido e de seu avião.

Talvez tivesse sido justamente dali que ele lhe telefonara.

FOI EMBORA — disse Dellray. — Mas estava aí fora, eles têm certeza. Rhyme fechou os olhos com desagrado.

— Não posso acreditar — disse.

Olhou para o enorme espelho que tinha mandado instalar diante da janela e fez uma careta, sentindo um amargo desapontamento por mais um truque que não funcionara.

— Onde está Jodie? — perguntou.

Dellray deu uma risadinha.

— Escondido no beco. Viu um carro qualquer passando e apavorou-se. Vai voltar quando estiver com frio.

— Ou para pegar a grana — disse Sachs, indo até a janela.

— Não vá — Rhyme advertiu-a. — Ainda não temos certeza de que ele foi embora.

Sellitto fechou as cortinas, mantendo-se afastado da janela. Foi nesse instante que o telefone tocou junto a Cooper, que atendeu, escutando em silêncio.

— Lincoln — falou ele por fim —, é o pessoal do Departamento de Bombas. Eles checaram a coleção de referências sobre explosivos. Nada conduz àquele tipo de borracha, mas ela tem semelhança com um material utilizado em detonadores de altitude. Um balão de látex cheio de ar se expande quando o avião sobe, por causa da pressão menor lá no alto. Com isso, ele aperta um botão na parte lateral da bomba e ela explode.

— Mas esta bomba foi detonada por um contador de tempo.

— Bem, ele só está comentando a respeito do látex.

Rhyme olhou para o saco plástico onde estava guardado o contador. Por que permanecera em tão bom estado? Colocá-lo por

trás da lingueta de aço tinha parecido a princípio um descuido do Dançarino. Agora, Rhyme não estava tão seguro.

Ouviu a voz de Sachs.

— Diga a ele que o avião explodiu quando estava descendo — disse ela

Cooper transmitiu o recado, escutou a resposta e depois voltou-se para Sachs:

— Ele falou que pode ser uma variação da mesma idéia. Quando o avião sobe, o balão infla, e liga um botão que arma a bomba. Quando o avião desce, o balão murcha, o circuito é fechado e a bomba explode.

Rhyme sussurrou:

— O contador de tempo é uma pista falsa. Ele teve todo o cuidado para que não fosse destruído, para que pensássemos que era uma bomba de tempo. — Virou-se. — A que altura estava o avião de Carney quando explodiu?

Sellitto correu até o relatório do Departamento de Segurança dos transportes.

— Cinco mil pés.

— Então a bomba foi armada na subida, quando eles atingiram essa altitude, e detonou quando desceram abaixo disto, ao se aproximar de Chicago.

— Mas... — disse Cooper. — Para que todo esse trabalho para nos fazer pensar que era um tipo de bomba, e não outro?

Sachs e Rhyme intuíram a resposta quase no mesmo instante.

— Oh, não! — exclamou ela. — O esquadrão estava procurando uma bomba de tempo hoje à noite. Tentando escutar um contador. Percey e Bell estão agora com uma bomba de altitude no avião.

VELOCIDADE de descida: 1.200 pés por minuto — anunciou Brad. Percey puxou para trás, muito de leve, a alavanca de controle, diminuindo a velocidade. O avião atingiu os 5.500 pés.

Ela escutou um chiado. Era o telefone celular de Bell.

— Cinco mil e trezentos — anunciou Brad.

Um instante depois soou um grito na cabine.

— Subam!

Bell estava agachado ao lado de Percey, com o aparelho na mão.

— O quê?

Há uma bomba no avião. Bomba de altitude. Vai detonar quando descermos a 5.000 pés. Subam! Mais! Já!

Percey anunciou:

— Acelerar, 98%.

Brad empurrou os controles para a frente, enquanto Percey iniciava uma rotação ascendente de dez graus com o Lear, fazendo Bell esparramar-se no chão, no outro extremo da cabine.

Brad ia contando:

— Cinco mil e duzentos... 5.400... 6.000 pés.

Percey Clay jamais declarara uma emergência em todos os seus anos de pilotagem, mas anunciou:

— Mayday, mayday, Lear Nono Quinto Foxtrot Bravo.

— Na escuta, Foxtrot Bravo.

— Atenção, Chicago, temos informação de bomba a bordo. Precisamos de liberação imediata para um-zero-mil pés e indicação de rota para circular sobre área não habitada.

— Positivo, Nono Quinto Foxtrot Bravo — disse o controlador de tráfego, sem se alterar. — Mantenha a presente rota de dois-quatro-zero. Liberado para um-zero-mil pés. Estamos em contato com todas as aeronaves nessa área.

Brad lançou um olhar preocupado para Percey, enquanto ligava o sinal automático de alerta pelo radar, indicando que Foxtrot Bravo estava com problemas.

O celular de Bell chamou novamente. Ele escutou, deu um suspiro e perguntou a Percey:

— A distribuidora Northeast Aircraft entregou hoje um extintor de incêndio?

— É lá que a porcaria está? — perguntou ela, com amargura.

— Parece que sim. O caminhão que fez essa entrega teve um pneu furado logo após apanhar a carga no armazém. O motorista levou uns vinte minutos para trocá-lo.

Percey olhou involuntariamente para o outro extremo da cabine.

— E eu mesma a instalei — falou.

Um instante depois, uma chamada soou no rádio. Era Lincoln Rhyme.

— Percey, está me ouvindo?

— Alto e claro. Esse sujeito nos aprontou uma boa, hein?

— É, parece. Quanto lhe resta de combustível?

— Uma hora e 45 minutos. Aproximadamente.

— Está bem, então vamos ver. Não pode desparafusar o tubo do extintor? Deixá-lo cair?

— Daqui de dentro, não.

— Tem alguma opção para reabastecer sem pousar?

— Reabastecer? Com este avião aqui, não.

— Pode voar alto o bastante para tentar congelar o mecanismo da bomba?

Ela espantou-se com a velocidade de raciocínio daquele homem.

— Talvez — respondeu. — Mas mesmo que desçamos depois em linha reta, não acho que ele continue congelado... Além disso, a manobra provavelmente nos faria em pedaços.

Rhyme ficou em silêncio. Brad engolia em seco e limpava as mãos nas calças de vinco impecável. Roland Bell fazia o corpo oscilar

para frente e para trás. "Não vai haver saída", refletiu Percey, enquanto contemplava o azul carregado do céu.

— Lincoln, você está aí? — perguntou.

Ouviu a voz dele em seguida. Ele estava chamando alguém, e dizia em sua voz impaciente:

— Não, não é esse mapa. Você sabe muito bem qual é.

Silêncio. "Ai, Ed", exasperou-se Percey. "Nossas vidas sempre seguiram caminhos parecidos. Talvez nossas mortes sejam parecidas também."

Então ela ouviu Rhyme perguntar:

— Com o combustível que tem, até que distância pode alcançar?

Ela olhou para Brad, enquanto ele digitava os números.

— Se mantivermos uma certa altitude, digamos que 800 milhas.

— Tive uma idéia — disse Rhyme. — Dá para chegarem a Denver?

— A ALTITUDE do aeroporto é de 5.180 pés — disse Brad, apontando para o Guia Aéreo do Aeroporto Internacional de Denver. — É mais ou menos o que atingimos em Chicago, e ela não explodiu.

— A que distância?

— Deste ponto agora, nove-zero-dois milhas.

Percey precisou de apenas uns segundos para tomar a decisão. Vamos tentar. — E, para o rádio: — Temos o combustível exato, Lincoln. Preciso checar uma porção de coisas; já ligo de volta.

Brad verificou o mapa.

— Virando à esquerda, direção dois-meia-meia.

— Dois-meia-meia — repetiu ela, e em seguida chamou o tráfego aéreo. — Atento, Chicago, aqui é Nono Quinto Foxtrot Bravo. Talvez tenhamos uma bomba de altitude a bordo. Favor requerer auxílio de navegação VOR para Denver.

— Positivo, Foxtrot Bravo. Daqui a um minuto.

Brad pediu:

— Por favor, Chicago, informe como está o tempo nessa direção.

— Uma frente de alta pressão passando por Denver. Ventos de proa: de 15 nós a dez mil pés até 70 nós a 25 mil.

— Ihh... — Brad voltou a fazer seus cálculos e, depois de um momento, avisou: — O combustível vai acabar a 55 milhas de Denver.

O controlador aéreo perguntou:

— Foxtrot Bravo, pronto para copiar as frequências VOR para Denver?

Enquanto Brad copiava as informações, Percey pensava no discurso inflamado que fizera para Rhyme naquele dia. Ela não tinha percebido o quanto suas palavras eram verdadeiras, o quanto ela e

Rhyme eram dependentes daqueles frágeis pedaços de metal e plástico. Talvez estivesse prestes a morrer por causa deles.

— Cinquenta e cinco milhas a menos. O que poderiam fazer?

Por que ela não tinha uma mente como a de Rhyme, capaz de açambarcar tudo? Não haveria alguma maneira de poupar combustível? Voar a maior altitude, talvez. Voar com menos carregamento, também. Jogar fora do avião a carga da US Medical tornaria a aeronave mais leve, mas ela jamais seria capaz de fazê-lo.

— Brad — disse ela de repente —, qual é a nossa taxa de voo planado?

— Em um Lear 35A. Não faço a menor idéia.

O Lear pesava cerca de sete toneladas. Mesmo assim, qualquer aeronave era capaz de planar.

— Bem, vamos pensar — disse ela. — Qual seria a taxa de descida, em voo livre?

— Acho que podemos mantê-la em torno de 2.300 pés. Uma descida vertical de cerca de 45km por hora.

— Agora calcule: se gastarmos combustível para subir até 55 mil pés, quando vamos ficar sem ele?

— Cinquenta e cinco mil? — perguntou Brad, surpreso, enquanto digitava os números. — Já gastamos um bocado aqui, mas depois de 35 mil a eficiência aumenta... Se ficarmos com um motor, vamos gastar até ficar a 83 milhas de distância, mas aí teremos ganhado em altitude.

Percey Clay, que podia fazer cálculos precisos sem a ajuda de uma calculadora, viu os números passando velozmente em sua mente. Fim do combustível e motores parados a 55 mil pés, taxa de voo planado 42.300... Eles poderiam cobrir um pouco mais de oitenta milhas antes de pousar, talvez até mais, se os ventos de proa fossem mais brandos.

Brad chegou à mesma conclusão:

— Vai ser a conta certa.

— Deus nunca nos dá certezas.

— Atento, Chicago — chamou ela. — Lear Foxtrot Bravo requerendo autorização para 55 mil pés.

Às vezes a gente tem de arriscar, e pronto.

O controlador aéreo respondeu:

— Foxtrot Bravo, vocês são um Lear 35. O teto operacional máximo de 45 mil pés.

— Positivo, mas precisamos ir além disso.

— A vedação foi checada recentemente?

Os lacres contra pressão. As portas e janelas. Tudo que evita que uma aeronave se despedace em pleno ar.

— Sim, está tudo bem — respondeu Percey, omitindo a informação e que o avião fora todo furado a tiros na véspera e remendado às pressas naquela mesma tarde.

— Positivo. Autorizado para cinco-cinco-mil pés, Foxtrot Bravo.

E Percey deu a ordem que poucos pilotos de Learjets já pronunciaram, se é que algum o fez:

— Positivo. Estamos subindo de dez para 55 mil.

Ela fez a aeronave derivar devagar numa curva ascendente, que ameaçou a levá-los mais e mais alto.

Todas as estrelas da noite.

Dez minutos depois, Percey desligou o segundo motor e sentiu uma pequena oscilação lateral quando o empuxo do seu lado esquerdo cessou. Ajustou o leme para compensar a diferença e ergueu-se do assento.

— Vou fazer um café. Ei, Roland, como é mesmo que você toma o seu? Açúcar ou adoçante?

DURANTE quarenta insuportáveis minutos o silêncio reinou na casa de Rhyme. O telefone não tocou sequer uma vez. Nenhum fax foi recebido. Não se ouviu nem uma vez a voz do computador anunciando: "Um e-mail acaba de chegar."

Por fim, o celular de Sellitto soou.

— Sim?...

Rhyme ficou observando o rosto flácido e estóico do policial. Sellito fechou o aparelho com um estalido.

— Era Roland Bell — disse ele. — Acaba de anunciar que ficaram sem combustível.

TRÊS ALARMES diferentes soaram ao mesmo tempo. Combustível baixo. Queda na pressão do óleo. Queda na temperatura do motor.

Com um ruído áspero, o motor número um tossiu por algum tempo e depois ficou em silêncio total. A cabine de comando estava completamente às escuras.

— Esqueci — disse Percey. — Precisamos de eletricidade. Abaixei a RAT. Brad estendeu a mão para os controles e fez descer a RAT, a turbina movida a ar instalada na parte de baixo do avião. O ar que passava através dela fazia girar o mecanismo do gerador, que fornecia energia para que o painel e as luzes funcionassem normalmente. Mas essa energia não chegava aos freios, nem aos controles de navegação.

As luzes se reacenderam logo a seguir. Percey estava fitando o indicador de velocidade vertical, que acusava uma descida de 3.500 pés por minuto. Estavam indo para o solo a uma velocidade próxima de 80km/h.

"Por quê?", perguntou-se ela. Por que um resultado tão diverso do que tinham calculado?

Por causa da atmosfera mais rarefeita ali no alto! Ela tinha calculado a velocidade de mergulho baseando-se numa atmosfera mais densa.

Agarrou os controles e puxou-os para trás, para retardar a descida. A velocidade caiu para 2.100 pés por minuto, mas a velocidade do ar caiu proporcionalmente e a luz dos controles

esmaeceu. Numa situação como aquela, se a energia sumisse não teriam como recuperá-la.

Percey empurrou os controles para a frente. Voltaram a descer mais rapidamente, mas a velocidade do ar aumentou. Ela prosseguiu neste jogo ao longo de quase 100km. Os controladores do tráfego aéreo avisavam onde os ventos de proa eram mais fortes e ela tentava encontrar a melhor combinação entre altitude e rota. Por fim, com os músculos doloridos, ela falou:

— Ligue para eles, Brad.

— Atento, Denver, aqui é Lear Sexto Nono Quinto Foxtrot Bravo, fazendo contato a um-seis-mil pés, a 19 milhas da aterrissagem.

— Estamos ouvindo, Foxtrot Bravo. Mantenha aproximação, rota dois-cinco-zero. Pelo que entendo estão sem combustível, correto?

— Somos o maior planador que vocês já viram, Denver.

— Positivo. Querem bombeiros?

— Tudo a que tivermos direito. Achamos que estamos com uma bomba a bordo.

— Denver — perguntou Percey —, qual é o altímetro?

— Bem... Temos três-zero-ponto-nove-seis, Foxtrot Bravo.

— Está aumentando?

— Afirmativo, Foxtrot Bravo. Frente de alta pressão se aproximando. oh, não. Aquilo iria aumentar a pressão interna do ar

da cabine, fazendo murchar o balão, como se estivessem a uma altitude mais baixa do que de fato estavam.

Brad digitou alguns números na calculadora e olhou para ela.

— A bomba pode explodir a vinte metros do solo.

— Ok. — Percey respirou fundo. Com que margem de exatidão o Dançarino, nino teria trabalhado, na hora de montar o detonador da bomba? Ela virou-se para Roland Bell. — Roland... só uma coisa. Quando pararmos, corra para longe do avião, o mais depressa que puder.

A 16km da pista — anunciou Brad. — Velocidade: 200 nós. Altitude: novo mil pés. Precisamos diminuir a velocidade.

Percey puxou a alavanca apenas um pouquinho e a velocidade caiu de forma acentuada. O vibrador do manche começou a trepidar. Se estivessem energia naquele momento, seria a morte. Ela empurrou a alavanca para a frente. Quatorze quilômetros... Doze... Sentia as bolhas d'água que tinham-se formado entre o polegar e o indicador. Onze... nove...

— Oito quilômetros para a aterrissagem. Velocidade do ar, 210 nós.

— Diminuir — ordenou Percey.

Brad girou a roda que reduzia manualmente a rotação, arquejando devido ao esforço.

— Diminuindo.

A velocidade do ar caiu para 180 nós. Ainda muito rápido. Sem poder usar o reverso, cruzariam num piscar de olhos toda a extensão da pista por mais longa que fosse.

Alavanca para trás. Nova ameaça de queda de energia. Alavanca para frente.

— Quatro quilômetros, altitude 1.900 pés.

Com mãos molhadas de suor e inclinando-se para a frente, Percey olhou por cima do nariz prateado do avião. Via as luzes do aeroporto piscando, os pontos azuis indicando a pista de taxiagem, os pontos vermelho-alaranjados margeando a pista de pouso. Tocariam o solo dentro de mais trinta segundos, mas a velocidade ainda era muito alta. Sem reversos, mesmo uma pista de três quilômetros logo chegaria ao fim.

Por isso, Percey provocou um resvalamento lateral.

Uma derrapagem desse tipo é uma manobra simples, desde que se esteja numa aeronave pequena. Basta girar a direção para a esquerda e pisar o pedal do leme direito. Percey não sabia se alguém já tinha feito aquilo num jato de sete toneladas.

— Vou precisar de sua ajuda aqui — disse ela a Brad, respirando forte devido à dor em suas mãos esfoladas. Ele agarrou a alavanca e calcou também o pé no pedal. Isso reduziu a velocidade do avião, embora a asa esquerda se inclinasse perigosamente.

— Velocidade? — perguntou ela.

— Cento e cinquenta nós. Taxa de descida, 2.600.

Ainda muito rápido. Lá estavam as luzes do aeroporto piscando bem diante deles — chamando-os para baixo, para baixo, para baixo. No momento em que se precipitavam rumo aos trilhos paralelos das luzes, Percey gritou:

— Meu avião!

Brad soltou a alavanca. Percey endireitou o avião no meio da derrapagem e conseguiu fazer seu nariz apontar para cima. O avião reagiu valentemente e elevou-se no ar a alguns metros da cabeceira da pista, reduzindo a inclinação abrupta da descida.

Percey empurrou para a frente a alavanca. O aeroplano mergulhou e ela voltou a puxar a alavanca para trás. O pássaro de prata estremeceu todo quando as rodas bateram e começaram a deslizar de encontro ao concreto.

— Freio total.

Ela e Brad pisaram o mais forte que puderam nos pedais. A cabine se encheu de fumaça. Ainda estavam a uma velocidade de 160km/h.

"Grama", pensou Percey. "Vou dar uma guinada, se for preciso, Destruo a parte de baixo do avião, mas salvo a carga." Cento e dez quilômetros por hora... Noventa e cinco...

— Alarme de fogo na roda direita — anunciou Brad. — Alarme de fogo na roda da frente!

"Dane-se", pensou ela, e continuou pisando com toda força.

O Lear começou a deslizar e a vibrar. Ela compensou a derrapagem liberando a roda do nariz do avião. Mais fumaça.

Noventa quilômetros por hora, oitenta, sessenta...

— A porta! — gritou ela para Roland Bell.

Num átimo, o detetive empurrou a porta para fora, que se desdobrou numa escada. Carros de bombeiros convergiam na direção da aeronave. Com um derradeiro gemido, o Lear N695FB imobilizou-se a apenas três metros do final da pista.

A primeira voz a se ouvir dentro da cabine foi a de Bell.

— Agorara, Percey. Saia!

Bell ajudou tanto ela quanto Brad a saltarem. Depois pulou também para o chão de concreto e os três afastaram-se correndo do avião.

Bell empunhava um dos revólveres que trazia. Em outras circunstâncias. Percey teria achado aquilo meio paranóico, mas, no momento, não era o caso.

Pararam um instante quando já estavam a uns trinta metros de distância do Lear. Percey virou-se para olhar o Foxtrot Bravo, cuja superfície prateada refletia as luzes dos holofotes; nesse instante, ouviu-se uma explosão ensurdecadora. Ela lançou-se ao chão, enquanto a aeronave se desintegrava numa enorme bolha de chamas alaranjadas, fazendo chover pedaços de metal por toda a área.

— Oh... — foi o que ela pode dizer, levando a mão à boca. Não restava sequer uma gota de combustível nos tanques, é claro, mas a preciosa carga ardeu furiosamente enquanto os caminhões dos

bombeiros se precipitavam para a frente, despejando montanhas inúteis de espuma branca sobre os destroços fumegantes.

# CAPÍTULO ONZE

**Hora 42, de 45**

**R**HYME REPAROU que já passava das 3:00h da manhã.

Percey Clay estava voando de volta para a Costa Leste num jato do FBI, e dali a poucas horas estaria a caminho do tribunal para comparecer diante do grande júri. E Rhyme ainda não fazia a menor idéia sobre onde estaria o Dançarino da Morte, o que estaria planejando e que identidade estaria assumindo naquele momento.

O celular de Sellitto chamou. Ele escutou alguns instantes e fez uma careta.

— O safado aprontou mais uma — disse. — Foi encontrado um corpo, não identificável, num túnel do Central Park. Perto da Quinta Avenida.

— Não identificável? Completamente? — perguntou Amelia Sachs.

— Parece que desta vez ele fez tudo com muito cuidado. Removeu mãos, dentes, mandíbula e roupas. O cadáver é de homem branco, trinta e poucos anos. Sadio, tipo atlético. Haumann acha que deve ser algum yuppie do East Side.

— Certo — disse Rhyme. — Tragam-no aqui.

— O corpo? Hum, está bem.

— Quer dizer então que o Dançarino conseguiu uma nova identidade — murmurou Rhyme, com irritação. — Como vai aparecer da próxima vez? — Ele suspirou e virou-se para Dellray. — Em que esconderijo estão pensando em colocar Percey desta vez?

— No nosso — disse uma voz vinda da porta do quarto. Todos se viraram para o homem corpulento parado no umbral.

— Ela vai para o nosso esconderijo de segurança — disse Reggie Eliopolos. — Vamos assumir a custódia dela.

O promotor ergueu na mão a ordem de custódia.

— Não acho uma boa idéia — disse Rhyme.

— Melhor do que a sua idéia de deixar morrer a nossa derradeira testemunha.

— Pode acreditar — disse Rhyme. — O Dançarino vai descobrir tudo.

— Ele teria de ser telepata — retrucou Eliopolos. Olhou em volta e notou a presença de Jodie. — Você é Joseph d'Oforio? Você vem também.

O homenzinho o encarou.

— Ei, espere um instante...

— Queremos apenas que você fique em lugar seguro até a hora do grande júri.

— Grande júri? Ninguém me disse que eu ia ter que depor.

— Você é uma testemunha material — disse Eliopolos.

— Não vou depor coisa nenhuma.

Então vai cumprir pena por se recusar a cooperar. Numa penitenciária comum. E você sabe muito bem que tipo de garantias vai ter lá dentro.

O rosto de Jodie se contraiu. Eliopolos virou-se para Rhyme.

— Por falar nisso, Rhyme, estamos processando você por interferência numa investigação criminal.

— Processando coisa nenhuma — interveio Sellitto.

— Você ouviu muito bem. Rhyme podia ter estragado nosso caso, deixando que Percey fizesse aquele voo. Trarei o mandado judicial na segunda-feira e vou me encarregar da acusação pessoalmente.

— Não sei se você sabe que ele esteve aqui — Rhyme disse, num tom tranquilo.

Eliopolos deteve-se. Depois de um instante, perguntou:

— Quem?

— Ele esteve aqui, de frente para esta janela, há menos de uma hora, — apontando um rifle com balas explosivas para dentro da casa.

Eliopolos piscou.

— E por que não disparou?

— Ah! — exclamou Rhyme. — Esta é a pergunta de um milhão de dólares. Tudo que sabemos é que ele matou um sujeito jovem no Central Park E mutilou o corpo para não ser identificado. Não tenho

a menor dúvida de que ele já sabe que a bomba não matou Percey, e que está de volta para terminar o serviço.

Sachs comentou:

— Você nunca teve de enfrentar alguém como ele.

Rhyme fitou-a e viu o vazio em seu olhar, o desespero contido. Eliopolos estava tirando dela a derradeira chance de apanhar o Dançarino. O criminoso tinha-se transformado numa obsessão para Amelia — tudo por causa daquela hesitação que ela tivera no aeroporto. A vida de Sachs tinha mudado a partir daquele momento, que ela interpretara como um instante de covardia. Mas, diferentemente do que acontecera com Rhyme, ela podia dar a volta por cima.

"Ah, Sachs", pensou ele, "dói muito ter de fazer isto, mas não tenho mina chance." Ele virou-se para Eliopolos:

Certo, tudo bem. Mas agora eu quero algo em troca, ou não direi onde Percey está.

O olhar de Eliopolos era gélido.

— O que vai querer?

— O Dançarino já mostrou que está disposto a matar as pessoas que o perseguem. Se vocês vão proteger Percey, quero que protejam também a principal pessoa envolvida nesta investigação.

— Você?

— Não. Amelia Sachs.

— Rhyme! Não! — exclamou ela, franzindo a testa.

"A inquieta Amelia Sachs... E eu a estou colocando diretamente na linha de fogo." Ele acenou com a cabeça, pedindo que ela se aproximasse.

— Quero ficar aqui — disse Sachs. — Quero encontrar esse canalha.

Rhyme sussurrou:

— Ele vai encontrar você, Sachs, não se preocupe. Quero você junto de Percey. Você é a única pessoa que entende o pensamento dele. Existe a possibilidade de que Percey venha a ser a primeira vítima que ele não conseguiu matar, e ele não está nem um pouco satisfeito com isto. Ele está desesperado. Sei disso.

Ela hesitou por um momento, depois assentiu.

— Muito bem — disse Eliopolos. — Vamos andando. Tenho uma van lá fora.

— Sachs? — disse Rhyme.

Ela fez uma pausa e Eliopolos disse:

— Vamos, agente. Temos pouco tempo.

— Desço num minuto — disse Sachs. Ela e o promotor se encararam por alguns instantes; ele foi o primeiro a baixar a vista, e chamou o policial que o acompanhava. Os dois escoltaram Jodie até a saída.

— Sachs — chamou Rhyme. Ele pensou em dizer algo sobre a importância de evitar atitudes heróicas, sobre Jerry Banks, sobre ela

ser exigente demais consigo mesma, sobre esquecer os mortos... mas limitou-se a aconselhar: — Atire primeiro.

Ela pousou a mão sobre a mão esquerda dele. Ele fechou os olhos e tentou sentir a pressão da pele dela contra a sua, e de fato julgou ter sentido algo no dedo anular. Ergueu os olhos para ela.

— E quanto a você, é bom ter alguém com juízo por perto — disse Sachs, indicando Sellitto e Dellray com um gesto.

Um médico do Serviço de Emergência surgiu à porta, olhando a estranha cena no quarto: Rhyme, equipamento, a bela policial ao seu lado. Ele pigarreou e perguntou, hesitante:

— Foi aqui que pediram um corpo?

— Aqui mesmo! — gritou Rhyme. — Traga-o. Precisamos dele agora.

A VAN ATRAVESSOU um portão e logo estava rodando numa estrada asfaltada de pista única, que parecia se estender por quilômetros e quilômetros.

— Se isto é a estrada — disse Roland Bell —, mal posso esperar para ver a casa.

Ele e Amelia Sachs ladeavam Jodie, que os irritava com sua inquietude, mexendo-se o tempo todo dentro do colete à prova de balas, examinando as sombras, os portões das casas, os carros que seguiam pela rodovia de Long Island. No banco do fundo vinham dois agentes da 32-E armados com metralhadoras, e Percey Clay ia nu Único da frente. Ao apanharem Bell e Percey no aeroporto de La

Guardia, Sachs tinha sentido um choque ao ver a expressão de total resignação no rosto da outra mulher. Percey estava ao celular, falando com Ron Talbot. Sachs deduziu que a US Medical não tinha sequer esperado que as cinzas do avião esfriassem para cancelar o contrato. Percey fechou o celular e comentou distraidamente:

— A companhia de seguros não quer pagar sequer o valor da carga. Eles dizem que eu assumi um risco deliberadamente. E isto é tudo.

E completou, secamente: — Estamos falidos.

Os pinheiros passavam velozes, de ambos os lados da estrada. Quando se aproximaram da casa, Jodie começou a mexer no cinto de segurança, atingindo Sachs com o cotovelo, mais uma vez.

— Desculpe — murmurou.

Sachs teve vontade de atirar nele.

A NOITE estava encoberta, cheia de mantos de névoa, mas Sachs conseguia enxergar o bastante para perceber que a casa era uma combinação desordenada de troncos e sarrafos. A floresta em volta tinha sido abatida num raio de 200m. Por trás da casa havia um lago amplo, quieto.

Quando pararam, Reggie Eliopolos desceu da van que seguia à frente e mandou que saíssem do automóvel. Levou-os para dentro do casarão, entregando-os aos cuidados de um homem de rosto redondo que parecia cordial, embora não sorrisse uma vez sequer.

— Sejam bem-vindos — disse ele. — Sou o chefe de polícia David Franks. Vou lhes explicar como funciona este nosso lar-fora-de-casa. Este é o refúgio de testemunhas mais seguro do país. Nós temos sensores de peso e sensores de movimento embutidos por todo o espaço em volta da casa. Ninguém, pode passar sem disparar vários alarmes diferentes. Se algo acontecer, vocês ouvirão uma sirene. Nesse caso, fiquem onde estão. Não saiam. Vamos ter quatro policiais aqui dentro. Dois outros estão na entrada principal, e dois na parte de trás, perto do lago. E se vocês apertarem aquele botão de emergência ali, em vinte minutos teremos aqui um helicóptero Huey cheio de rapazes da SWAT.

O rosto de Jodie deixou transparecer que para ele vinte minutos eram uma eternidade. Sachs foi forçada a concordar com ele. Eliopolos tomou a palavra:

— Às 6:00h, uma van blindada estará aqui para levar vocês para o grande júri. Lamento que tenham tão pouco tempo para dormir. Se minha vontade tivesse prevalecido antes, vocês teriam passado esta noite inteira aqui, dormindo.

Ninguém disse uma só palavra de despedida quando ele se retirou. Franks recomeçou as instruções.

— Não saiam da casa sem um guarda-costas. Aquele telefone ali... — e ele apontou um telefone bege, num recanto da sala de estar — é seguro. Isto é tudo. Alguma pergunta?

— Sim — disse Percey. — Tem bebida aqui?

Franks agachou-se diante de um armário e extraiu de lá uma garrafa de vodca e outra de bourbon.

— Gostamos de deixar nossos hóspedes satisfeitos — disse, colocando as duas sobre a mesa. — Estou indo para casa. Boa noite, Tom.

Após cumprimentar o policial parado à porta, ele acenou na direção dos quatro visitantes que continuaram parados, presenças incongruentes no meio daquela cabana de caça, com duas garrafas de bebida à disposição.

O telefone tocou, sobressaltando-os. Um dos policiais atendeu ao terceiro toque.

— Alô? — Ele escutou, depois virou-se para as duas mulheres.  
— Amelia Sachs?

Ela agradeceu e pegou o aparelho. Era Rhyme.

— Sachs, até que ponto isso aí é seguro?

— Bastante bom — disse ela. — Alta tecnologia. Teve sorte com o corpo?

— Quatro homens desaparecidos em Manhattan nas últimas quatro horas. Talvez possa ser um advogado. Pergunte a Jodie se o Dançarino mencionou alguma vez que pretendia entrar no prédio do tribunal durante o grande júri.

Ela perguntou e informou a Rhyme que Jodie não lembrava de nada parecido.

Está bem. Obrigado. Ligarei mais tarde, Sachs.

Depois que desligaram, Percey perguntou:

— Alguém toma uma dose?...

Sachs e Roland Bell recusaram, mas Jodie optou por um uísque duplo antes de se recolher, abraçado ao exemplar do livro de auto-ajuda.

LA FORA, no ar espesso da primavera, o zunido das cigarras e o mugido cavo do sapo-boi soavam no ar como um aviso.

Olhando a escuridão pela janela, Jodie podia ver os fochos de luz de lanternas dos policiais irradiando-se através da neblina. Foi até a porta do seu quarto e olhou para fora. Dois policiais estavam sentados num cubículo de segurança, a sete metros dali. Os dois pareciam entediados. Ele ficou escutando, mas não ouviu nada além dos estalidos e rangidos de qualquer casa velha durante a madrugada.

Jodie voltou para a cama e sentou-se no colchão já bem usado. Apanhou a cópia muito manuseada de Dependente Nunca Mais. "Ao trabalho", pensou ele. Abriu o livro no meio e arrancou um pequeno pedaço de fita adesiva colado à parte inferior da lombada. Uma longa faca deslizou e caiu sobre a cama. Feita de um polímero impregnado de cerâmica, não seria acusada por um detector de metais. Era afiada como navalha num dos gumes e denteada como serra cirúrgica no outro. Ele mesmo a fizera. Como a maioria das armas perigosas, fazia apenas uma coisa: matava. E matava muitíssimo bem. Não teve receio de empunhá-la. Estava de digitais novas. A pele das pontas dos seus dez dedos tinha sido quimicamente raspada no mês anterior por um médico na Suíça e um novo padrão de impressões tinha sido aplicado

Sentado na beira da cama, olhos fechados, ele repassou a casa inteira: a sala de estar por onde tinham entrado, a localização de cada porta, cada janela, cada peça de mobília e as armas em potencial. Foi mentalmente até o telefone no canto da sala e avaliou o sistema de comunicação. Sabia exatamente como fora instalado e sabia, que se cortasse o fio a queda de voltagem mandaria um sinal imediato para o painel dos guardas e para a delegacia local. Melhor deixá-lo intacto. Não é um problema, apenas um fator.

Estava na hora de examinar as câmeras de vídeo da sala de estar, que o chefe de polícia tinha "esquecido" de mencionar. Elas tinham uma séria falha de design. Bastaria uma pancada leve no meio dolente para desequilibrar o sistema óptico interno. A tela ficaria escura, mas não faria soar nenhum alarme.

Pensou nas luzes: ele poderia apagar cinco, entre oito lâmpadas, até que todos os policiais estivessem mortos. Pensou nas distâncias e no ângulo de visão de quem estivesse fora da casa. Checou a localização das vítimas.

Deslizou a faca para dentro do bolso e foi até a porta.

Sem fazer ruído, encaminhou-se para a cozinha, apanhou uma colher de cabo longo numa prateleira, foi até a geladeira, serviu-se de um copo de leite. Seguiu para a sala de estar, caminhou ao longo das estantes, procurando algo para ler. Ao passar diante de cada câmera, estendia o braço e batia no meio da lente com a colher. Em seguida, colocou o copo e a colher sobre a mesa e entrou no cubículo dos policiais.

— Ei, dê uma olhada nesses monitores — um deles estava dizendo. Jodie aproximou-se do primeiro policial, que iniciou uma pergunta:

— Olá, senhor, tudo em ordem?...

Zás, zás. Com um vaivém da lâmina, Jodie abriu-lhe a garganta. O outro guarda levou a mão à arma, mas Jodie o apunhalou uma vez apenas; ele tombou. Foi uma morte trabalhosa, mas Jodie não queria usar novamente a arma naquele homem. Precisava do uniforme, e tinha de derramar o mínimo de sangue. Enquanto Jodie trocava de roupa, os olhos do policial agonizante pousaram no seu bíceps e, já meio desfocados, avistaram a tatuagem. Jodie abaixou-se para despi-lo e disse:

— Chama-se Dança Macabra. Está vendo? A Morte está dançando com sua próxima vítima. Este caixão ao lado é o dela. Gosta?

Ele perguntou com curiosidade sincera, embora não esperasse I cs posta. E não recebeu nenhuma.

MEL COOPER colocou as luvas de látex e parou diante do cadáver.

— Posso tentar as impressões plantares — sugeriu, sem muito entusiasmo.

Os sulcos de fricção produzidos nas solas dos pés formam um padrão tão único quanto o das impressões digitais, mas não são catalisados nos bancos de dados dos serviços de identificação.

— Não perca seu tempo — murmurou Rhyme.

"Quem será ele?", perguntou-se Rhyme, observando o corpo mutilado à sua frente. Ah, esta era a pior sensação possível, a de estar com uma pista enorme, palpável, nas mãos... e não saber o que significava.

Seus olhos vaguearam pelo mapa dos indícios afixado à parede. O corpo que examinavam era como as fibras verdes que tinham encontrado no hangar: significativo, mas indecifrável. E, sem ajuda adicional, retalhar ainda mais o cadáver de nada adiantaria.

"Digitais... Daria qualquer coisa por uma bela e nítida digital", ruminou Rhyme. Talvez...

Deu uma risada.

— O que foi? — perguntou Sellitto, enquanto Dellray erguia uma sobrancelha.

— Está bem, ele não tem mãos. Mas qual é a única parte do corpo onde ele toca, com certeza?

Todos se entreolharam.

Se ele urinou nas últimas duas horas... — disse Cooper.

Colocando outro par de luvas sobre as primeiras, pôs-se a trabalhar com cartões Kromekote para recolher impressões. Conseguiu duas excelentes, e as enviou para o sistema automático de identificação.

Uma mensagem na tela: "Espere, por favor."

"Tem de haver um registro", pensou Rhyme, em desespero. Por favor!

Havia. Mas quando a resposta surgiu na tela, Sellitto, que estava mais próximo ao computador de Cooper, ficou observando o monitor com um rosto incrédulo.

— Mas que diabo é isto?! — disse ele.

— O que é? — exclamou Rhyme. — Quem é ele?

— É Kall.

— O quê?

— É Stephen Kall — repetiu o outro. — Nenhuma dúvida possível. "Como?", pensou Rhyme. "Que diabos ele fez agora?"

ELE NÃO ERA insensível à poesia. "O Dançarino da Morte... Gosto disto", pensou. Muito melhor do que algo idiota como "Jodie".

Um nome era algo importante, ele sabia. Lera filosofia: o ato de nomear ocorria apenas entre os humanos. O Dançarino conversava agora, silenciosamente, com o falecido Stephen Kall. "Foi de mim que você ouviu falar. Eu sou aquele que chama suas vítimas de corpos. Você as chamava de 'Marido', 'Esposa'. Mas eu, depois de contratado, os trato apenas por Corpos." Ajeitando o uniforme de policial, ele desceu na penumbra até o hall do térreo, encaminhando-se para o Terceiro Corpo.

"A Esposa, se você prefere, Stephen Kall. Que criatura complicada e nervosa você era. Com aquelas mãos esfregadíssimas

e aquele 'infiltrar, avaliar, delegar, isolar, eliminar'. Neste trabalho existe apenas uma regra: é preciso estar sempre um passo à frente de todos."

Ele tinha duas pistolas, mas não queria usá-las prematuramente. Se desse um passo errado naquele momento, não teria outra chance de matar Percey Clay antes que o grande júri se reunisse. Entrou, silencioso, numa sala onde estavam mais dois guardas. Um deles, vendo o uniforme, voltou a ler o jornal, mas logo ergueu os olhos novamente.

— Espere aí — disse, mas a lâmina do Dançarino não esperou. O homem dobrou-se para a frente e morreu sobre a página 6 do Daily News, tão silenciosamente que o seu parceiro nem sequer tirou os olhos da TV.

— Espere o quê? — foi tudo que disse, sem se virar.

Morreu com um pouco mais de barulho, mas ninguém nos outros aposentos pareceu ouvir. O Dançarino ocultou os dois corpos embaixo da mesa.

Ao sair pela porta dos fundos, certificou-se de que não havia sensores no umbral e deslizou para fora. Os dois policiais no portão principal estavam alertas, mas virados de costas para a casa. Morreram quase sem ruído. Quanto aos dois que estavam à beira do lago, um deles soltou um lamento, mas ninguém pareceu notar. O som, o Dançarino decidiu, assemelhava-se ao pio de um mergulhão, indo em direção ao raiar cinza e rosa da aurora.

— ALGUÉM o matou — murmurou Sellitto. — Por quê?

Mas "por que" não é a pergunta que um criminalista se faz.

O criminalista pensa nos indícios, nas pistas. Rhyme voltou a olhar os mapas e diagramas das cenas dos crimes na parede, checou, mais uma vez, todas as evidências. As fibras, as balas, o vidro quebrado. "Analise. Pense. Você sabe como se faz. Já fez isso um milhão de vezes. Você identifica os fatos, anuncia suas premissas." Premissas, pensou Rhyme. Havia uma premissa gigantesca neste caso, desde o começo: a crença de que Stephen Kall era o Dançarino da Morte. Mas, e se fosse alguém que o matador estivesse usando como arma? Se fosse assim, entre os que até agora não tinham se encaixado poderia haver uma combinação.

Ele examinou os diagramas e quadros. Mas não havia nada duvidoso, a não ser as fibras verdes encontradas no hangar do aeroporto.

Não temos nenhuma roupa de Kall — disse Rhyme. — Temos alguma coisa com que ele tenha entrado em contato?

Sellitto encolheu os ombros.

Bem... Tem Jodie.

Jodie trocou de roupas aqui, a uma certa altura, não é isso? Quero ver essas roupas.

— Uh... — disse Dellray. — Não são muito agradáveis.

Cooper as encontrou e trouxe-as. Escovou-as com força, aparando os resíduos em folhas de papel-jornal. Em seguida começou a montar as lâminas e a passar as amostras sob o microscópio.

— O que temos aqui? — perguntou Rhyme, observando o monitor.

— O que é essa coisa branca? — perguntou Cooper. — Esses grãos. Tem muito disso. Estava nas costuras das calças.

Rhyme sentiu o rosto afogueado.

— Sei o que é — sussurrou ele. — É um oólito. Uma espécie de areia das Bahamas, que vem trazida pelo vento.

— Bahamas? — Cooper franziu a testa. — Onde foi que acabamos de ouvir falar nas Bahamas?

Ele olhou ao redor, mas Rhyme já estava com os olhos na parede, no relatório do FBI sobre a areia que Amelia Sachs recolhera na semana passada no carro do desaparecido Tony Panelli.

A substância submetida a análise não é areia, tecnicamente falando. Trata-se de oólitos, fragmentos de coral extraídos de formações de arrecifes... Origem mais provável, norte do Caribe: Cuba, Bahamas.

O agente desaparecido de Dellray, um homem que saberia onde era o esconderijo mais seguro dos federais em Manhattan. Que revelaria esse endereço, se submetido a tortura, de modo que o Dançarino pudesse esperar que Stephen Kall aparecesse, tornar-se seu amigo e depois dar um jeito de ser capturado e levado para junto das vítimas.

— O Dançarino é Jodie! — esbravejou. — Liguem para a tal casa, agora!

Sellitto pegou o fone e discou.

Seria tarde demais? "Meu Deus, Amelia, o que foi que eu fiz?" O céu estava assumindo uma tonalidade cor-de-rosa. Uma sirene soou à distância.

O falcão-peregrino macho estava desperto, pronto para sair à caça. Sellitto expôs um semblante desesperado e disse:

— Ninguém atende.

PERCEY recostou-se na cama, fechando os olhos. Amelia Sachs retirou o copo de bourbon dos seus dedos e apagou as luzes do quarto. Fazendo uma pausa no corredor para olhar a luminosidade do amanhecer, ela se deu conta de que o telefone do hall estava tocando há bastante tempo.

— Por que ninguém atendia?

Ela não avistou os dois guardas. O local parecia mais escuro do que estava algum tempo atrás. Esquisito, pensou ela. E que cheiro era aquele?

O telefone tocou insistentemente, até finalmente interromper-se no meio de um toque. Silêncio. Em seguida, ela ouviu uma pancadinha e algo sendo arrastado.

Entrou no seu quarto e ligou o comutador. Despindo a blusa, tirou também o volumoso colete à prova de balas. Não tão volumoso quanto o de Jodie, claro. Que figura, o Jodie. Aquele... de que mesmo Dellray o chamava? Esqueleto. Um pobre vagabundo desnutrido. Ela voltou a vestir a blusa e deitou-se sobre a colcha da cama. Fechou os olhos.

"O Dançarino da Morte", pensou. Como tentaria chegar até eles? Qual seria sua arma? Sua arma mais perigosa é o despistamento.

Sentiu uma necessidade súbita de falar com Rhyme, para saber se ele descobrira algo. Quase podia ouvi-lo dizer: "Se eu tivesse descoberto algo, já teria ligado. Não falei que daria notícias?" Ainda assim, ela duvidava que ele estivesse dormindo.

Puxou o celular do bolso e ligou o aparelho. No mesmo instante, ele começou a tocar. Ela atendeu, hesitante.

— Alô?...

— Graças a Deus. — O tom de pânico daquela voz eletrizou-lhe a espinha.

— Oi, Rhyme. O que...

— Ouça com atenção. Está sozinha?

— Sim. O que houve?

— Jodie é o Dançarino. Stephen Kall era o despistamento. Jodie o matou. Foi o corpo dele que encontramos no parque.

— Mas como...

— Não dá tempo de explicar. Ele está pronto para matar vocês todos agora mesmo. Se os policiais já estiverem mortos, pegue Percey e Bell e corram daí. Dellray chamou a SWAT, mas eles vão levar vinte ou trinta minutos.

— Mas temos oito guardas aqui. Ele não pode matar todos.

— Sachs, lembre-se de quem é ele. Ligue quando estiverem em segurança. Agora!

Ela correu para a porta, abriu-a, puxou a arma. O corredor e a sala se estendiam à sua frente. Ela escutou. Um ruído abafado. Um tinido de metal. De onde vinham aqueles sons?

Sachs deslizou para o quarto de Roland Bell, o mais silenciosamente que pôde. Ele estava cochilando numa poltrona, mas acordou ao ouvi-la entrar.

— Ei, o que houve?

— Jodie é o Dançarino. Rhyme acabou de ligar.

— O quê? Mas, como?

— Não sei. — Ela deu um passo para fora do quarto, trêmula de pânico. Onde estão os guardas?

A sala estava vazia. Então ela reconheceu o odor que a inquietara há pouco. Era sangue. Um cheiro como o de cobre aquecido. Ela compreendeu que os guardas estavam mortos. Puxou a pistola Glock e franziu a testa.

— Ah, não. Meu pente de balas.

Tinha sumido. Ela apalpou o cinturão. Os pentes de reserva também não estavam mais lá.

Bell puxou sua Glock e a Browning. Ambas estavam descarregadas.

— No carro — gaguejou Sachs. — Ele estava sentado entre nós, mexendo-se o tempo todo.

— Vi um armário com rifles de caça na sala — disse Bell.

O armário era vagamente visível à luz do amanhecer. Bell correu para lá, enquanto Sachs ia até o quarto de Percey. A mulher estava adormecida na cama. Sachs fechou a porta e voltou para o corredor.

Bell já vinha de volta.

— Arrombaram o armário. Os rifles sumiram.

— Vamos acordar Percey e cair fora daqui.

Ouviu-se um ruído a certa distância, o clique da trava de segurança de um rifle.

Sachs agarrou a gola do paletó de Bell e puxou-o para o chão. O estrondo do tiro, quando a bala rompeu a barreira do som exatamente ao passar por sobre eles, foi ensurdecador. Sachs sentiu um cheiro de queimado vindo de seus próprios cabelos.

Correram para a porta do quarto de Percey, que se abriu justamente quando os dois vinham chegando; Percey deu um passo para fora, mas Bell jogou-a para dentro com um encontrão. Sachs seguiu os dois, tropeçando, bateu a porta, trancou-a por dentro e correu para a janela, que estava aberta.

— Caiam fora, vamos, já!

Bell ergueu a estonteada Percey do chão, enquanto tiros sucessivos de um fuzil de grande calibre espatifavam a madeira da porta em torno do fecho de segurança.

Os três se jogaram pela janela e puseram-se a correr pelo relvado, já claro com a luz da aurora.

# CAPÍTULO DOZE

**Hora 44, de 45**

**S**ACHS DETEVE-SE à beira do lago. A névoa, avermelhada pela claridade do sol nascente, flutuava em cortinas espectrais sobre a superfície acinzentada e imóvel da água.

Sachs olhou para a casa. Nenhum sinal de Jodie. Agachou-se junto do cadáver de um dos guardas. Seus dois coldres estavam vazios, é claro, nada de munição. "Mas ele é um mero ser humano, Rhyme."

Ao revistar o corpo já frio ela encontrou o que procurava: a arma de reserva do policial, num coldre preso sob a axila. Uma arma boba. Um colt de cano curto, cinco tiros. Ela olhou para a casa justamente a tempo de ver o rosto de Jodie espreitando pela janela. Ele ergueu o rifle. Sachs apertou o gatilho repetidamente até esvaziar o tambor do revólver, depois saiu em disparada, rodeando o lago, seguida por Bell e Percey. Correram como loucos, em ziguezague, pela grama embebida em orvalho. A uns cem metros da casa ouviram o primeiro tiro, que fez um torrão de terra voar perto de Percey Clay.

— No chão! — ordenou Sachs, apontando para uma depressão no solo. Os três rolaram para lá no instante em que o rifle voltou a disparar.

Ainda estavam a uns cinquenta metros do bosque. Tentar atingi-lo, naquele momento, seria suicídio. Sachs ergueu o rosto. Um instante depois, um projétil sibilou no ar, passando muito perto. Ela sentiu o mesmo terror paralisante que experimentara no aeroporto. Enterrou a face na grama.

Bell levantou a cabeça e abaixou-a rapidamente. Outro tiro passou a centímetros dele.

Acho que o vi — disse ele, com voz entrecortada. — Os arbustos à direita da casa. Naquela elevação ali.

Sachs rolou uns dois metros para a direita, ergueu e abaixou a cabeça quase no mesmo segundo. Bell tinha razão: o assassino estava na encosta de uma pequena colina; ela avistou o reflexo da lente do telescópio. Se ele subisse mais, a trincheira rasa onde se abrigavam não ofereceria mais abrigo.

Passaram-se cinco minutos sem que soasse um tiro. Provavelmente ele estaria subindo com todo cuidado para o alto da colina. E o helicóptero da SWAT, que não chegava!

Sachs fechou os olhos com força, aspirando o cheiro de terra e grama.

"Você o conhece melhor do que ninguém, Sachs."

"Mas, Rhyme", pensou ela, "este não é Stephen Kall. Não foi na mente de Jodie que eu consegui penetrar."

"Tente adivinhar os pensamentos dele, Sachs. Sua arma mais perigosa — minha arma mais perigosa — é o despistamento."

— Vocês dois — disse Sachs de repente, olhando em redor. — Ali.

Ela apontou na direção de uma pequena ravina. Bell assentiu, concentrado, e seguiu naquela direção, puxando Percey pelo braço.

Sachs checou sua arma. Quatro cartuchos. O bastante, se fizesse tudo certo.

— Haja o que houver, fiquem abaixados — disse ela, pondo-se de joelhos.

— É um tiro de cem metros, Amelia — disse Bell baixinho.

Ela o ignorou e ficou de pé. Não se agachou, não se virou de lado: firmou-se na clássica posição de tiro com a arma erguida nas duas mãos. De frente para a casa, de frente para a figura deitada na encosta da colina com o rifle de mira telescópica apontado para ela. A pequena arma de cano curto em sua mão parecia tão leve quanto um copo de uísque.

Ela apontou para o brilho na lente do telescópio, à distância de um campo de futebol. O suor e a neblina umedeciam-lhe o semblante. Obrigou-se a dominar o pânico.

"Espere. Escute... fique escutando... Agora!"

Ela girou nos calcanhares e deixou-se cair de joelhos no instante em que um tiro espocou, oriundo dos troncos de árvore às suas costas. A bala passou por cima de sua cabeça.

Sachs encarou um Jodie atônito, com o rifle de caça ainda colado ao rosto. Ela lhe adivinhara a estratégia — deixar o rifle telescópico preso nos braços de um dos guardas mortos, enquanto

dava a volta pelo meio do bosque para atacá-los por trás. Por um segundo, nenhum dos dois se moveu. Um leve sorriso surgiu nos lábios de Sachs quando ela ergueu a arma com as duas mãos.

Num movimento frenético, o Dançarino ejetou o cartucho vazio e inseriu outro na câmara, mas quando ergueu a arma Sachs já estava disparando. Dois tiros.

Os dois o atingiram, jogando-o para trás, enquanto o rifle caía para um lado.

— Fique com Percey, detetive — disse ela para Bell.

Encontrou Jodie caído na relva, de rosto para cima. Um dos tiros dela tinha partido o ombro esquerdo do assassino. O outro tinha acertado a mira telescópica do fuzil, cravando estilhaços de metal e vidro em seu olho direito. Ela engatilhou o revólver e apertou o cano de encontro à têmpora de Jodie, enquanto o revistava. Uma pistola Glock e uma longa faca de carbureto.

— Tudo bem — anunciou ela, enquanto o algemava.

O Dançarino tossiu e cuspiu, limpando o sangue que lhe toldava o olho que permanecera intacto. Quando ergueu a cabeça, viu que Percey Clay se erguia do chão, encarando-o.

Ele deu um gemido horripilante, mas permaneceu imóvel.

O trio ficou de pé à sua volta, vendo o sangue empapar lentamente na relva ao redor. Dali a instantes ouviram o farfalhar de um helicóptero que se aproximava sobre as árvores.

— É CONTRA o regulamento, Lincoln. Não posso permitir —  
teimava Lon Sellitto.

Mas Rhyme era ainda mais teimoso.

— Só quero meia hora com ele.

— Eles subiram pelas paredes quando eu sugeri. Você é um  
civil.

Eram quase 10:00h da manhã de segunda-feira. O depoimento de Percey diante do grande júri tinha sido adiado para a tarde seguinte. Os mergulhadores da Marinha haviam encontrado os sacos que Philip Hansen atirara nas águas do estreito de Long Island, e eles tinham sido levados às pressas para uma equipe de especialistas do FBI, para exame.

— Por que estão tão preocupados? — disse Rhyme em tom irônico. — Não vou bater nele. Fui eu quem o pegou. Mereço uma chance de falar com ele.

— Tudo bem, vamos lá — disse Fred Dellray a Sellitto. — Um pouco de tempo, e pronto.

— Está bem — concordou Sellitto. — Vou ligar para lá.

— QUAL é seu nome verdadeiro? Joe ou Jodie?

— Que tal me chamar como vocês me batizaram? O Dançarino. Gosto disso.

O homenzinho examinou Rhyme atentamente com o olho são. Seu braço esquerdo estava preso num colete de gesso, mas ele

ainda usava pesadas algemas, presas a uma corrente na cintura. Seus pés estavam acorrentados também.

— Como quiser — disse Rhyme. Ele continuava observando o homem à sua frente como se fosse um esporo vegetal encontrado na cena do crime.

O Dançarino sorriu, o que deu ao seu rosto uma expressão grotesca, devido aos nervos faciais atingidos e às bandagens. De vez em quando, seu corpo era percorrido por tremores e seus dedos se contraíam; o ombro partido erguia-se e abaixava-se involuntariamente. Rhyme tinha a curiosa sensação de ser um homem sadio, enquanto o outro seria um inválido.

Em terra de cegos, quem tem um olho é rei.

O Dançarino sorriu.

— Está morrendo de vontade de saber como eu fiz tudo, não é?

Rhyme deu um estalido com a língua.

— Ah, isso eu sei. Só pedi que o trouxessem aqui porque queria falar com você... com o sujeito que quase me passou a perna.

— Quase... — O Dançarino deu um sorriso retorcido. Era uma imagem de dar calafrios. — Muito bem, então me diga.

Rhyme bebeu um gole pelo canudinho. Era suco de frutas. Para assombro de Thom, ele tinha pedido um "ponche havaiano", em vez de uísque escocês.

— Muito bem — disse ele. — Você foi contratado para matar Ed Carney, Brit Hale e Percey Clay. Pagaram-lhe muito bem. Algo na faixa dos seis algarismos.

— Sete — disse o Dançarino, orgulhosamente.

Rhyme ergueu uma sobrancelha.

— Você depositou o dinheiro nas Bahamas. Obteve o nome de Stephen Kall em algum lugar, provavelmente em alguma rede clandestina de matadores de aluguel, e o contratou, "terceirizando" o serviço. Fez tudo anonimamente, talvez através de e-mails. Nunca o encontrou pessoalmente, é claro. Imagino que fez um teste antes. Correto?

— Claro. Um trabalho na área de Washington. Segui-o passo a passo. Acho que ele me viu à janela e revistou o local em busca de testemunhas. Muito profissional.

Rhyme continuou:

— Você achava que ele era ótimo, mas não sabia se era bom o suficiente para dar cabo dos três. Provavelmente você achou que ele conseguiria eliminar pelo menos uma das vítimas, mas isso lhe daria a chance de chegar perto das outras duas.

O Dançarino assentiu com relutância:

— Fiquei admirado de que ele tivesse conseguido matar Hale. Ah, sim, e fiquei mais surpreso ainda quando ele conseguiu escapar e instalar a segunda bomba no avião de Percey Clay.

— Você percebeu que teria de matar pessoalmente pelo menos uma das vítimas; portanto, na semana passada, transformou-se em

Jodie, vendendo drogas na rua até se tornar conhecido. Sequestrou o agente do FBI e descobriu em que esconderijo, em Manhattan, as testemunhas iam ficar. Deixou que Stephen o levasse consigo no túnel do metrô. Deixou uma porção de pistas para que pudéssemos encontrar o seu "abrigo" lá. Todos nós acreditamos em você. Claro que acreditamos, Stephen não tinha a menor idéia de que você era o contratante dele. Tudo que ele sabia é que você o havia traído. Uma cobertura perfeita para você, mas arriscada.

— O que é a vida sem riscos?

— Quando Kall estava no Central Park, você o abordou numa das alamedas e o matou. E aí nós ordenamos que você fosse para o abrigo em Long Island. A raposa trancada no galinheiro. Bem, isto é um resumo.

Os olhos do Dançarino fechou-se por alguns momentos e voltou a se abrir.

— Qual foi a pista? — perguntou. — Como descobriu?

— A areia — disse Rhyme. — Areia das Bahamas.

— Esvaziei os bolsos. Passei aspirador de pó.

— Nas dobras das costuras.

— Ah, sim. Claro. — Depois de um instante, o Dançarino acrescentou: — Ele tinha razão em ter medo de você. Estou falando de Stephen.

— Mas você não teve medo.

— Não. Eu não sinto medo. — De repente, ele fez um gesto com a cabeça, como se finalmente tivesse entendido algo que o vinha incomodando. — Ah... está tentando localizar meu sotaque, não é?

De fato, era o que Rhyme estava tentando fazer.

— Ele muda muito — prosseguiu o Dançarino. — Aliás, por que está me interrogando? Você é um investigador. Eu já fui preso. Hora de ir para a cama. Fim do filme. Olhe aqui, Lincoln, eu gosto de xadrez. Adoro xadrez. Você joga?

Sim, ele costumava jogar com Claire Trilling e gostava. Thom tinha insistido para que ele jogasse contra o computador.

— Não jogo há algum tempo — respondeu ele.

— Nós dois deveríamos jogar uma partida qualquer dia. Sabe um erro que muitos jogadores cometem? Eles ficam cheios de curiosidade pelo adversário. Isso os deixa confusos. E pode ser perigoso. Veja bem, o jogo está todo no tabuleiro, Lincoln. — Ele deu um sorriso retorcido. — Estou surpreso com você. Você é um criminalista, o melhor que eu já vi. E aqui está você embarcando numa espécie de jornada sentimental, tão patética... Quem sou eu? Ora, sou o cavaleiro sem cabeça. Sou Belzebu. Sou a rainha das bruxas. Sou "eles", quando o pessoal diz: "Cuidado com eles, eles vão te pegar." Você não vai conseguir meu nome, minha patente, meu número de série. Eu não jogo pelas regras da Convenção de Genebra.

Rhyme não pôde dizer nada.

Ouviu-se uma batida na porta. O transporte havia chegado. Os guardas seguraram o Dançarino pelo braço sadio e o ergueram. No meio dos dois policiais imensos, ele parecia um anão.

— Lincoln?

— Sim?...

— Você vai sentir minha falta. Vai se entediar muito — disse, com seu único olho fixo em Rhyme. — Sem mim, você vai morrer.

UMA HORA depois, passos pesados na escada anunciaram a chegada de Lon Sellitto. Vinha acompanhado de Amelia Sachs e de Dellray, e isto era sinal de problemas.

Sachs soltou um suspiro ao entrar, Dellray fez uma careta.

— Muito bem, desembuchem — disse Rhyme.

— Os sacos de lona — disse Sellitto. — Adivinhe o que havia dentro.

Rhyme suspirou, exausto, e sem a menor paciência para jogos.

Detonadores, plutônio e o cadáver de Jimmy Hoffa.

Sachs respondeu:

— Catálogos das páginas amarelas do condado de Westchester e um monte de pedras.

— O quê?! Tem certeza de que eram catálogos, e não registros em código?

— O pessoal da criptologia examinou tudo de fio a pavio — disse Dellray.

— Vão libertar o cretino do Hansen — murmurou Sellitto, taciturno.

— Não vão sequer levar o caso ao grande júri. Todas essas pessoas morreram... para nada.

Rhyme estava mergulhado em seus pensamentos, olhando para o mapa dos indícios na parede. O que era aquilo, que o inquietava tanto? Alguma coisa estava errada ali. Muito errada.

Fibras verdes, catálogos telefônicos e pedras.

Rhyme lembrou-se de algo que o Dançarino dissera — um cachê de algarismos.

Tinha a vaga impressão de que alguém lhe dirigia a palavra, de que Sachs se aproximava dele, tentando entender para onde estava olhando.

— Espere — disse ele.

— E subitamente, gritou: Thom! Thom! Preciso telefonar. Nunca sei onde esse sujeito se mete. Lon, pode discar um número para mim?

PIRCEY CLAY tinha acabado de chegar do funeral do marido quando Sellitto conseguiu localizá-la. Vestida de preto, estava agora sentada na cadeira de vime junto à cama de Rhyme. Roland Bell estava de pé encostado à parede.

Percey observava Rhyme com um misto de curiosidade e impaciência e Rhyme percebeu que ninguém lhe dera as más notícias. Covardes, pensou ele.

Percey... eles não vão levar Hansen diante do grande júri. Sabe aqueles sacos de lona?

Não havia nada neles.

— Não! — O rosto dela empalideceu. — Vão soltá-lo, então?

— Eles não conseguem achar nenhuma conexão entre ele e o Dançarino.

Ela levou as mãos ao rosto murmurou:

— Foi tudo em vão... Ed... Brit...

— O que vai ser da sua empresa agora? — perguntou Rhyme.

A pergunta pegou Percey de surpresa.

— Perdão?...

— Sua empresa. O que vai ser da Hudson Air?

— Vamos vendê-la. Temos uma oferta de outra companhia.

— Qual?

— Para falar a verdade, nem me recordo. Ron tem conversado com eles.

— Seu sócio Ron Talbot, não é verdade? Ele sabe da situação financeira da Hudson?

— Claro, tanto quanto os nossos contadores, e mais até do que eu.

— Pode pedir que ele venha até aqui?

— Acho que sim. Depois do funeral ele deve ter ido para casa.

— E... Sachs? — indagou Rhyme, virando-se para Amelia. — Temos outra cena do crime para vasculhar. Você vai fazer isso. E tem de ser muito rápido.

RHYME EXAMINOU O homem corpulento que entrou no quarto, envergando um terno azul-marinho de talhe ligeiramente militar. Imaginou que era o tipo de roupa que ele usava quando era piloto. Percey os apresentou e Ron Talbot grunhiu:

— Quer dizer que você pegou aquele bastardo. Acha que ele vai para a cadeira elétrica?

— Tudo que eu faço é recolher o lixo — disse Rhyme, com a satisfação que sempre sentia ao disparar uma frase de efeito. — O que a promotoria faz depois é problema dela. Percey lhe falou a respeito de Hansen?

— Sim. Disse que as provas eram furadas. Por que ele faria isso?

— Acho que sei a resposta, mas preciso de mais informações. Percey me disse que a empresa de vocês não tem andado muito bem.

Talbot encolheu os ombros.

— Estes dois últimos anos foram duros. Desregulamentação, uma porção de trabalhos pequenos... Nossas margens de segurança encolheram muito.

Suponhamos que o Dançarino da Morte tivesse sido contratado para matar Percey e Ed, para que o mandante do crime pudesse comprar a empresa a preço de banana?...

— Comprar que empresa? A nossa? — perguntou Percey, franzindo a testa.

— Mas por que Hansen faria isso? — perguntou Talbot. Sua respiração produzia um sibilar bem audível.

— Na verdade nem pensei em Hansen. Não poderia ser outra pessoa?

— Quem? — perguntou Percey.

— Não sei ainda. É só porque... há aquelas fibras verdes.

— Fibras verdes? — Os olhos de Talbot acompanharam os de Rhyme, que estavam fitos no mural da parede.

Todo mundo parece ter esquecido isto, menos eu. Essas fibras... — Ele fez um gesto indicando Amelia. — Minha parceira Sachs aqui as encontrou no hangar vazio que tinha sido alugado por Hansen. O hangar. Uma das várias coisas preparadas para implicar Hansen.

— Mas o assalto — disse Talbot. — Quando ele roubou as armas e matou os soldados... Todo mundo sabe que foi ele.

— Ah, sim, e provavelmente foi — concordou Rhyme. — Mas ele não saiu para brincar de bombardeio com sacos cheios de catálogos telefônicos. Outra pessoa o fez. Alguém que jamais imaginou que conseguiríamos recuperar os sacos.

Percey mexeu-se, inquieta.

— Mas quem? — perguntou Talbot. Amelia Sachs puxou três grandes envelopes pardos de dentro de uma bolsa e os colocou sobre a mesa. Dentro de dois deles havia livros de contabilidade. O terceiro continha envelopes em branco.

Vieram de seu escritório, Talbot — disse Rhyme.

Talbot deu uma risada sem muita convicção.

— Você não pode pegar isso sem um mandado.

Percey Clay franziu a testa.

— Eu dei permissão, Ron.

Rhyme olhou na direção de Mel Cooper, que disse:

— As libras verdes vieram de um livro-razão contábil. As brancas, de um envelope. Não há a menor dúvida de que são idênticas.

Rhyme prosseguiu, dirigindo-se a Talbot:

— Todos naquele aeroporto sabiam que Hansen estava sendo investigado. Você teve a idéia de se aproveitar disso. Assim, você esperou uma noite em que Ed, Percey e Brit estivessem trabalhando até tarde. Você roubou o avião de Hansen e jogou na água os sacos com as supostas provas. Você contratou o Dançarino. Ele me disse

que estavam lhe pagando uma soma de sete algarismos pelo trabalho. — Rhyme sacudiu a cabeça. — Eu devia ter entendido tudo quando ouvi isso. Hansen poderia mandar liquidar essas três pessoas por 200 mil. As cotações no mercado de execuções de aluguel estão muito baixas atualmente. O homem que contratou este serviço era um amador.

Um grito escapou da garganta de Percey Clay e ela saltou sobre Talbot.

— Como pôde fazer isso? Por quê?

Talbot deu um passo atrás, e Rhyme prosseguiu.

— A situação da Hudson Air era muito melhor do que você imaginava, Percey.

Acontece que a maior parte dos lucros estava indo para o bolso de Talbot. Ele sabia que cedo ou tarde seria apanhado e precisava se desembaraçar de você e de Ed.

— A opção da venda de ações — disse Percey. — Como sócio, você tinha o direito de comprar nossas cotas com desconto, no caso de nossa morte. Como pôde, Ron? — repetiu ela, em voz cava.

Talbot rugiu:

— Porque eu amava você!

— O quê?! — exclamou ela.

— Você riu de mim quando lhe propus casamento, e voltou para ele. — Talbot fez uma careta escarnekedora. — Ed Carney, o belo piloto de caças... — O rosto dele estava rubro de fúria. — E

então eu perdi a última coisa que tinha... fui proibido de pilotar. Não podia voar, nunca mais. Fiquei olhando vocês dois acumularem horas de voo dia a dia, mês a mês, enquanto eu me limitava a ficar sentado atrás de uma escrivaninha, manuseando papéis. Vocês tinham um ao outro... Podiam voar... Você não sabe o que significa perder as coisas que a gente mais ama.

Sachs e Sellitto observavam a tensão crescente em Talbot. Previram que ele iria tentar alguma coisa, mas não contavam com tamanha força física.

Quando Sachs deu um passo à frente, tirando a arma do coldre, Talbot jogou-se sobre ela com todo o peso do corpo, arremessando-a de encontro à mesa onde estavam as provas e jogando Mel Cooper contra a parede. Talbot arrebatou a pistola Glock da mão de Sachs e apontou-a para o grupo.

— Muito bem, joguem as armas no chão. Agora!

— Calma, rapaz — disse Dellray, olhando para o alto, cheio de paciência. — Vai fazer o quê? Sair pela janela? Não vai chegar a lugar nenhum, Talbot virou o cano da arma na direção de Dellray, com os olhos cheios de desespero. Sua aparência lembrou a Rhyme a de um urso encurralado. O agente federal e os policiais deixaram as armas caírem no chão. Bell fez o mesmo com as duas que trazia consigo.

— Aonde vai dar isso? — perguntou Talbot, indicando uma porta na parede.

— É um armário — disse Rhyme rapidamente, Talbot a abriu e deparou-se com o estreito elevador. Apontou a arma para Rhyme.

— Não! — gritou Sachs, que já estava novamente de pé.

— Ron, pense no que está fazendo, por favor — disse Percey.

Sachs olhou as pistolas caídas no chão, a alguns metros de distância.

"Nao, Sachs", Rhyme se exasperou. "Não faça isso." Os olhos de Talbot estavam agora olhando alternadamente para Dellray e Sellitto e para o painel do elevador, tentando entender como funconava.

— Pare com isso, Talbot — disse Sellitto. — Abaixе essa arma. "Por favor, Sachs, não tente nada. Ele vai perceber. Vai atirar na cabeça, como faz todo amador, e você morre."

Retesada, Sachs tinha os olhos fitos na Sig-Sauer caída aos pés de Dellray. No instante em que Talbot voltou a olhar o painel do elevador, ela jogou-se ao chão, pegando a arma de Dellray e rolando para o lado, mas, antes que pudesse erguê-la, Talbot apontou a Glock na ilusão dela.

— Não! — gritou Rhyme.

O estampido foi ensurdecedor. As vidraças estremeceram, e os falcões alçaram voo para o alto. Ron Talbot, com um pequeno furo vermelho na testa, permaneceu de pé por mais um segundo, até que desabou no chão num movimento em espiral.

— Puxa, cara — disse Mel Cooper, olhando seu pequeno revólver .39 Smith & Wesson na mão firme de Roland Bell. O detetive tinha-se posicionado atrás de Cooper e sacara a arma do coldre que este usava virado para trás.

Um lamento encheu o ar, quando Percey Clay caiu de joelhos junto ao corpo e começou a socar repetidamente o ombro maciço de Talbot. Por fim, Bell pôs o braço em volta dela e a afastou do cadáver de seu amigo e inimigo.

UM TROVÃO distante, uma chuva leve de primavera tarde da noite. A janela estava escancarada e o quarto enchia-se do ar frio da noite.

Amelia Sachs fez saltar a rolha de uma garrafa e derramou o chardonnay Cakebread na sua taça e na de Rhyme. Ela olhou para baixo e deu uma risada leve.

— Ah, não acredito — disse.

Na tela do computador, ao lado da cama de Rhyme, via-se a imagem de um tabuleiro de xadrez.

— Nunca vi você jogando com o computador. Com voz clara e articulada, Rhyme anunciou:

— Torre quatro do bispo da dama. Xeque-mate.

Uma pausa. O computador disse: "Parabéns", e executou uma versão digitalizada da marcha Washington Post, de John Philip Sousa.

— Não jogo por divertimento — disse ele. — Mantém a mente alerta. E minha máquina Nautilus. Quer jogar um dia, Sachs?

— Não jogo xadrez — respondeu ela, depois de um gole de vinho — Se algum cavalo atrevido vier ameaçar o meu rei, posso

derrubá-lo a tiros. Por falar nisso, quanto encontraram?

— O dinheiro que Talbot tinha escondido? Mais de cinco milhões.

— Onde está o Dançarino?

— Na Detenção Especial.

A Detenção Especial era uma instalação pouco conhecida do sistema carcerário. Rhyme nunca a vira — poucos policiais a conheciam —, mas jamais alguém fugira de lá em 35 anos.

Amelia Sachs tomou mais um gole de vinho e pensou consigo que era então ou nunca. Respirou fundo e falou:

— Rhyme, acho que você devia ir à luta. — Outro gole. — Puxa, pensei que não conseguiria falar isto.

— Perdão?...

— Ela é a pessoa certa para você. Pode ser uma coisa boa.

Eles raramente tinham dificuldade em se olhar nos olhos, mas agora Sachs mantinha os seus voltados para o piso. Ela prosseguiu:

— Sei o que você sente por ela. E ela não admite, mas sei que ela sente o mesmo por você.

— Quem?

— Você sabe quem. Percy Clay. Você está pensando que ela é uma viúva, que não vai querer se envolver com ninguém mais agora. Mas você ouviu o que Talbot disse... Carney tinha uma amante. Eles ficavam juntos porque eram amigos. E por causa da companhia.

— Eu nunca...

— Vá à luta, Rhyme. Estou falando sério. Você acha que não daria certo. Mas ela não liga para sua situação. E ela está certa... Vocês são muito parecidos.

Há momentos na vida em que um homem lamenta não poder erguer as mãos no ar e deixá-las cair, para demonstrar sua frustração.

— Sachs, de onde diabos você tirou essa idéia?

— Ah, por favor. É uma coisa tão óbvia. Eu tenho visto como você mudou desde que ela apareceu. Como você olha para ela. Como ficou obcecado em salvá-la. Eu sei o que está havendo.

— E o que está havendo?

— Ela parece com Claire Trilling, essa mulher que abandonou você anos atrás. É ela que você quer.

"Ah." Ele assentiu com um gesto. "Então é isso."

Ele sorriu e disse:

— Tudo bem, Sachs, eu andei pensando bastante em Claire nestes últimos dias. Menti quando disse que não.

— Sempre que você falava nela, eu percebia que você ainda estava apaixonado. Acha Percey parecida com ela, e quando a conheceu pensou que poderia ter alguém outra vez. Ela. Não eu. Tudo bem, é a vida.

— Sachs, não é de Percey que você deve ter ciúmes. Não foi por causa dela que pedi para você sair da cama naquela noite. Foi

por causa do Dançarino da Morte.

Ela serviu-se de mais vinho e ficou girando o copo distraidamente, Fitando o líquido claro.

— Não entendi.

— O que houve naquela noite? — Ele suspirou. — Eu tinha de criar uma barreira entre nós, Sachs. Não percebe? Eu não podia me aproximar tanto de você, não tanto assim, e depois mandar você para o perigo. Não posso deixar que isso aconteça de novo.

— De novo? — perguntou ela. E então uma expressão de entendimento se estampou no seu rosto.

"Ah, esta é minha Amelia", regozijou-se ele. "Uma boa criminalista. Uma boa atiradora. E esperta como uma raposa."

— Oh, não, Lincoln. Claire era...

— Ele confirmou.

— Ela era um dos técnicos que enviei para examinar a cena do crime em Wall Street. Foi quem detonou a bomba do Dançarino.

Então era por isso que ele estava tão obcecado pelo criminoso. Por que insistira, tão ao contrário do seu estilo, em conversar frente a frente com o assassino. Queria apanhar o homem que matou a mulher que ele amava. Queria saber tudo a respeito dele. Era vingança, vingança em estado puro. Lincoln Rhyme, apesar da perpétua imobilidade em que vivia, era um caçador, tanto quanto os falcões que frequentavam o beiral de sua janela.

— É isso, Sachs. Não tem nada a ver com Percey. E por mais que eu quisesse que você passasse aquela noite comigo, e todas as outras noites, não podia me arriscar a amar você mais do que já amo.

Era algo incrível, algo espantoso para Lincoln Rhyme ver-se a si próprio tendo um diálogo como aquele. Depois do acidente, ele chegara a acreditar que a viga que partira sua espinha tinha na realidade produzido um estrago muito maior no seu coração. Mas naquela noite recente, com Sachs deitada ao seu lado, ele percebera o quanto estava errado.

— Você entende, Amelia? — sussurrou ele.

— Trate-me pelo sobrenome — disse ela sorrindo, encaminhando-se para a cama.

Ela se inclinou e beijou-o na boca. Por um instante, ele afastou a cabeça, afundando-a no travesseiro, mas logo retribuiu o beijo.

— Não, não — disse. Mas voltou a beijá-la.

A bolsa de Amelia caiu no chão. Seu casaco e seu relógio foram colocados na mesa-de-cabeceira, e logo a pistola Glock se juntou a eles. Eles voltaram a se beijar, mas Rhyme afastou o rosto.

— Sachs, é muito arriscado.

— Deus não nos dá certezas — disse ela, enquanto os dois se encaravam, muito próximos. Ela levantou-se e foi até o interruptor.

— Espere — disse ele. Virou-se para o microfone preso à cabeceira e ordenou: — Apagar luzes.

O quarto mergulhou na escuridão.

**FIM**